



Jorge Filipe Rosete Tomé

A Gândara - Determinantes naturais e ocupação de um território

Relatório da prática pedagógica de Mestrado em Ensino de História e de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, orientado pelo Doutor Albano Augusto Figueiredo Rodrigues e pela Doutora Ana Isabel Sacramento Sampaio Ribeiro, apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Setembro de 2015



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A Gândara – Determinantes naturais e ocupação de um território

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Relatório de estágio
Título	A Gândara
	Determinantes naturais e ocupação de um território
Autor/a	Jorge Filipe Rosete Tomé
Orientador	Albano Augusto Figueiredo Rodrigues
Orientadora	Ana Isabel Sacramento Sampaio Ribeiro
Júri	Presidente: Doutora Adélia Jesus Nobre Nunes
	Vogais:
	1. Doutor Albano Augusto Figueiredo Rodrigues
	2. Doutora Margarida de Jesus Oliveira
	3. Doutora Maria Margarida Sobral Silva Neto
Identificação do Curso	Mestrado de História e Geografia do 3º ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário
Área científica	Geografia e História
Especialidade/Ramo	Formação de professores
Data da defesa	16-10-2015
Classificação	17 valores



Agradecimentos

Aqui pretendo endereçar vários agradecimentos às pessoas que influenciaram não só este trabalho, mas também a minha vida ao longo de todo o meu percurso académico, procurando assim deixar algumas palavras carregadas com um grande sentimento de gratidão.

Em primeiro lugar agradeço aos meus *orientadores da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, o *doutor Albano Figueiredo* e a *doutora Ana Isabel Ribeiro* pelo apoio prestado ao longo dos seminários, mas também pelo suporte prestado neste relatório de estágio.

Aos orientadores na *Escola EB 2,3 Carlos de Oliveira*, o *Professor João Fernandes* e a *Professora Sónia Silvestre* por toda a grande aprendizagem que me proporcionaram e pelo grande apoio, companheirismo e boa vontade que sempre demonstraram. Aproveito também para agradecer a todo o *corpo docente* da mesma instituição que me recebeu de braços abertos neste ano letivo e à *minha colega de estágio Ana Bastos* por toda a sua *colaboração*.

Aos meus primeiros *alunos*, que me proporcionaram um primeiro ano de lecionação agradável e repleto de boas recordações que levo para a vida, agradeço pela colaboração e interesse demonstrado ao longo de todo o ano letivo.

Agradeço também ao *Professor Cidalino Madaleno* que se disponibilizou de forma tanto surpreendente como agradável, ao auxiliar com o fomentar de informações preciosas sobre o tema deste trabalho, ao longo de uma longa reunião que acabou por se tornar numa agradável conversa sobre o tema. Endereço também um agradecimento à *Doutora Margarida Neto* que também se disponibilizou para se encontrar comigo com o fim de debater alguns elementos sobre a Gândara.

Ao *meu colega e amigo João Vilão* pelo suporte na cartografia deste trabalho, pois foi através do mesmo que entreei em contato com o *Ricardo Lopes* que teve todo o trabalho e mérito pela mesma, pessoa a quem também estendo a minha gratidão.

Ao *jornal Aurinegra*, ao seu *diretor e restante redação* agradeço a disponibilidade demonstrada no envolvimento na aplicação didática deste trabalho, tal como reconheço a amabilidade do *senhor Hélder Patrão da AAMARG* pela recetividade na realização da visita de estudo.

Não posso deixar de reconhecer o esforço e suporte financeiro prestado pela minha família a quem deixo um agradecimento, pois sem esse apoio seria certamente difícil chegar até aqui.

Em penúltimo lugar deixo um grande reconhecimento àqueles que se mantiveram junto a mim ao longo dos anos, àqueles que posso realmente chamar de *amigos* e cujos nomes não necessito de referir, porque sabem quem são.



Como os últimos são os primeiros, deixo um grande agradecimento especial à minha já companheira de longa data, a *Carolina*, que me apoiou, incentivou e disciplinou em alguns momentos, mas que sobretudo que me fez crescer ao longo de todo o meu percurso académico, além de me proporcionar sempre que possível bons momentos de distração tanto em relação ao trabalho em si como em relação à vida e às suas vicissitudes. Aproveito também para me desculpar pela obsessão e ausência resultantes da procura do realizar de um bom trabalho, porque tenho ideia do quão difícil foi lidar comigo em alguns momentos. Sei que sem ela não teria, provavelmente, chegado até aqui.



Índice

Resumo.....	4
Abstract.....	5
1. Análise do trabalho desenvolvido durante o Estágio Pedagógico	6
a) Caracterização da escola	6
b) As turmas.....	7
c) Condições e método de trabalho	8
d) Atividades desenvolvidas no decorrer do Estágio	8
e) Balço geral do Estágio Pedagógico	10
2. Nota introdutória.....	12
3. As determinantes naturais do território da Gândara	14
a) Delimitação do espaço	15
b) Paisagem Gandaresa	17
c) Geomorfologia Gandaresa.....	20
d) Os Solos.....	21
e) As Lagoas da Gândara.....	22
4. As atividades e o uso do solo	24
a) A agricultura.....	24
b) Atividade piscatória.....	26
c) A criação de gado.....	29

5. A ocupação do território da Gândara	30
a) As fases de ocupação da Gândara	30
b) A conflitualidade dos séculos XVII e XVIII	32
c) A desamortização de Baldios no século XIX	33
6. As mudanças do século XX	36
a) As vagas de emigração.....	36
b) Ourivesaria ambulante	37
c) O gado leiteiro e as cooperativas.....	39
Aplicação didática	41
a) Trabalhos de grupo.....	41
b) Viagem de estudo.....	43
c) Balanço geral da aplicação didática	45
Conclusão.....	47
Bibliografia	49
Referências online	51
Anexos.....	53

Resumo

O presente trabalho consiste no relatório de estágio pedagógico supervisionado, que foi realizado na escola EB 2,3 Carlos de Oliveira em Febres, no decorrer do ano letivo 2014/2015. No mesmo incluo uma abordagem científica relativa ao território da Gândara, baseada na investigação levada a cabo nos seminários de História e Geografia. Os seminários decorreram durante o referido período e foram lecionados pela Doutora Ana Isabel Ribeiro e pelo Doutor Albano Figueiredo, respetivamente, dando origem a este trabalho denominado por “Gândara – Determinantes naturais e ocupação de um território”. O presente trabalho é finalizado com uma abordagem didática ao tema científico, que originou o planejar e executar de uma aplicação didática. A aplicação baseou-se na realização de uma visita de estudo, e foi direcionada às duas turmas com as quais tive contato no decorrer do estágio.

Numa abordagem histórico-geográfica, o presente trabalho pretende ser uma referência a quem queira conhecer os traços gerais do território da Gândara, partindo do início da sua ocupação, que data ao século IX, até às mudanças ocorridas no século XX. Ao longo deste (grande) intervalo de tempo, é possível compreender o porquê de se considerar que o terreno gandarês é difícil, mas também perceber que o meio físico não foi o único obstáculo para o homem viver bem na Gândara.

Palavras-chave

Estágio pedagógico; Gândara; Transformações do território; Ocupação e uso do solo;

Abstract

This essay reports the different activities developed during the supervised teaching practice that had place at the EB 2,3 Carlos de Oliveira school in Febres during the 2014/2015 school year. It includes a scientific approach to the Gândara region based on the research conducted during the History and Geography seminars. Supervised by Ana Isabel Ribeiro (PhD) and Albano Figueiredo (PhD), which are the base for this report “Gândara – natural determinants and territory occupation”. The current report ends with a didactic approach to the scientific subject, and the subsequent planning and executing of the didactic application. The application was based on a field trip and was planed at both classes with which I contacted during my pedagogical training.

From a historical-geographical perspective, this essay aims to be a reference for those who wish to get to know the general features of the Gândara territory, since its occupation in the 9th century and through the changes of the 20th century. Over this period of time it is possible to comprehend not only the complexity of the Gândara territory, but also that the physical environment was not the only obstacle to a good life for man in Gândara.

Keywords

Internship teaching practice; Gândara; Land transformations; Land use and occupation;

I. Análise do trabalho desenvolvido durante o Estágio Pedagógico

Este trabalho representa a última fase da Prática Pedagógica Supervisionada, que está inserida no âmbito do segundo ano do Mestrado em Ensino da História e Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e Secundário, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. O estágio curricular iniciou-se em setembro de 2014, inserido no segundo ano do Mestrado de História e Geografia do 3º ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário. Numa primeira fase, o núcleo de estágio era constituído por 3 elementos, algo que mudou com a desistência de um elemento, ficando então o mesmo reduzido a dois elementos.

Neste estágio bidisciplinar de prática pedagógica supervisionada o corpo de orientadores foi constituído por 4 elementos. A professora Sónia Silvestre (história) e o professor João Fernandes (geografia) foram os orientadores da escola EB 2,3 Carlos de Oliveira, enquanto a professora Ana Isabel Ribeiro e o professor Albano Figueiredo, que além de nortear o desenvolvimento do presente relatório, assumiram o papel de orientação dos seminários de história e geografia respetivamente.

a) Caracterização da escola

A escola básica do 2º e 3º ciclo Carlos de Oliveira está situada em Febres, e é a antiga escola sede do agrupamento de escolas Finisterra. Porém, desde o início do corrente ano letivo esta encontra-se inserida no agrupamento Lima-de-Faria, cuja escola sede é a secundária Lima-de-Faria em Cantanhede. Além das referidas escolas, o agrupamento é também composto pelas escolas do 1º CEB de Balsas, Corticeiro de Cima, Covões, Febres, Fontinha, São Caetano e Vilamar, e pelos jardins-de-infância de Febres, Vilamar e Corticeiro de Cima.

No ano letivo de 2014-2015 estavam matriculados um total de 1210 alunos em todo agrupamento, 254 destes na escola EB 2,3 Carlos de Oliveira, distribuídos pelo 2.º ciclo (93), 3.º ciclo (140) e curso vocacional (21). O espaço físico da mesma é composto pela biblioteca, por várias salas equipadas com projetor e computador, um edifício exterior equipado para aulas de música, um gabinete de psicologia, um gabinete de ensino especial, bar, refeitório, um pavilhão e um espaço exterior para a prática física (com campo de futebol, pista de atletismo e caixa de areia em redor do mesmo), sendo ainda circundada por espaços verdes.

A oferta da escola, no que toca a atividades extracurriculares, é notável, passando pelo desporto escolar, por várias saídas de estudo, exposições temáticas (como foi o caso do dia da Europa, por exemplo), sessões de cinema regulares e pelo grupo de música, que chegou inclusivamente a ganhar algum reconhecimento num jornal local.

Em suma, este é um estabelecimento de ensino que oferece as condições necessárias aos seus alunos, funcionários e professores, sendo assim um espaço capaz de albergar todos os intervenientes no espaço escolar de uma forma eficaz.

b) As turmas

Mais importante do que caracterizar o meio físico envolvente durante o ano letivo é descrever o meio humano, mais especificamente as turmas com quem tive o prazer de trabalhar e onde detetei vicissitudes singulares. A tarefa que mais prazer me deu executar foi sem dúvida dar aulas, e quem as dá sabe que não há possibilidade de existirem duas iguais, algo que é sem qualquer dúvida influenciado pelas características únicas de cada turma. Assim sendo, durante este ano letivo tive contato com cinco turmas, o 8ºX e o 9ºY de geografia e o 7ºX, 7ºY e 7ºZ de história¹. A impossibilidade de haver contato com turmas de outros níveis na disciplina de história está relacionada com o horário atribuído à minha orientadora da disciplina, sendo também de realçar a ausência de contato com o 7º ano na geografia, justificável pelo conflito de horários entre as duas disciplinas.

As turmas de história foram aquelas que apresentaram entre si diferenças mais marcadas, sendo o 7ºX a turma mais agitada, com uma pequena maioria de rapazes (11 para 9 raparigas) e com 3 repetentes no 3º ciclo. Na mesma existia uma necessidade de chamadas de atenção um pouco mais frequentes em relação a outras turmas - algo talvez justificável pela hora a que a aula decorrida, nos últimos tempos de sexta-feira à tarde -, não tendo isto no entanto afetado os resultados, que de uma forma geral, foram do meu ponto de vista satisfatórios. A turma menos agitada era o 7ºY, onde existia uma maioria de raparigas (12 para 7 rapazes) e um repetente no 3º ciclo, sendo uma turma onde a necessidade de chamadas de atenção não visava maus comportamentos, mas sim a pouca intervenção no diálogo horizontal e por vezes vertical em ambiente de sala de aula. Algo que levou a que os resultados fossem de uma maneira geral apenas moderadamente satisfatórios. Aquela que considero que tenha sido a turma mais fácil de trabalhar foi o 7ºZ, que com uma maioria de rapazes (13 para 4 raparigas) e com 1 repetente no 3º ciclo, conseguia ser na generalidade uma turma interessada e perspicaz, onde as chamadas de atenção se prendiam predominantemente com a necessidade de controlar e ordenar a intervenção no diálogo horizontal, obtendo a mesma no final do ano letivo resultados satisfatórios.

As turmas de geografia, apesar de serem de anos diferentes, não apresentam uma diferença tão marcada como no caso da história, tendo sido relativamente simples desenvolver de um bom ambiente de trabalho. O 8ºX, constituído maioritariamente por raparigas (11 para 7 rapazes), tinha apenas um repetente. Era um conjunto de alunos com interesse pelas atividades propostas, interventivo e profundamente envolvido com o meio escolar (com alguns elementos inseridos na banda da escola por exemplo). Era uma turma onde as chamadas de atenção tiveram de aumentar à medida que o ano foi passando, algo que no entanto não era sempre necessário, pois a mesma por vezes era autorreguladora da sua própria conduta, com alguns colegas a chamarem à atenção de outros para estarem atentos e envolvidos, contribuindo tudo isto para que os resultados no final do ano fossem considerados bons. À semelhança do 8ºX, a turma do 9ºY era também constituída por um grupo de alunos interessados e interventivos, que com uma maioria de rapazes (10 para 5 raparigas) e sem repetentes, foi a turma onde existiu menos necessidade de chamadas de atenção, sendo no geral autorreguladora do seu comportamento, fator que favoreceu a obtenção de bons resultados.

Em relação a casos específicos, era do conhecimento geral a existência de situações familiares complexas de alguns alunos do 7º ano, algo que ainda assim não parece ter influenciado o comportamento e aproveitamento dos

¹Caracterização de turma e informações suplementares em anexo I.

mesmos, sendo inclusivamente alguns destes alunos de grande potencial. Em relação às turmas do 9.º e 8.º ano não existiram problemas de maior com os alunos.

No entanto, e apesar das diferenças entre todas as turmas, tanto o meu trabalho como o trabalho dos meus orientadores não foi difícil de executar, com uma condução de aula eficaz, mas que muitas vezes tinha de ser adaptada às singularidades de cada uma — situação mais comum no caso dos sétimos anos, em que uma planificação daria para três aulas.

c) Condições e método de trabalho

Uma das grandes vantagens relacionadas com as condições de trabalho foi a existência de uma sala com condições adequadas à preparação de atividades letivas (como as sessões de seminário previstas no regulamento do Estágio Pedagógico, onde se discutiam estratégias, recursos e onde se realizavam as análises reflexivas das aulas dadas) e ainda atividades não letivas, estando esta sala quase sempre disponível para trabalharmos, sem perturbações ou distrações. Na mesma, realizámos as reuniões de núcleo, à sexta-feira pelas 9h00 com a professora Sónia Silvestre, e, no mesmo dia, mas pelas 12h30 com o professor João Fernandes. Numa primeira fase do ano letivo, tivemos ainda uma reunião em conjunto à quinta-feira, às 12h30. A definição dos horários das reuniões teve na sua base, a concordância entre todas as partes na procura de realizar as mesmas nos dias em que tínhamos forçosamente de nos deslocar até à escola, ou seja, quando tínhamos aulas com as nossas turmas.

A primeira preocupação dos nossos orientadores foi definir o modelo de planificação a curto prazo que iríamos utilizar, excluindo do processo de escolha o modelo a longo prazo, visto que o mesmo já tinha sido executado, sendo-nos apenas apresentado. Logo na primeira reunião, em que foram abordadas as questões da planificação a curto prazo, fiz questão de facultar as minhas grelhas, já criadas no ano transato nas aulas de didática (tanto da história como da geografia), que curiosamente já tinham sido feitas para a escola em questão, tendo em conta que o meu objetivo sempre foi estagiar na mesma, devido à sua proximidade em relação à localidade onde resido.

Estas reuniões decorreram sempre de forma descontraída mas responsável e objetiva, resultando numa aprendizagem e evolução para todas as partes envolvidas.

d) Atividades desenvolvidas no decorrer do Estágio

No decorrer do estágio procurei, em conjunto com todos os elementos do núcleo, ter um papel tão interventivo quanto foi possível, chegando ao final do ano com um grande acumular de atividades realizadas e, mais importante, com um acumular de experiências fundamentais para o meu desenvolvimento enquanto docente.

As atividades curriculares desenvolvidas ao longo do estágio tiveram como principal palco a sala de aula, podendo a minha intervenção ser dividida em dois momentos nas disciplinas de história e geografia: uma primeira fase

de observação das aulas², momento em que tive a oportunidade de conhecer o perfil das turmas, os seus comportamentos e a forma como os professores lidavam com as mesmas, e uma segunda fase, em que começámos realmente a intervir, ajudando os professores em aulas práticas — algo mais comum na geografia —, observando as aulas da minha colega Ana Bastos ou dando aula. Feitas as contas, no final do ano letivo, realizei um total de 10 planificações³ de aula a geografia, que se traduzem em 19 tempos de 45 minutos no somatório das duas turmas da disciplina. Em história, realizei 10 planificações⁴, que se traduziram em 54 tempos de 45 minutos, algo que se explica pelo acompanhamento de 3 turmas do 7º ano, em que, como referido anteriormente, cada planificação servia para 3 aulas de 3 turmas distintas — o que apenas não se verificou quando não existiram aulas em duas ocasiões distintas.

De todas as aulas lecionadas, há que realçar a observação de três aulas por parte da professora Ana Isabel Ribeiro, na vertente da história, e de duas aulas por parte do professor Albano Figueiredo, na vertente de geografia.

Ainda em termos curriculares, participámos, enquanto núcleo, na realização de algumas fichas para utilizar em contexto de sala de aula⁵, produzindo ainda individualmente, algumas questões de aula⁶ para avaliação, procedendo ainda à correção das mesmas. Ainda no âmbito da disciplina de geografia, assegurei em conjunto com a minha colega Ana Bastos a substituição das aulas de três turmas pertencentes ao nosso orientador, isto porque o mesmo se encontrava de baixa médica, depois de ter sido sujeito a uma intervenção cirúrgica.

Regra geral os planos de aula foram sempre cumpridos desde o início do ano e, quando isso não se verificou, algum tempo da aula seguinte foi ocupado com a correção de trabalhos de casa, enviados de forma a consolidar a matéria dada no decorrer da mesma. Verificou-se portanto, um número de aulas elevado em relação àquilo que é considerado o mínimo no Plano Anual Geral de Formação, onde se prevê que cada estagiário deve lecionar pelo menos 7 aulas de 45 minutos. Isto é explicável pela atitude proactiva que considero ter tido ao longo de todo este estágio curricular, onde procurei sempre estar tão envolvido quanto possível em várias frentes, algo que naturalmente apenas foi possível devido ao apoio e abertura dos meus orientadores de estágio, que nunca colocaram qualquer tipo de barreira à nossa participação em ambiente de sala de aula ou fora dela.

De registo foi também a participação em todas as reuniões de avaliação, de todas as turmas com que tínhamos contacto, cuja participação a nível pessoal foi obviamente mais discreta, algo que evidentemente não me coibiu de intervir no conselho de turma quando achei necessário.

² Exemplo de uma ficha de observação estruturada por mim no anexo II.

³ Disponível em anexo III.

⁴ Disponível em anexo IV.

⁵ Disponível em anexo V.

⁶ Disponível em anexo VI.

e) Balanço geral do Estágio Pedagógico

O balanço final do estágio não pode ser nada menos do que positivo, isto porque considero que tenha corrido tudo bem desde o primeiro até ao último dia. Este foi um ano marcado por uma grande aprendizagem, assente numa experiência pessoal imprescindível para vir a ter uma carreira como docente. Porém, não posso deixar de lamentar o modelo do próprio estágio, que apesar de nos possibilitar ver outros discentes em atividade, “bebendo” assim um pouco da sua experiência, não nos coloca em permanente contato com os alunos, algo que deixa escapar um pouco daquela que é a essência da relação entre docente e discente. Esta é uma relação de proximidade e contato constante, algo que acontecia por exemplo, quando eu próprio estava no 3.º ciclo — sensivelmente há uma década atrás —, quando estagiários eram do meu ponto de vista seriamente colocados à prova, tendo inclusivamente em alguns casos assessoria de direção de turma. Se este modelo nos permite estar de certa forma “mais protegidos”, levando a que sejamos introduzidos no processo educativo de forma prudente e orientada, priva-nos do trabalho burocrático a que o professor é sujeito, e que hoje tem grande importância, sendo assim esta uma lacuna que lhe aponto. Porém, não é por estes fatores menos positivos, relacionados com a própria natureza do processo de formação de professores, que deixo de olhar para este ano letivo como a confirmação de que é isto que quero fazer como profissional, tendo inclusivamente mais certezas disso mesmo, devido aos grandes momentos de trabalho prazeroso que vivi neste espaço escolar, em ambiente de sala de aula e também na procura de mais conhecimento para “alimentar” os alunos.

Realço a vantagem do mesmo estágio ser bidisciplinar, pois além de termos a possibilidade de ter contato com mais alunos e com anos diferentes, permite-nos a preciosa orientação de dois profissionais com larga experiência e, no meu caso, com estilos diferentes. Com os mesmos aprendi a colocar em prática aquilo que idealizava na minha mente e também no papel, aprendi que não é tudo tão linear como planeamos e acima de tudo aprendi que vale a pena ser metódico e descontraído ao mesmo tempo, pois este ano sinto que me coloquei no meio de dois estilos distintos, pois considero que fui um ator de sala de aula com papéis distintos, baseados na minha maneira de ser e naquilo que aprendi e observei por parte dos meus orientadores.

Destaco ainda uma pequena mudança desde o início até ao fim do ano letivo, relacionada com a forma de conduzir a aula. Com o passar do tempo, fui-me apercebendo das reais valências da utilização do quadro negro, e fui substituindo gradualmente a apresentação de PowerPoint's (que eram sempre muito cuidados e coerentes) como estratégia central na exposição da matéria pela exploração dos mesmos esquemas mas no quadro negro. Considero que a dinâmica que é impressa na aula quando o professor utiliza o quadro negro é superior àquela que se obtém com a exploração de PowerPoint's, mesmo que sejam explorados de forma igualmente estratificada. Esta foi a única mudança significativa desde o início do ano letivo, período em que me coloquei por algumas vezes “à prova”, com o variar de estratégias ao longo das aulas que fui dando, variando entre vídeos, imagens, textos, tecnologia, livros, exercícios ou até mesmo representação, estratégias estas que surtiram sempre o efeito desejado, o que não pode deixar de representar um motivo de satisfação.

Não posso deixar de salientar ainda as boas condições de trabalho que encontrei na escola, o bom ambiente escolar que se pode encontrar na mesma e a boa dinâmica de núcleo que tive ao longo do ano, tanto no que diz respeito aos colegas estagiários, cuja colaboração e crítica ao longo do ano me ajudaram a ser e fazer melhor, assim como em

relação Aos orientadores, que na maior parte do ano se revelaram mais colegas de trabalho do que orientadores, ajudando a estabelecer uma relação de trabalho consistente, metódica e leve, como julgo que a mesma deve de ser.

Portanto, este foi um ano motivador por si só. Um período de tempo de evolução em que penso que desde o início coloquei a fasquia bem alta para aquilo que pretendia fazer, e considero, que não posso nem por um segundo deixar de me sentir satisfeito pelo que consegui aprender, mas também pelo trabalho que consegui desenvolver.

2. Nota introdutória

Realizado já o balanço do estágio pedagógico, introduzo e relaciono, daqui em diante, a componente científica desenvolvida nos seminários de História e Geografia. Depois de uma abordagem científica sobre o território da Gândara, o presente relatório será concluído com a explicação da aplicação didática, realizada no decorrer do ano letivo que findou, na instituição onde realizei estágio pedagógico.

A escolha do tema deste trabalho teve na sua base um critério criado por mim, que assentou em 3 premissas: a necessidade de encontrar um tema em que, devido à natureza bidisciplinar do mestrado que frequento, fosse possível estabelecer uma relação intrínseca entre a história e geografia; a possibilidade de colocar os alunos da escola onde realizei estágio pedagógico em contato com a sua história e geografia locais; e o facto de eu próprio residir e ter crescido numa localidade inserida na região da Gândara.

O que é a Gândara? A palavra Gândara é na língua portuguesa, um vocábulo que aponta para a existência de terrenos arenosos e mais ou menos estéreis, tendo considerado o autor JOSEFF M. PIEL num estudo de 1947, que o termo tem na sua base um idioma pré-Romano (CRAVIDÃO, 1992). Com isto em mente, pretende-se, com este trabalho, verificar a existência de uma relação entre a denominação do território e as suas características específicas, percebendo assim a relação entre o homem e o meio.

A relação entre o território e o homem é abordada neste trabalho muito à semelhança daquilo que FERNAND BRAUDEL fez na sua obra “Mediterrâneo, o espaço e a história” (1991), onde foi analisado o referido território, com as suas características e vicissitudes, estabelecendo uma relação constante com o homem, com a sua história, cultura e com o seu modo de vida. Desta forma, a base deste trabalho toma o homem como um ser ativo num território, procurando caracterizar o terreno em termos físicos, sem esquecer que o mesmo levou a que a ocupação do território fosse difícil. A forma como as características do mesmo influenciam a vida, os comportamentos e a cultura do homem são, sem dúvida, uma das peculiaridades deste trabalho, que pretende abordar a ocupação do espaço e os fenómenos que a acompanharam, passando pelas atividades económicas, pelo conflito e a instabilidade causada pelo próprio homem, ou ainda pela mudança e evolução que aconteceu já numa fase posterior e que permitiu que a Gândara chegasse até aos dias de hoje, não apenas como uma região periférica do litoral mas como uma área ativa no próprio.

Para fazer tudo isto optei por organizar o trabalho da forma mais coesa possível, começando por uma caracterização geográfica que fornece os fundamentos básicos para perceber este território mas também as suas mudanças, podendo assim compreender quais as dificuldades que o mesmo impôs ao homem nas suas atividades e no uso do solo, representando este último o capítulo que se segue.

Ao analisar as atividades e o uso do solo, poderemos constatar que o homem gandarês teve uma vida repleta de obstáculos, algo que no entanto foi ultrapassado da melhor forma possível por parte do mesmo, estabelecendo no terceiro capítulo deste trabalho uma relação constante não só, com a contextualização geográfica, mas também entre as referidas atividades — realçando muitas vezes o importantíssimo papel do gado. Os elementos culturais, como as habitações, são também inseridos neste contexto, isto com o objetivo de transmitir a forte ligação existente entre o modo de vida e

os traços culturais do homem, tendo neste caso específico habitações como a casa gandaresa ou os palheiros dos pescadores como exemplo central.

Numa quarta fase procura-se estabelecer uma relação entre o evoluir das atividades e do próprio território, através da análise da ocupação e dos fenómenos humanos, sociais e políticos que aconteceram no mesmo. Ao apresentar a ocupação do território em 3 fases distintas, procuro enquadrá-las sempre no contexto nacional, provando que existe uma relação profunda, tanto em alturas de crescimento como em épocas de estagnação. A importância dos baldios na Gândara não pôde ser esquecida, pois o seu papel económico não pode ser ignorado, isto porque os mesmos foram uma fonte de conflito quase inesgotável, principalmente no decorrer dos séculos XVII, XVIII e XIX. A importância simbólica dos mesmos como elementos “*de afirmação dos limites e identidade da comunidade rural*” (RIBEIRO, 1997-1998, p. 211), não pode também ser ignorada, isto porque as populações cresciam, viviam e afirmavam-se no seio dos mesmos. De resto, há que realçar que o próprio crescimento populacional foi também uma base — invisível — dos conflitos, isto porque os séculos supracitados já se enquadram numa terceira fase de ocupação em que se tornou necessário ocupar e aforar territórios baldios e de logradouro comum.

Seguindo a ideia de que este foi um território difícil segue-se um penúltimo capítulo, onde procuro transmitir uma ideia de continuidade das dificuldades, mas também de uma evolução que acompanhou a conjuntura nacional. As vagas de imigração e a sua relação com o fim de um processo de ocupação do território, já consolidado, é uma das ilações a retirar deste capítulo, onde poderemos também constatar que o homem gandarês foi sempre um ser combativo e determinado, pois deu resposta às dificuldades ao longo dos séculos e voltou a fazê-lo no decorrer do século XX, tomando como exemplo neste trabalho o surgir e o desenvolvimento da expansão do comércio ambulante de ouro ou a especialização na exploração do gado leiteiro, que levou ao fenómeno da criação de várias cooperativas agrícolas.

Termino este trabalho com a explanação da aplicação didática implementada, e que é comum à história e geografia. Através da descrição da mesma, da fundamentação das minhas escolhas e do realizar de um balanço final, é apresentado um par de atividades que considero que tenham sido importantes para o público-alvo, neste caso específico, os meus alunos das turmas 8ºX e 9ºY. As mesmas visaram abordar as transformações físicas do próprio território, a formação das inúmeras lagoas da Gândara, a relação e influência destas nas atividades e usos do solo que por fim transformaram a cultura gandaresa, tendo como exemplo aprofundado, quer nos trabalhos, quer na visita de estudo, as habitações da região, nomeadamente os palheiros e a casa gandaresa.

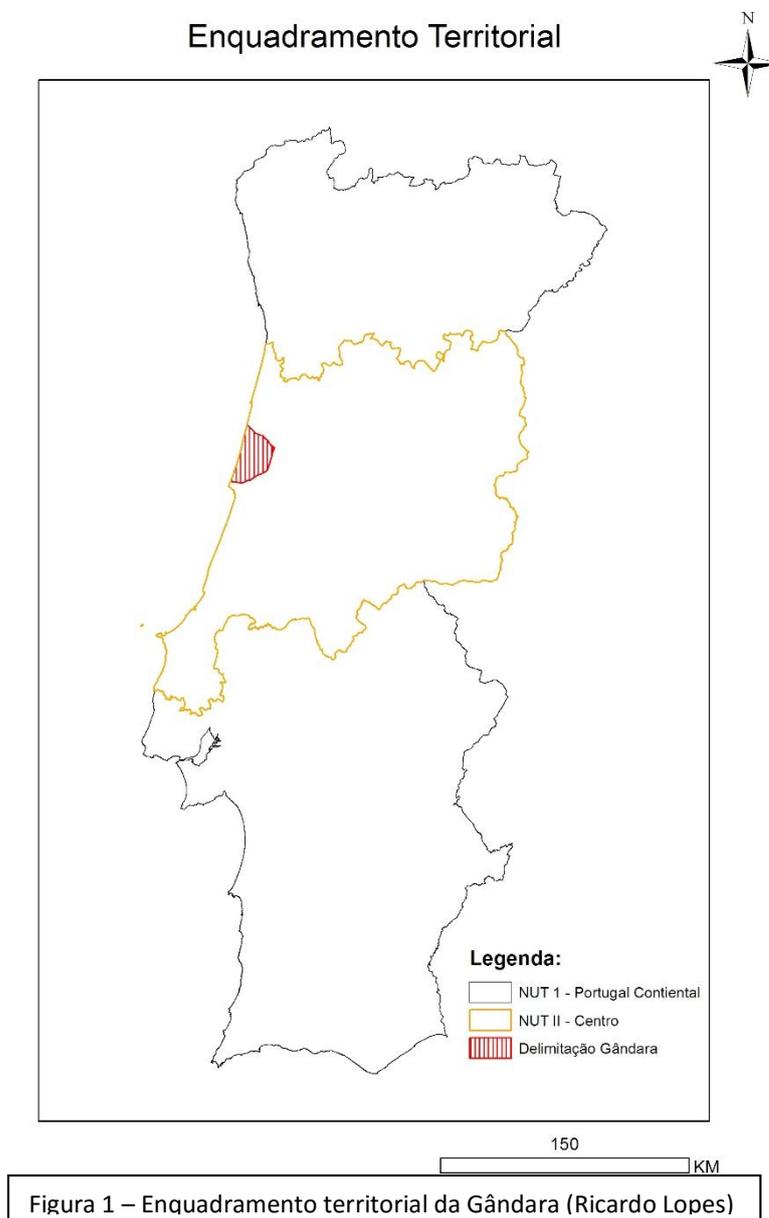
Ao longo da realização deste trabalho, deparei-me com uma agradável surpresa relacionada com a quantidade e qualidade de informação existente sobre a área de estudo. No entanto, também encontrei obstáculos, fundamentalmente relacionados com limitações a nível pessoal, especificamente no que toca à criação de cartografia própria e específica para os fins que pretendia, algo que foi apenas conseguido com o apoio de terceiros a quem já enderecei o meu profundo agradecimento. Foi de resto relativamente fácil recolher meios, tendo eu também uma grande vantagem na recolha e utilização de imagens para este trabalho, isto porque como já foi referido, resido na região. Devo referir ainda que este trabalho foi escrito, segundo as normas do novo acordo ortográfico da língua portuguesa.

3. As determinantes naturais do território da Gândara

O território da Gândara é uma sub-região do centro litoral português, localizada a ocidente do maciço marginal de Coimbra. Sabe-se que é uma área que se desenvolveu durante o Pliocénico e fundamentalmente no decorrer do Quaternário (REIGOTA, 2000). Algo que é ainda certo ao contextualizar esta região, é que esta integra plataformas marinhas de datas e altitudes diferentes entre os 100m – sensivelmente na linha das areias de Cantanhede e Arazede – e os 25-30m da plataforma de Mira (REIGOTA, 2000), algo que é importante referir para se ter a noção de que este é um território com pouco declive, o que como se constatará, é determinante para as características do mesmo.

Como já foi referido, o território e as suas características influenciam de forma determinante a vida do homem, não se limitando a influenciar a forma como o mesmo vive, mas afetando inclusive a forma como este se comporta. Dito isto, uma questão se impõe: o que tem de tão característico o território da Gândara? Neste capítulo

pretende-se dar resposta a esta questão, contextualizando o espaço, descrevendo a sua paisagem (ou paisagens?), analisando os seus solos difíceis e ácidos e abordando a formação das lagoas gandraesas, não descurando, em que medida é que as mesmas foram determinantes para o ultrapassar de dificuldades impostas ao homem pelo território.



a) Delimitação do espaço

Num primeiro momento exige-se uma delimitação do espaço gandarês, algo que é mais complicado do que antevia, isto porque de todas as teorias apresentadas por diferentes autores, existe apenas um ponto em que todos concordam: num sentido sul/norte, o território da Gândara parte da Serra da Boa Viagem, representando esta o limite sul do mesmo. A partir deste começa a desenhar-se a discórdia entre alguns dos diferentes pontos de vista de vários autores, tendo principalmente como grande disparidade o limite norte — sendo que a “fronteira” a Este também se apresenta mais ou menos definida.

Um dos primeiros a lançar a discussão foi PAUL CHOFFAT em 1900. O autor utilizava o rio Vouga como o limite norte, as dunas litorais a oeste e a serra de Montemor-o-Velho e os afloramentos liásicos de Cantanhede e Bairrada a Este. Deve ainda ser realçada a divisão da própria Gândara em duas partes, isto a partir de uma “linha traçada” de Febres a Quintãs pelo mesmo autor, diferenciando assim o norte e o sul (CRAVIDÃO, 1992). Na mesma linha de CHOFFAT surge ainda Gaspar de Carvalho (1952, 1954 e 1964), referindo que “*a partir do contato com a Serra da Boa Viagem a Gândara estende-se para oriente descrevendo um arco na direção noroeste*” — passando por Santana, Arazede, Lemedede, Cadima -, “*e que a partir de Cantanhede inflete para noroeste*” (CRAVIDÃO, 1992, p. 25).

Com uma ideia diferente surgem autores como Leite de Vasconcelos ou Jorge Dias, pois consideram que a delimitação de um espaço como a Gândara não deveria assentar apenas em fatores puramente geológicos, isto porque, como poderemos constatar ao longo deste trabalho, este território é muito mais do que um plano de solos arenosos. O primeiro acreditava que se tinha de considerar os comportamentos do povo que ocupa o território e até mesmo o seu vestuário, motivo pelo qual reunia parte do concelho de Mira com as freguesias de Cadima, Covões, Febres, Tocha e parte de Cantanhede, caracterizando-as assim como gandarésas. A opinião de Jorge Dias era de certa forma mais abrangente, pois ao delimitar o espaço, e juntando à geografia física o cunho cultural das habitações gandarésas, o autor concluiu que a Gândara era a sub-região dos campos do Mondego, que tinha o seu limite Este na Bairrada, a norte a ria de Aveiro, a oeste a linha de costa, sempre com a Serra da Boa Viagem como limite a sul. O mesmo autor refere ainda a existência de duas Gândaras, uma a Este com as areias do pliocénico e outra a oeste com as areias do litoral (CRAVIDÃO, 1992).

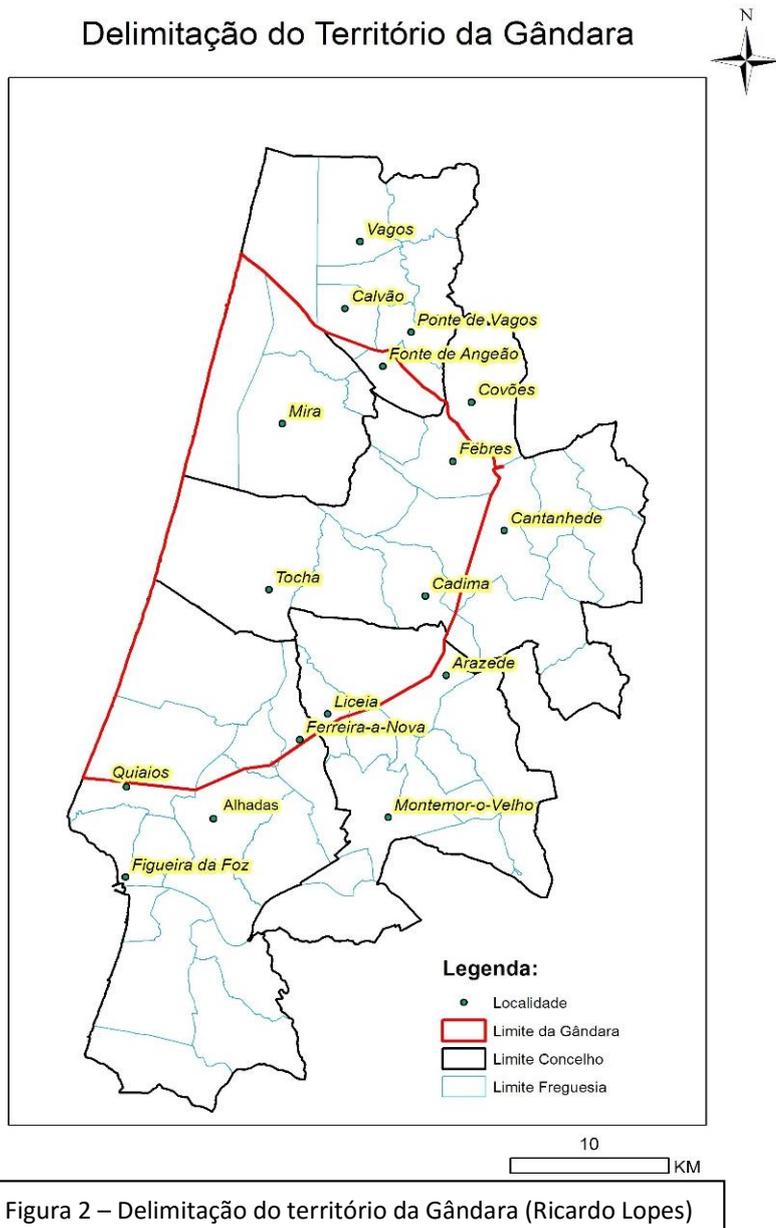
Mais concisos são autores como Amorim Girão, Fernandes Martins ou Jorge Gaspar. O primeiro classifica a Gândara como “*a mancha pliocénica entre o Vouga e o Mondego, cercada a oriente pelos medos de areia litoral*” (1922 - (CRAVIDÃO, 1992, p. 27)), enquanto o segundo se limita a estabelecer o limite Norte na zona da Gafanha. O terceiro limita o território a norte pela zona norte da Praia de Mira — excluindo a Gafanha -, com a linha a Este a excluir Febres e Cantanhede, inserindo-as na região da Bairrada (CRAVIDÃO, 1992).

Já Fernanda Cravidão delimita a Gândara de uma forma diferente, conjugando os fatores físicos e culturais, com a opinião daqueles que realmente sentem o que é ser gandarês. Através da realização de inquéritos a pessoas da região, questionando às mesmas se consideravam que a sua localidade se encontrava ou não inserida na Gândara, a autora chegou à conclusão que o limite norte é a fronteira do concelho de Mira com o de Vagos, tendo como limite sul, uma vez mais, a Serra da Boa Viagem e com um limite oriental que vai desde a linha de contato com a esta, passando por Santana, Arazede, Lemedede, Cadima e que a partir de Cantanhede caminha para noroeste (CRAVIDÃO, 1992). É estabelecido

ainda um limite ocidental, que tem como referência lagoas como a da Vela, dos Teixeiros, Braças, Salgueira ou Mira, não considerando assim apenas o contato com a linha de costa – como na maioria das teorias apresentadas por diferentes autores. Esta delimitação a oeste poderá estar baseada nas próprias lagoas, porém não podemos ignorar um fator curioso nos dados dos inquéritos relativamente à Praia de Mira, onde apenas 2 pessoas num total de 29, consideravam estar inseridos na Gândara. (CRAVIDÃO, 1992)

Não é definitivamente fácil delimitar este território, pois de todas as fontes analisadas podem ser retirados muitos elementos para o fazer, podendo a dúvida continuar ainda a pairar. É certo que não se pode demarcar um território apenas com base em fatores geológicos. Evidentemente que estes são dos mais importantes a ter em conta, pois não é ao acaso que o limite sul é unanimemente a Serra da Boa Viagem - porque é o único local em que se nota uma falha nítida na continuação da planície gandraesa -, algo que no entanto é insuficiente.

O que defendo relativamente à delimitação do território vai muito ao encontro do que refere João Reigota na sua obra “A Gândara Antiga”, pois aqui o autor não limita o território a norte com o fim do concelho de Mira, considerando que o mesmo engloba ainda algumas “franjas” do concelho de Vagos, naquela que eu considero ser uma pequena zona de transição, que pode ser constatada na figura 2. Ainda que esta seja um pouco diferente da restante Gândara, não é o suficiente ao ponto de ser excluída, pois, mantém a representatividade da casa gandraesa em lugares como a Gândara, Rines ou Fonte de Angeão. De resto, considero, à semelhança dos restantes autores, que a Serra da Boa Viagem representa um limite físico a sul, sendo que o limite este passa por localidades como Ferreira-a-Nova, Liceia, Cadima, e que partir de Cantanhede inflete ligeiramente para noroeste (isto sem chegar à cidade), passando em Febres, e que chegando a Covões, inflete definitivamente para noroeste passando pelas já referidas



franjas do concelho de Vagos até à linha de costa, estando assim administrativamente representados os concelhos de Figueira da Foz, Montemor-o-Velho, Cantanhede, Mira e Vagos. O concelho de Mira, autoproclamado como o coração da Gândara, é o único que se encontra totalmente inserido na mesma. Queria ainda reforçar a dificuldade nesta mesma delimitação do território, isto porque eu próprio não defendi sempre a mesma corrente, tendo em conta que no seminário de geografia realizado por mim, que representa uma das bases científicas para este trabalho, defendi a delimitação de Fernanda Cravidão, considerando agora que a mesma não está inteiramente correta.

b) Paisagem Gandaresa

A caracterização da paisagem é, na geografia e para a geografia, o centro dos estudos físicos da superfície terrestre, sendo uma “*entidade portadora dum conceito científico*” (ALMEIDA A. C., 1992, p. 11). Mesmo que este termo tenha sido, ao longo dos tempos, banalizado ou até mesmo desacreditado por inúmeros geógrafos — como é o exemplo de G. BERTRAND (1978), que defendia que o conceito científico seria geossistema (ALMEIDA A. C., 1992) —, torna-se imperativo proceder ao seu estudo, não podendo contudo basearmo-nos apenas naquilo que os olhos vêem, isto porque a análise tem de ser realizada a par com uma reflexão profunda. Depois de delimitado o território — com todas as dificuldades inerentes à tarefa —, é então imperativo analisar a paisagem desta área muito característica, onde a presença e influência do homem é, nos nossos dias, bem mais notória que no passado.

Este é um espaço caracterizado pela planura e pelos seus solos arenosos, e que como já foi referido, oscila entre os 25\30m e os 100 metros de altitude, de forma pouco acidentada e declive suave. A sul situa-se a Serra da Boa Viagem, de onde é possível contemplar a planície da Gândara bem destacada, isto sem ser necessário subir a um ponto muito alto da mesma, como é constatável na figura 3.



Figura 3 – Vista de um ponto elevado da Serra da Boa Viagem para a Praia de Quiaios e para a Gândara (<http://www.panoramio.com/photo/94257369>)

Esta planura é perturbada a oriente pelos vales e subafluentes do Mondego e mais a norte pelo rio Vouga e os seus afluentes — é importante referir que este último esteve num passado não muito longínquo, mais representado na zona de Mira (ALMEIDA A. C., 1992). A própria barrinha da Praia de Mira é resultado da “independência” do território gandarês em relação ao half-delta de Aveiro, representando esta assim ainda uma “presença” do Vouga numa Gândara que é limitada a nordeste pelo início do concelho de Vagos. Esta ligação à - erradamente - chamada Ria de Aveiro ainda hoje se verifica, através de linhas de água doce. Exemplo disso mesmo é o canal de Mira (Figura 4). Em termos políticos estão em vigor medidas na Praia de Mira que visam a recuperação da mesma no âmbito do programa “Ria de Aveiro — POLIS LIROTAL” que propõe a proteção e o respeito pelo património natural e paisagístico.



Figura 4 – Canal de Mira, uma ligação do Half-Delta de Aveiro ao território da Gândara

Além da sua característica “planura arenosa”, existe outro fator que salta à vista: a alternância entre espaços de cultivo e de pinhal, cuja distribuição não é aleatória. A larga faixa de pinhal existente entre Mira\Praia de Mira e Quiaios, nas chamadas dunas de pinhal, foi plantada com o intuito de travar os avanços da duna, que devido à força do vento, invadia frequentemente os terrenos de cultivo situados mais para o interior. Visto isto, estes avanços foram travados através plantação de pinhal no primeiro quartel do século XX (REIGOTA, 2000), quando a população levou a cabo a difícil tarefa de fertilizar o solo e plantar o pinhal para o efeito.

Um dos ex-libris da Gândara são sem dúvida as (muitas) lagoas existentes, onde se destacam a lagoa de Mira, das Braças, da Vela, da Salgueira, entre outras. De notar que excluí desta lista a barrinha da Praia de Mira, isto porque a sua formação é diferente das demais, sendo este tema abordado numa análise seguinte, dedicada exclusivamente às lagoas da Gândara.

Algo que naturalmente salta à vista na paisagem gandraesa é a vegetação do território. O pinheiro bravo (*Pinus Pinaster* Aiton) tem grande representatividade — relacionada com a supracitada plantação de pinhal no século XX (REIGOTA, 2000) -, existindo no entanto, outro elemento que tem vindo a adquirir cada vez mais importância: o eucalipto (*Eucalyptus Globulus* Labill). O aumento da representatividade desta espécie em solo nacional não é algo novo e é motivado pelo seu rápido crescimento e potencial aproveitamento económico, algo que foi por exemplo noticiado por Céu Neves no Diário de Notícias a 21 de abril de 2008⁷. Porém, a presença do eucalipto na Gândara é mais notória em áreas de

⁷ NEVES, Céu, 2008, “Eucaliptos e pinheiros disparam no último século”, Diário de Notícias

crescimento e abate de árvores localizadas mais a este, isto porque na floresta de dunas — seja em Mira, Tocha, Quiaios, etc. — o “rei” é o pinheiro bravo como se pode verificar na figura 5.



Figura 5 – Representatividade do pinheiro bravo nas dunas de floresta de Mira (esquedea) e Quiaios (Direita).

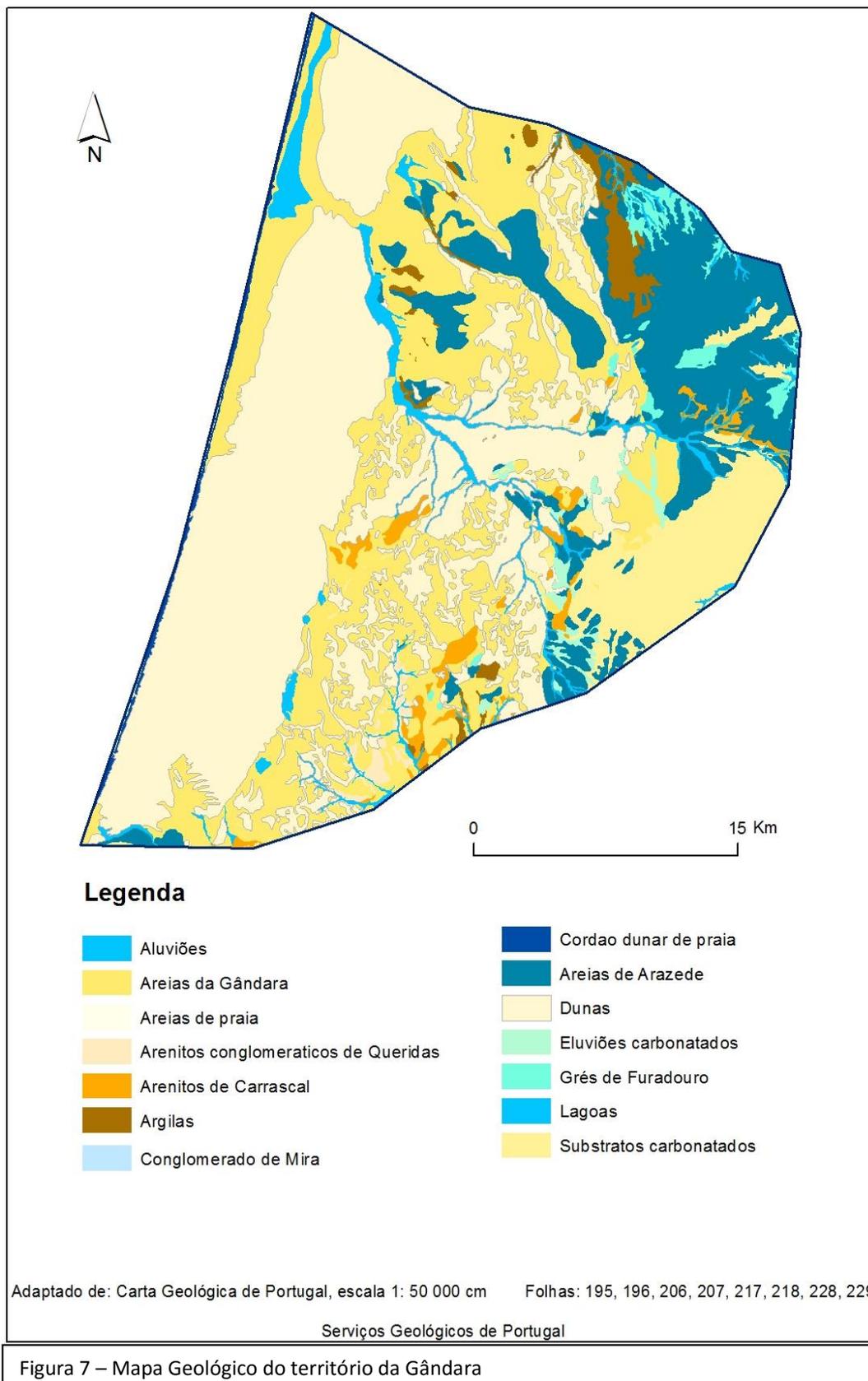
Outros elementos presentes são o tojo (*Ulex Europaeus* L.) e o queiró (*Calluna vulgaris* (L.) Hull.), espécies frutíferas acidófilas, características de solos com melhor drenagem sob areias eólicas - ou de longas áreas de floresta. Mais perto da linha de costa a camarinhiera (*Corema Album* (L.) d. Don) e o rosmaninho (*Lavandula stoechas* L. subsp *sampaiana* Rozeira) têm alguma presença também. Existem ainda elementos como o carvalho cerquinho (*Quercus faginea* Lam.), a tâveda (*Districhia viscosa* Greuter), a silva (*Rubus* sp.) ou até a acácia (*Acacia longifolia* (Andrews) Willd), que se fixa essencialmente em terrenos recentemente florestados, normalmente após o abandono da agricultura nas referidas áreas (ALMEIDA A. C., 1992, pp. 157,158).



Figura 6 – Camarinheira presente nas dunas de pinhal de Mira.

No que toca aos campos agricultados a plantação muda consoante as alturas do ano. No entanto, na maioria dos terrenos, é plantado o milho grosso e a batata, com uma diferença de pequenos meses; em conjunto com alguns legumes para uso doméstico (a quantidade plantada não indica que os mesmos sejam para uso comercial, apesar de existir quem ainda produza para os mercados locais).

c) Geomorfologia Gandaresa



A Gândara, como já foi referido anteriormente, é morfologicamente aplanada e de baixa altitude, sendo fácil constatar isso mesmo ao observar as cartas geológicas I6-C de Vagos e I9-A de Cantanhede. Igualmente se percebe com alguma facilidade a - já referida - dificuldade na delimitação do território da Gândara — sobretudo norte —, isto porque as características geológicas mantêm-se quase inalteradas de norte a sul, sobretudo junto ao litoral, como se pode constatar na figura 7.

Existem dois grandes aplanamentos naquele que é considerado o território da Gândara: um primeiro situado na linha de Cantanhede-Arazede, que variam entre os 90m e os 50m e que se ligam com um declive suave ao planalto plio-plitocénico até à linha de costa.

Num sentido E-W podemos constatar a existência de materiais do jurássico como margas e calcários margosos do Vale de Fontes e Lemedo — ainda no limite junto a Cadima -, sendo este um dos limites da Gândara a este. Materiais do cretácico como os arenitos e argilas de viso também estão presentes junto a Liceia - noutro “limite” gandarês -, existindo também arenitos do carrascal e os conglomeráticos de Queridas — mais a sul.

No entanto, falar da planície da Gândara acaba por ser falar do Quaternário, visto que grande parte do território é composto por materiais formados neste período, sendo estes mesmos os elementos que dão um cunho especial a esta área. Assim sendo, encontramos mais perto da linha de costa areias eólicas, praias antigas e terraços fluviais, dunas parabólicas, dunas com orientação NW-SE — mais a norte, numa zona compreendida entre Febres-Covões-Calvão - e dunas de Quiaios e Cantanhede — com orientação W-E — que são “ladeadas”, em muitos casos, a oriente e ocidente por dunas parabólicas, sendo isto mais óbvio no caso das dunas de Cantanhede. As depressões devem ser consideradas hidró-eólicas, isto porque sofreram uma influência tanto eólica como morfogenética da água (ALMEIDA A. C., 1992).

d) Os Solos

Uma caracterização dos solos é fundamental para o desenvolvimento deste trabalho, isto porque a explicação das suas transformações e a compreensão das mesmas, são a base para se entender o porquê de se afirmar que a ocupação e uso do solo por parte do homem gandarês foi muito difícil, podendo-se mesmo dizer que a Gândara foi feita pelo homem que superou essas dificuldades.

O tipo de solo mais característico da zona da Gândara é o solo podzol (ALMEIDA A. C., 1992). Isto quer dizer que as areias são de origem eólica, o que se pode constatar na maioria dos casos do território gandarês. Existem outros tipos de solo representados no território, como fluvisolos — que são caracterizados por serem pouco espessos e terem um ph básico (características relacionadas com a sua localização, próxima da Serra da Boa Viagem, justificadas pela vinda de água da mesma); e os cambissolos e luvisolos — que têm as suas características base moldadas devido à apanha de caruma e roça dos matos, deixando assim os solos de receber matéria orgânica que se poderia decompor e incorporar. Esta caracterização tem por base o trabalho de investigação de António Campar de Almeida e é relativo às dunas de Quiaios. Porém é assumido que a maioria do território da Gândara tem na sua base solos podzólicos, pois o processo de formação e a sua geomorfologia — como já foi visto — apresentam uma grande uniformidade.

Uma vez mais com base no trabalho de investigação realizado nas dunas de Quiaios, temos acesso a duas amostras de solos diferentes que podem ser consultadas na figura 48 da página 154 da obra referida⁸. Na amostra 40 temos um exemplo de solo agricultado, que nos dá uma ideia daquilo que pode suceder depois da atuação humana, imagem onde podemos ver um solo onde a exploração de gado e o cultivo de hortícolas foi uma realidade durante muito tempo. Nesta amostra temos apenas dois horizontes — A e B - e se compararmos a amostra 40 com a 51, podemos constatar que o horizonte A é mais grosso, sendo clara a ausência de um horizonte E. Este é um dos resultados do contato entre os solos e o homem, pois na primeira amostra, o horizonte A é o resultado da lavra que mistura A com E. Desta junção, resulta um material de cor cinzenta muito escura, em que o pH é pouco ácido (ALMEIDA A. C., 1992). Estamos então perante um solo estável que sofreu um enriquecimento anual com base em fertilizantes naturais ou químicos ao longo de um longo período temporal. O horizonte B da amostra 40 é um solo rico em ácidos húmicos, fruto do contato com os estrumes providos pelo homem que se complexaram com os óxidos de ferro, resultando num solo pouco coeso. Este pode ser caracterizado como um solo podzólico agrópédico (ALMEIDA A. C., 1992).

Na amostra 51 temos um solo de pinhal que teve pouco contato com atividade humana. Neste já podemos verificar a existência de 3 horizontes distintos, sendo o A menos espesso e mais ácido — pois não temo contato com estrumes ou adubos -, o horizonte E mais espesso que o anterior e com um pH muito ácido e o B, um solo podzol com um pH também muito ácido. De realçar que algumas áreas de pinhal apresentam perfis semelhantes ao da amostra 40, isto pela sua posição demográfica natural e\ou pela presença do homem no passado que o fertilizou para o cultivo (ALMEIDA A. C., 1992).

Os solos da Gândara têm outra característica importante, relacionada com as atividades do homem e/ou com a formação de elementos naturais como as lagoas: a existência, em alguns casos, de uma toalha freática próxima da superfície. Apesar do relevo pouco acidentado continuam a existir depressões, sendo estas privilegiadas para o cultivo de forragens ou cereais. No entanto, aquilo que pode ser apreciado como uma virtude, consegue também ser considerado defeito, pois em épocas de invernos mais húmidos, que naturalmente contribuem para um subir da toalha freática — por si próxima da superfície — estas culturas eram naturalmente inundadas. (ALMEIDA A. C., 1992) A possibilidade de alagamento não favorece o pinheiro que “procura” locais mais altos, onde não é “inundado” no período húmido. O próprio pinheiro é ainda um dos fatores que contribuem para a podzolização dos solos e para o desenvolvimento da surraipa no Horizonte B. (ALMEIDA A. C., 1992)

e) As Lagoas da Gândara

A importância das lagoas da Gândara não pode ser ignorada e a sua análise e exposição torna-se necessária devido à sua relevância, mas também devido à sua representatividade, pois estas funcionam como uma espécie de “ex-libris” no território. Já foi referido que deve existir uma distinção entre a barrinha da Praia de Mira e as restantes lagoas da Gândara, tendo então de se averiguar as características em que reside essa diferença.

⁸ Imagem também disponível no anexo IX.

Como vimos anteriormente, o território da Gândara sofreu não há muito tempo uma maior influência por parte do rio Vouga, que tem vindo a cair ao longo do tempo, mas que ainda se mantém. Todavia, onde reside a relação entre este e a barrinha de Praia de Mira? Na verdade esta é uma explicação bastante simples: a barrinha tem uma formação de origem lagunar, processo que foi acelerado pela abertura artificial do Vouga na Barra de Aveiro em 1808, criando uma “saída” do Vouga antes de chegar “à paragem” da Gândara, mais especificamente a Mira onde até 1802 a Barra natural se localizava. Como é sabido, o half-delta de Aveiro resulta da influência conjunta do rio e do oceano, numa espécie de “jogo de sedimentos”, que se vão acumulando nuns locais e saindo de outros. Visto isto, não é difícil de perceber onde se foram acumular alguns materiais, assim que se abriu uma nova “saída” ao rio Vouga em 1808 (MARTINS, 2011), algo que contribuiu para um isolamento de uma faixa localizada mais a sul, nascendo assim aquela que conhecemos como a Barrinha de Praia de Mira.

Algo diferente ocorreu com as restantes lagoas da Gândara, que têm na sua origem um processo de formação dunar. “*Qualquer sistema de dunas é favorável à construção de depressões fechadas no seu interior*” (ALMEIDA A. C., 1992, p. 145), e como verificámos na geomorfologia e nos solos da Gândara existem dunas parabólicas, sistemas que são especialmente favoráveis à criação de depressões fechadas. Posto isto, quando verificamos a existência de um território com pouco declive, num sistema dunar parabólico, com solos que apresentam uma camada mais ou menos impermeável perto da superfície em áreas baixas e que têm também uma manta freática perto da superfície, a formação de lagoas como a lagoa da Vela, das Braças, a de Mira, dos Teixoeiros, entre outras, aparecem como uma consequência lógica. Para um fixar definitivo destas contribuiu ainda o fraco declive geral até à linha de costa, que está na ordem dos 0,77% (ALMEIDA A. C., 1992), algo que realmente não permite o escoamento de águas.

Este mesmo escoamento das águas foi um problema durante muito tempo em algumas épocas mais intempestivas de inverno - hoje em dia ainda o são, se bem que menos. Os Serviços Florestais foram de grande importância no combate a este problema, pois são inúmeras as referências ao trabalho destes no escoamento de águas, no abrir de valas em épocas no passado, pois algumas pequenas povoações chegavam a ficar isoladas do resto do mundo no decorrer de invernos mais rigorosos (CRAVIDÃO, 1992). Existem ainda pequenas lagoas que surgem reforçadas nas alturas mais húmidas, algo que está relacionado com as características que foram descritas anteriormente, sendo ainda ajudadas por invernos mais rigorosos. É ainda importante destacar a quantidade de linhas e canais existentes por todo o território.

4. As atividades e o uso do solo

A relação entre as atividades e o uso do solo é evidente, isto porque ao longo do tempo o homem dependia da terra e das condições naturais para sobreviver. No caso gandarês o uso do solo foi difícil, algo explicável pelas características singulares do mesmo, que foram anteriormente descritas. Perante as mesmas, o homem gandarês deu resposta da melhor forma que conseguiu, fazendo da agricultura a sua mais significativa forma de subsistência, isto sem descurar a atividade piscatória e a exploração de gado — elemento muitíssimo importante como atividade em si e como suporte para as outras referidas. As atividades que serão exploradas neste capítulo são as armas utilizadas pelo homem para resistir ao território, e as vias como o mesmo o modificou aos poucos e aumentou a intensidade de ocupação do mesmo. Fica demonstrado como a ocupação e o uso do solo refletem uma estreita relação com as determinantes naturais.

a) A agricultura

Como já foi referido no capítulo das determinantes naturais do território, os solos podzólicos da Gândara são muito ácidos e pouco férteis, fator relacionado com a existência de um Ph muito baixo, sendo estes um dos maiores obstáculos à ocupação do território (ALMEIDA A. C., 1992). Porém, basta conduzir pelas povoações gandraesas nos dias de hoje, para ver vários terrenos agricultados e não-agricultados que não vinculam estas dificuldades, levando-nos a fazer uma questão: o que mudou?

A agricultura foi durante largos séculos o principal modo de subsistência do homem e na gândara a tendência não foi diferente. Através da fertilização dos solos, o homem gandarês foi superando as dificuldades que o território lhe impunha, através do envolver das terras com o estrume do gado ou através da ajuda do mesmo, para o transporte de matéria orgânica das várias lagoas gandraesas para os terrenos agrícolas, estabelecendo-se de imediato assim duas relações entre o gado e a agricultura (ALMEIDA A. C., 1992). Mais do que plantar ou colher a batata, o feijão, os hortícolas ou o milho grosso — introduzido no final do século XVI —, a verdadeira dificuldade da agricultura gandraesa era o fertilizar dos terrenos e a necessidade de “forçar” a existência de humidade necessária para o desenvolvimento das suas plantações.

Também importante para o desenvolvimento da agricultura, e relacionado com a fertilização dos solos, foi a já referida plantação do pinhal nas dunas a oeste no início do século XX, tarefa levada a cabo pelo homem gandarês numa tentativa de travar o avanço das dunas. Para isto, o homem teve de fertilizar os referidos territórios, com estrume de gado ou de outras fontes, como as lagoas gandraesas ou de locais mais longínquos como a serra do Bussaco. A plantação do mesmo foi determinante para a melhoria da produção agrícola que se via frequentemente prejudicada pelo avanço das dunas para o interior (isto claro em zonas mais próximas das mesmas).

Para o desenvolvimento e sobretudo o aproveitamento da agricultura foram também fundamentais os moinhos de água que existiam um pouco por todo o território (ALMEIDA A. C., 1992). Estes engenhos que tinham como força motriz a água dos vários cursos de água existentes, serviam para moer os cereais e criar a farinha necessária para a cozedura do imprescindível pão. Outra forma de aproveitamento dos recursos aquíferos do território foram os vários poços

que eram engendrados nos terrenos agrícolas, de onde era tirada a água com a ajuda de bois, que puxavam pelos engenhos montados nos mesmos e que podem ser observados na figura 8.



Figura 8– Engenho para tirar água de um poço, Vilamar

A evolução da agricultura foi uma constante, e o século XX foi o expoente máximo da mesma, com a introdução de novas técnicas de rega e de inovações tecnológicas como os motores de rega e tratores, tendo estes últimos possibilitado uma progressiva “dispensa” do gado para o auxílio na lavra dos terrenos agrícolas. Este progresso começou a ser cada vez mais notório no decorrer dos anos 60, quando já se verificava uma assinalável utilização de motores de rega (CRAVIDÃO, 1992).

Esta relação entre o território e as atividades foi também sentida no formular de uma cultura gandraesa, da qual a casa gandraesa é uma ilustre representante. Este é um tipo de habitação típico, que tende a desaparecer e que já não se constrói nos nossos dias. Tendo adobes na sua base de construção, este tipo de habitação é caracterizada por ter duas águas e por ter uma fachada de janela-porta-janela, como se pode verificar na figura 9. Esta podia, em alguns casos específicos, mudar para janela-porta-porta-janela, algo que era indicador de que quem habitava aquela casa tinha algum tipo de ofício que não o de agricultor — um alfaiate, por exemplo. Tinha ainda um portão na fachada, por onde se podia aceder ao telheiro, ao pátio da casa ou ao celeiro de dois pisos localizado ao lado do acesso. Um fator muito importante é a orientação da construção da casa gandraesa, sempre voltada para sul, que era o lado solar, nem que isso significasse ficar com a “a frente da casa para as traseiras” (CAÇÃO, 1999).



Figura 9 – Casas gandraesas em Vilamar, com fachada de duas portas (esq.) e de uma porta (dir.).

De aspeto funcional e pragmático, a casa gandaresa tinha acesso à sala pela porta da frente. Esta era utilizada em ocasiões muito singulares, como o “receber do senhor” na páscoa, o acolher de visitas consideradas importantes, jantares relevantes (como batizados ou casamentos), as refeições da matança do porco ou ainda funerais, sendo esta iluminada por uma das janelas da fachada. A outra janela iluminava uma divisão que se encontrava ao lado da sala, que poderia servir de divisão de arrumos ou de quarto. Prolongando-se para as traseiras, poderíamos ver os — pequenos — quartos no acesso à cozinha, que se encontrava mais atrás. É fundamentalmente nesta parte da casa gandaresa que podemos encontrar diferenças entre os territórios mais a norte (Mira, etc) e a sul (Tocha por exemplo), pois no primeiro caso a cozinha está quase sempre numa espécie de anexo à parte, enquanto no segundo, “a casa-do-lume” era ligada a todo o edifício. Na mesma poderíamos encontrar o borralho ou as hoje raras panelas de ferro que eram utilizadas para cozinhar.

Antes de explorar o “coração” da casa gandaresa, tem de ser referida a existência de um sótão amplo onde se armazenavam batatas, milho, feijão, entre outros produtos, algo que uma vez mais demonstra a objetividade da construção das habitações gandaresas e, uma vez mais, a sua relação com a agricultura. (CAÇÃO, 1999)

Porém, o espaço vital da casa gandaresa era o pátio, local onde se poderia trabalhar e onde, por exemplo, se colocavam as agulhas a secar, utilizadas na cama dos animais. Esta era a parte central da casa, que era circundada pela fachada frontal, pelos currais, o celeiro e a casa-do-forno⁹.

Além de todas estas características enunciadas, existe um fator vital a ser referido em relação à casa gandaresa. Esta estava relacionada com a atividade predominante na época, a agricultura, e era fruto do trabalho do homem gandarês, pois era edificada por ele e morria com ele, devido à reduzida durabilidade das matérias-primas utilizadas. Estes eram sempre materiais de baixo custo explorados localmente, sendo este um reflexo das características económico-sociais do homem gandarês. Esta era um local de “poiso”, um refúgio para descansar entre o trabalho de sol-a-sol nos terrenos gandareses, um sítio onde não eram necessários luxos ou grandes comodidades, um sinal da história gandaresa que deve de ser guardado, estudado e preservado.

b) Atividade piscatória

Além da agricultura, existia outra atividade com alguma importância no território da Gândara: a pesca. Esta foi muito importante para o homem gandarês e mais especificamente para a população que habitava junto à costa. A

⁹ A casa do forno era onde se cozia a broa uma vez por semana ou onde se pendurava o porco no inverno à espera de se despachar no dia seguinte. Esta era uma das divisões mais frescas da casa, ao ponto de ser utilizada para dormir no verão, fator que pode ser explicado pela inexistência — na maioria dos casos — de janela naquela divisão com o objetivo de manter a divisão arrefecida e não atrair moscas/mosquitos (CAÇÃO, 1999).

técnica mais utilizada para o efeito é a chamada arte xávega, que não é exclusiva do território da Gândara, ainda que tivesse aqui grande expressão¹⁰.

A arte xávega é uma técnica tradicional de pesca de arrasto, que visa cercar os cardumes perto da costa e que adquiriu grande importância em vários pontos da costa portuguesa, constando que tenha sido trazida para Portugal por Espanhóis e Franceses (LOPES & LOPES, 1995). Apelidada de “Art” pelos catalães e “xábega” pelos andaluzes, a arte xávega era um processo trabalhoso mas também perigoso, que exigia mais de 50 pares de braços por rede — entre os que embarcavam e remavam e aqueles que ficavam em terra para ajudar a colocar a embarcação no mar e puxar as redes - com o auxílio dos “bois que lavravam o mar” até ao surgir dos tratores e outro tipo de maquinaria.

Um dos fatores mais característicos deste tipo de pesca é a própria embarcação, que ainda hoje é utilizada, e que começou por ser colocada no mar com o auxílio de toros de madeira, com a força dos homens que ficavam em terra e com a ajuda dos já referidos bois, que uma vez mais adquirem grande importância noutra atividade. Com a popa do barco bem levantada com o intuito de “quebrar” as ondas (como se pode constatar através da figura 10), a embarcação tinha nos seus 4 remos 40 homens a utilizar a sua força de braços e de vontade para levar o barco avante.



Figura 10 – Imagem onde se consegue ver uma embarcação de arte xávega, as redes utilizadas para o efeito esticadas na praia e alguns atrelados hoje em dia utilizados para auxiliar no transporte das mesmas (Praia de Mira).

“A tripulação do barco é formada por 40 homens permanentes aos remos, 4 substitutos, um calador (...) auxiliado por 2 ajudantes e o arrais. O pessoal de terra tem também as atribuições bem definidas: os arrais e o seu ajudante; 4 redeiros, encarregados de verificar diariamente o estado das redes e de as consertar; 4 rapazes para as porem a secar; 4 colhedoras, geralmente mulheres, que guardam e enrolam a corda à medida que sai do mar; 10 raparigas para transportarem a corda para junto dos barcos; 2 atadores de chicote (...); 2 rapazes para a limpeza do barco; um vendedor, um escrivo, um mestre carpinteiro (para pequenos consertos) e um encarregado de angariar os bois (REZENDE, 1944, p. 61)”

A comercialização do peixe não era feita apenas junto à linha de costa, porém esta não era simples e exigia também algum sacrifício e engenho, pelo menos até 1929: “Antes de 1926, como não havia estrada que ligasse a praia

¹⁰ Era utilizada em diversos pontos da costa portuguesa, desde Espinho a Vieira de Leiria e no Algarve, áreas cujo fundo marinho é arenoso (LOPES & LOPES, 1995).

com o interior, o peixe era transportado em ‘comboios’ de carros de bois por pistas na areia, até Cantanhede, de onde seguia, em geral, por caminho-de-ferro, para o interior. Por vezes também se verificava o movimento de galeras de muares que levavam o peixe para Coimbra, havendo pessoas que só se dedicavam a este trabalho. Com a abertura da estrada, em 1929, começaram as caminhetas a vir buscar o peixe, cessando o transporte com animais” (REZENDE, 1944, p. 69).

Por largos anos, este foi o tipo tradicional de pesca que permaneceu em atividade, acabando por ser alterado nas décadas de 60 e 70 do século XX, com a modernização e a utilização de barcos mais pequenos a motor e com o recurso a tratores para puxar as redes, o que permitiu uma redução de pessoal e a minimização dos esforços na arte xávega¹¹.

A vida do pescador da arte xávega não era, no entanto, exclusivamente dedicada à safra, isto porque, devido à dificuldade de entrar no mar, que levava a que a pesca fosse feita apenas de novembro e março, o pescador gandarês acabava por ficar em terra, onde trabalhava no campo (tarefa desenvolvida pela mulher durante todo o ano) ou partir até outros pontos do país à procura de trabalho (MARQUES, 2011), como era um pouco comum por toda a Gândara. Ainda no que toca à procura de novas oportunidades, existiu durante largos anos a participação na arriscada e longínqua pesca do bacalhau, que apesar de em alguns casos compensar em termos financeiros, poderia não compensar pelo risco (MARQUES, 2011).

Uma vez mais, e à semelhança daquilo que constatámos no caso da agricultura, a forma como se vive influencia a cultura e nomeadamente o tipo de habitações. A casa gandarésa não “crescia” nos territórios junto da linha de costa, isto porque a atividade levada a cabo pelas pessoas era diferente da restante Gândara. Assim sendo, o tipo de habitação edificada nestas localidades - como são exemplos Praia de Mira e Praia da Tocha - eram os Palheiros. Assentes em estacas ou palafitas, eram edificados com madeira de pinho - encontrado na faixa litoral - e cobertos com palha de estorno — também conhecida como feno das areias -, podendo ser caracterizados como um tipo de habitação humilde, prática e linear, muito à imagem de quem os habitava (Figura 11). Hoje estão a desaparecer e os poucos que ainda existem sofreram algum tipo de intervenção ou estão em decadência.

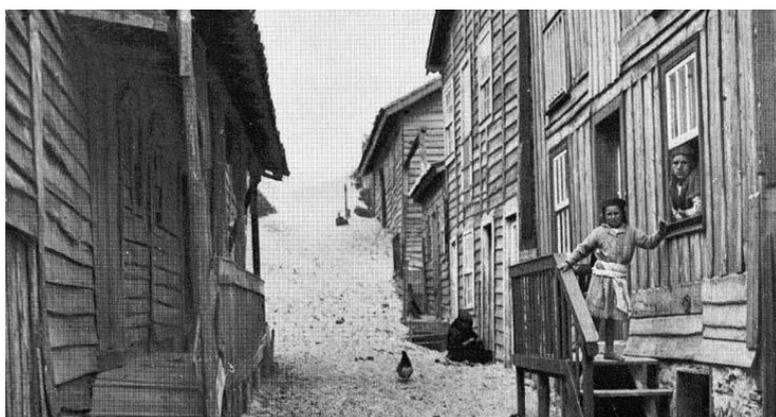


Figura 11 – Palheiros da Praia de Mira (Foto extraída de macaricobeachhotel.com/turismo_palheiros.php)

A arte xávega e os palheiros representam mais um grande pedaço da história do homem gandarês e um pequeno pedaço do presente.

¹¹ Este tipo tradicional de pesca tem sido abandonado em vários pontos do país, no entanto continua a ser uma realidade na Gândara, como é exemplo a Praia de Mira.

c) A criação de gado

A importância da criação de gado teve um grande impacto como uma “atividade muleta” de outras, por estas exigirem a força dos bois para puxar as redes e carregar mercadorias, como foi o caso da arte xávega, e/ou para o carregar matéria orgânica de outros locais, para o produzir de estrumes ou para o puxar de água de poços, como era comum na agricultura. A existência da exploração do gado era feita há já vários séculos no território da Gândara, no entanto, nem sempre teve os mesmos contornos ou até as mesmas condições. No século XVI, por exemplo, o pasto era em alguns casos apenas sazonal, podendo ser tomado como exemplo a migração de gado proveniente da Serra de Montemuro que vinha pastar para os Baldios apenas no Inverno — deixando assim matéria orgânica -, e que era obrigado a voltar para a Serra no verão à procura de melhores pastos (CRAVIDÃO, 1992), algo que mudou com o passar dos tempos e com as mudanças “provocadas” no território.

No entanto, a criação de gado não estava apenas relacionada com o seu auxílio em outras atividades. Isto porque as suas valências não se limitavam ao uso da sua força ou do seu estrume. A criação de gado era um negócio lucrativo para muitos, que chegavam a comprar gado pequeno em feiras, utilizando-o na lavoura, nutrindo-o e alimentando-o, para posteriormente vender já bem grande, existindo a possibilidade de obter um lucro considerável (CRAVIDÃO, 1992).

Em relação à alimentação, o gado contribuía não só como fonte de carne mas também como fonte de leite. Na verdade, a exploração de leite na Gândara teve sempre especial importância, mesmo que o produto extraído não fosse de grande qualidade, fator que poderá ser atribuído à utilização de gado para inúmeras atividades e não apenas para a produção leiteira (CRAVIDÃO, 1992). A criação de gado exclusivamente leiteiro vai ter uma evolução posterior, e que já poderá ser interpretada como um dos sinais de mudança do século XX, pois tornou-se numa atividade de grande importância na Gândara, como se constatará no capítulo 6 deste trabalho.

5. A ocupação do território da Gândara

A ocupação do território da Gândara é um dos pontos de interesse deste trabalho e percebê-la não é mais do que adquirir meios para compreender e contextualizar as dificuldades pelas quais o homem gandarês passou. Este território foi alvo de uma ocupação lenta, relativamente longa e marcada pelas dificuldades impostas pelo próprio território como já foi referido anteriormente. Estas vicissitudes foram também impostas pelo próprio homem, isto porque o este como um ser ativo que é, está constantemente ligado aos conflitos existentes, que são normalmente marcados pelos interesses pessoais e pela tentativa de os sobrepor aos benefícios de um todo. Visto isto, neste capítulo pretende-se explorar a ocupação do território de forma geral, abordando as dificuldades e conflitos que marcaram a Gândara num determinado momento da sua história, mais concretamente no decorrer dos séculos XVII, XVIII e XIX.

a) As fases de ocupação da Gândara

A contextualização geográfica do território da Gândara está profundamente ligada à ocupação do mesmo. Apesar de existirem indícios que apontam para uma presença pré-histórica, não considero que se possa ver esse fator como o início ou até mesmo como o catalisador da ocupação da Gândara, isto porque seres humanos existem neste mundo há bem mais de 20 séculos. Da forma como interpreto a história gandaresa, a ocupação desta área de estudo foi feita “a três tempos e a três velocidades”: numa primeira fase com a presença de algumas referências à existência de alguns fogos pelo território, com destaque para Quiaios como um foco de povoamento antigo, que aumentaram de forma lenta até ao século XV; continuando numa segunda fase com o crescimento de fogos habitacionais e de população com o passar do século XVI e terminando no terceiro tempo com o século XVIII, século em que se registou um grande aumento populacional, que implicou a formação de novas localidades.

No que aos registos disponíveis diz respeito, existe a primeira referência de uma localidade com alguma importância neste território ainda no decorrer da Idade Média, mais precisamente no ano de 807 (CAÇÃO, 1999). Refiro-me a Quiaios, que estava, e está, localizada junto àquele que é considerado o limite sul da Gândara, a Serra da Boa Viagem (REIGOTA, 2000). Este é então aquele que considero ser o início da “primeira vaga de ocupação” da Gândara, fenómeno que se estende até ao século XV, sendo um período “embrionário”, que é caracterizado por uma ocupação lenta e pelo surgir de (alguns) novos fogos. Ao longo deste período, destacam-se as referências à existência de Mira — e Arazede — no século XI, “seguidos” pelo surgir de localidades como Bolho ou Cadima no século XII (CRAVIDÃO, 1992). Posterior foi o despontar de Monte Arcado e Balsas já no século XIII, período este sucedido por uma estagnação populacional, fator que pode ser atribuído à peste e\ou à existência de outras epidemias sempre muito características da zona Aliás, justificáveis pela natureza “pantanososa” e húmida da área de estudo, que é repleta de lagoas e cursos de água e que, associadas a uma época em que os cuidados de higiene e de saúde não eram uma prioridade, poderiam resultar em problemas deste género. A criação já bastante posterior da freguesia de Nossa Senhora das Febres é prova disso mesmo, pois a origem do topónimo foi uma homenagem à santa a quem as gentes daquela região confiavam os seus destinos e a quem dedicavam as suas preces de forma a combater estas mesmas epidemias.

Aquele que pode ser considerado como “o verdadeiro início” da fixação populacional na Gândara começa no século XVI, pois é a partir desta época que se regista um crescimento populacional mais contínuo, que foi acompanhado pelo surgir de novos aglomerados populacionais, sendo este período, o início da “segunda vaga de ocupação”. Prova disso mesmo foi a necessidade de realizar o numeramento de 1527-1532¹², isto porque se não existisse muita população não haveria necessidade de fazer uma contagem da mesma, sendo esta a primeira fonte de conhecimento populacional a que temos acesso. De realçar o isolamento de São Mamede de Quiaios, algo que não acontecia mais a norte no território, o que pode apontar para uma ocupação feita de norte para sul, composta por pessoas oriundas essencialmente de concelhos a norte do território como Aveiro, Vagos, Ílhavo ou Murtosa (RIBEIRO, 1997-1998). A Tocha, que é hoje um aglomerado urbano com alguma importância e que o tem sido desde há algum tempo, era nesta época quase inexistente, existindo apenas o registo de alguns fogos (CRAVIDÃO, 1992).

Seguidamente, surge o século XVIII como um período digno de menção, uma vez que é aí que se regista um grande aumento populacional depois do domínio filipino em Portugal, algo que, segundo Orlando Ribeiro terá na sua base a “revolução do Milho”, caracterizada pela introdução do milho grosso em Portugal pouco tempo antes e, naturalmente, na Gândara. Note-se que num intervalo de apenas 200 anos a densidade populacional passou de 7 habitantes por Km², registada nos numeramentos de 1527-1532, disparando para os 13,5 habitantes por km², algo registado nas memórias paroquiais de 1758. (RIBEIRO, 1997-1998)

Em conjunto com a revolução do milho, não pode ser ignorada a introdução de novas técnicas agrícolas que incrementaram a produção (CRAVIDÃO, 1992). No entanto, a Gândara foi durante esta segunda vaga de ocupação assolada por um grande problema da época: os piratas e corsários que saqueavam as zonas do litoral, sendo ainda importante referir que a linha de costa estava mais perto de povoações como Mira do que na atualidade (REIGOTA, 2000). Ainda de relevo é a referência à instabilidade relacionada com este aumento populacional, que tinha como base uma crescente corrente anti senhorial, fator que será analisado mais adiante.

Curioso é também constatar a falta de influência das invasões francesas no século XIX em relação à população no território, pois apesar de se ter verificado um devastador prejuízo no património florestal — nomeadamente nas dunas de pinhal que foi mais tarde plantado de novo -, os índices de ocupação mantiveram-se contínuos (CRAVIDÃO, 1992).

Do final do século XIX até meados dos anos 90 a oscilação da população foi uma constante, devido a duas questões interrelacionadas. Primeiro, a escassez de recursos, incapaz de acompanhar o crescimento populacional, e segundo, as várias vagas de imigração, influenciadas obviamente também pela conjuntura nacional e cujos destinos eram condizentes com os do resto do país, ou seja, numa primeira fase (até meados dos anos 20) o Brasil e posteriormente para o centro da Europa, com França no topo das preferências — e alguns casos a América do Norte (CRAVIDÃO, 1992).

¹² Este não foi obviamente exclusivo no território da Gândara, pois foi feito a nível nacional.

b) A conflitualidade dos séculos XVII e XVIII

Foi D. Afonso Henriques quem concedeu espaço para a construção do Mosteiro de Santa Cruz e foi o mesmo a procurar dotá-lo de património capaz para sustento próprio, processo que foi executado através de doação régia de várias zonas em redor de Coimbra, como foi exemplo o território da Gândara (sendo este à data pouco povoado e onde Quiaios era o couto mais relevante). O processo de crescimento do Mosteiro e do seu domínio continuou com o conceder de poderes jurisdicionais por parte do Rei, e com o beneficiar dos privilégios concedidos aos foreiros que fossem ocupar terras do Mosteiro, ajudando assim à criação de um espaço de poder independente das justiças régias e\ou oficiais concelhios. O mesmo foi crescendo ao longo dos tempos, através de doações particulares ou compras, tendo o Mosteiro um território já muitíssimo vasto no século XIII, espaço que continuou a ser alargado e consolidado (NETO M. S., 1997).

A fixação dos povos foi feita através de cartas de povoação e foro, tendo sido os forais manuelinos, já no decorrer do século XVI, a consagrarem este processo em grande escala. O regime de propriedade que regulamentou as relações entre o Mosteiro — cujo papel na ocupação do território não pode ser ignorado — e os novos ocupantes, foi a enfiteuse, cujo contrato poderia definir a existência de um aforamento perpétuo — preferido pelos enfiteutas que tinham mais “estabilidade” — ou em vidas. Nestes mesmos contratos ficavam ainda definidas as contribuições para o senhorio, estando normalmente associadas à partilha de uma parte substancial da produção ou dos rendimentos do seu trabalho, algo que nem sempre foi fácil de controlar (NETO M. S., 1997).

Alguma da instabilidade vivida no território da Gândara no decorrer dos séculos XVII e XVIII está de certa forma relacionada com o crescimento do poder do mosteiro e, conseqüentemente, com a perda de algum do mesmo a partir do século XVI e com a luta pela sua manutenção, tudo isto conjugado como uma crescente contestação anti senhorial existente no decorrer deste período. O primeiro sinal de uma perda de poder por parte do mosteiro foi a anexação de rendas e direitos jurisdicionais à Universidade, que se tinha mudado para Coimbra de forma definitiva em 1537, tendo adquirido alguma importância na região. Outro conflito existente, já numa fase posterior, foi com a câmara de Montemor, tendo na base dessa disputa o domínio dos territórios mais a sul da Gândara, mais especificamente os baldios. Neste caso, ficou provado, depois de uma boa defesa jurídica, que as referidas terras ficavam dentro das demarcações do Mosteiro. Esta instabilidade e disputa entre as duas entidades repetiu-se noutras situações específicas, muitas vezes tendo como fator central elementos do território gandarês. No entanto, os problemas com câmaras não se ficaram apenas com Montemor, isto porque no caso de Mira também houve insatisfação e conflitualidade (NETO M. S., 1997).

No entanto, o problema central não estava rigorosamente confinado à disputa de poder e à luta pelo território, isto porque esta era verdadeiramente uma terra em conflito, que tinha vários problemas, sendo a disputa de poder entre senhores apenas um deles. A verdadeira “fraqueza da Gândara”, como vimos e vamos continuar a ver ao longo deste trabalho, é o território em si, o seu solo infértil e as conseqüências (im)previsíveis que podiam daí surgir, numa época em que o sistema montado girava em torno da exploração agrícola. Ora, quando os resultados não eram bons e as cobranças eram de certa forma severas, existia motivo para insatisfação e conflito; quando existiam vários tipos de rendas (rações, foros ou dizimos) existia outro motivo para insatisfação. Sendo o território “crúzio” tão vasto tornava-se difícil controlar a sua ocupação ou anexação indevida relativamente ao que tinha sido inicialmente acordado, existindo assim motivo para problemas. Se, devido a fatores imprevisíveis como condições climatéricas adversas, associadas à acidez dos

solos, resultassem “perdas” e não “lucros”, existiam problemas na cobrança, passando assim a ser necessária a intervenção de capitães de ordenança — poderosíssimos na época -, situação motivada pela incapacidade dos rendeiros locais em cobrar as rendas, algo que aconteceu em muitos casos no século XVIII, como são exemplos Mira e Quiaios, procedimento que representou outro motivo de insatisfação devido à severidade característica destes capitães. (NETO M. S., 1997)

A contestação anti senhorial teve o seu pico no decorrer do século XVIII, quando o mosteiro foi “obrigado” a realizar um tombo devido à quebra registada na cobrança de rendas. O principal objetivo era relembrar os termos do que tinha sido acordado aquando da ocupação do território, reforçando assim a manutenção dos seus direitos perante as transgressões que existiam e eram difíceis de detetar num território tão vasto — como a fuga aos foros ou rações, ações de enfiteutas que agiam como proprietários alodiais, aforamentos indevidos por parte das câmaras ou ausência de qualquer tipo de aforamento. No entanto, esta não foi a única medida do mosteiro na procura do reafirmar do seu poder. Reagiu também através da ordenação de que em todo o espaço de arroteamento, qualquer construção de casas ou moinhos tinham de ser autorizadas por si, que todos os negócios jurídicos — fossem compras, vendas, subenfiteuse, etc. — também tinham de ser comunicados e que o convento partilharia de todos os frutos do campo, tendo sido estas medidas que desencadearam uma grande contestação, não só na Gândara mas em todo o território de domínio Crúzio. No caso gandarês, existia mais um elemento a alimentar a insatisfação constante, relacionado com o crescimento da população e com a progressiva ocupação do território no decorrer do século XVIII, que obrigou à vedação de espaços de logradouro comum, tendo sido este um processo que desencadeou grande discórdia com algumas destas a serem derrubadas, como foi o caso de Cadima — local onde existiu sempre muita contestação -, ou ainda no caso de Mira com a destruição de moinhos (NETO M. S., 1997).

Esta resistência na procura da manutenção de poder, através da manutenção de rações, foros e dízimos, acabou de certa forma por condicionar o aproveitamento e a própria evolução da agricultura nos territórios da Gândara, algo que a população sentia, chegando em alguns casos a ter atitudes violentas. A verdade é que apesar da perda de alguns privilégios e da contestação justificada pelo peso excessivo das rendas, o poder do mosteiro nunca foi realmente colocado em questão neste período, uma vez que ao longo de muito tempo o suporte material de Santa Cruz era uma grande vantagem neste jogo de interesses, que se limitou a, por mais do que uma ocasião, solavancar a estrutura senhorial, não chegando ao ponto de a colocar em perigo na sua condição ou existência (NETO M. S., 1997).

c) A desamortização de Baldios no século XIX

Como já foi abordado, os séculos XVII e XVIII podem ser caracterizados por uma grande conflitualidade marcada pela contestação anti senhorial a nível nacional, algo que também acontecia no território da Gândara. Esta situação teve obviamente consequências diretas para a população, que acabou por revelar em muitos momentos a sua insatisfação (NETO M. S., 1997). Este descontentamento vai continuar no século XIX e podemos ter como exemplo disso mesmo o caso de Mira, com a análise da desamortização de baldios que decorreu nesta altura a nível nacional e que não foi de todo simples de aplicar no referido território (NETO M. M., 1982).

No final do século XVIII eram muitas as vozes da discórdia, relacionadas com a existência de baldios municipais, tendo sido caracterizados à data por Alexandre Herculano como “*um dos mais graves embaraços ao progresso da agricultura*” (NETO M. M., 1982, p. 18). A desamortização consistiu na alienação em hasta pública de bens do Estado e não só. Este foi um “*processo que se desenrolou em Portugal em três etapas: a venda de bens da Coroa (1798-1833); venda dos bens e foros nacionais (de 1834 em diante, prolongando-se pelo século XX fora), e desamortização, propriamente dita, de bens e foros (depois de 1861)*” (SILVEIRA, 1991, p. 585).

O ano de 1969 tem especial importância neste contexto, isto porque a 28 de agosto do mesmo ano foi criada a lei da desamortização de todos os baldios a nível municipal e/ou paroquial, excluindo apenas os terrenos necessários ao logradouro comum. Esta notícia foi no entanto “combatida” pela Câmara de Mira, que enviou de imediato um requerimento ao governo com o objetivo de pedir a exclusão da desamortização para os baldios do concelho, justificando-se com a importância destes para a população, que deles retiravam estrumes para a agricultura e dos mesmos se serviam para colocar o gado a pastar. Recordo que estes funcionavam como uma ferramenta fundamental para a subsistência do homem gandarês, porque eram basilares para obtenção de resultados agrícolas aceitáveis, que normalmente já eram condicionados pela já referida natureza infértil do próprio solo e por condicionantes climáticas imprevistas. Porém, as pretensões da Câmara foram deferidas e a 2 de outubro de 1873 a ordem começou a ser executada (NETO M. M., 1982).

No entanto, apesar das pretensões camarárias serem contrariadas por ordem régia, a lei da desamortização continuava a não ser executada no concelho e a Câmara continuava a sua atividade regular na administração dos baldios, indo assim ao encontro daqueles que eram considerados por si os interesses da população. Porém, em fevereiro de 1877 foi concluído um inventário dos baldios do concelho, significando a existência do mesmo, o dar de mais um passo a caminho da desamortização. Passados 15 anos da publicação da lei da desamortização, os efeitos práticos no concelho de Mira não se faziam sentir, fator que serviu de motivação ao governador civil para, a partir de 1884, intensificar esforços no sentido de a aplicar, enviando constantes circulares para a Câmara Municipal e para as juntas de paróquia, estratégia que continuou a ser repetida no decorrer do ano de 1885 (NETO M. M., 1982).

Um dos problemas existentes com os baldios era a frequência com que se verificavam constantes usurpações, ocupações ilegais que não eram bem vistas pelas entidades competentes, como era exemplo o governador civil. Este incentivou a Câmara a recorrer a métodos “*suasórios e conciliadores*” e “*judiciais e coercivos*” (NETO M. M., 1982, p. 33) para reaver as terras usurpadas, algo que não ia ao encontro das pretensões da mesma. Quem procurava uma solução mais simples foi a Junta Geral do Distrito, que fez chegar ao governador algumas propostas com o objetivo de colocar um fim em toda esta problemática dos baldios. A Junta incentivou a inventariação e a demarcação da área de logradouro comum, seguida pelo pagamento de um foro por parte dos usurpadores, de forma a regularizar a situação e obter proveitos para a Câmara.

Perante todo este impasse, que acabou por arrastar e atrasar o processo de inventário dos baldios, o governador civil enviou uma pessoa encarregada para o efeito, que acabou por ser também muito mal recebida pela população, que via no indivíduo um mero “usurpador de bens e rendimentos” (NETO M. M., 1982, p. 34). Incentivado a continuar a sua tarefa pelo governador, o encarregado mostrou compreensão pelos argumentos do povo em relação aos baldios, chegando mesmo a sugerir aforamentos através da divisão por louvados e não em hasta pública, na procura de evitar que os baldios

aforados fossem parar unicamente às mãos dos mais ricos. Apesar desta postura, o seu trabalho não foi facilitado, e o indivíduo continuou a ter grandes problemas para realizar o inventário, tendo chegado inclusivamente a recear pela própria vida. (NETO M. M., 1982).

Perante todo este alvoroço, a posição da Câmara permanecia inalterável: aforar em praça pública todos os baldios desnecessários ao logradouro comum, defendendo isto mesmo junto da Junta Geral do Distrito. No entanto, Mira acabou por ser apanhada desprevenida pela marcação de uma venda de alguns baldios e matas em hasta pública, numa ação levada a cabo pela Junta Geral, situação que levou ao levantamento de vozes da revolta da população. Perante esta situação, a postura da Câmara foi contrária à da Junta, mantendo a sua intenção de aforamento, isto porque classificava toda esta questão como “*uma garantia de ordem pública*” (NETO M. M., 1982, p. 37). Esta postura radical não tinha fundamento legal, porque segundo as leis de desamortização de 1869, competia às entidades administradoras dos baldios a escolha da modalidade de alienação, sendo neste caso a Câmara a entidade administradora. A venda acabou por não se efetuar e perante esta situação, e devido à inexistência de qualquer documento do governo que confirme a marcação desta venda, Margarida Neto coloca uma questão pertinente: terá sido tudo isto apenas um boato?

Toda esta situação - caracterizada pela agitação, oposição, avanços e recuos -, ficou concluída a 1892, depois das pretensões da Câmara serem aprovadas e confirmadas, com a desistência do governo em relação às suas pretensões. Desta forma, em maio desse ano 73 pessoas compareceram na Câmara para acertar a imposição de um foro e acabaram por ser também aforados em hasta pública 320 glebas de terreno baldio (NETO M. M., 1982).

6. As mudanças do século XX

O século XX foi uma época de grandes e rápidas mudanças, não sendo felizmente necessário ser formado em história para ter uma percepção, mais ou menos específica, disso mesmo. O território da Gândara, apesar de ter funcionado ao longo dos tempos como uma espécie de periferia do litoral português, não foi exceção neste turbilhão de transformações e é isso mesmo que o capítulo que se segue pretende aprofundar, ainda que de modo sucinto.

Uma das grandes mudanças apuráveis no território da Gândara está relacionada com o mesmo deixar de ser um ponto de chegada para se tornar num ponto de partida, daí que eu tenha caracterizado a ocupação do território em 3 fases, cuja no início do século XX. É no entanto, importante referir que esta tendência não é exclusivamente gandarés, tendo sido um fenómeno de grande dimensão à escala nacional. As razões para este mesmo fenómeno são muito variadas, tendo na maioria dos casos um denominador comum: as dificuldades e a procura de novas oportunidades, na busca de uma vida melhor. No território da Gândara não foi no entanto esta a única resposta dada pelo seu povo às dificuldades, que procurou arranjar soluções novas dentro do território nacional, tendo nós como exemplo o surgir da ourivesaria ambulante. Esta nova atividade, mesmo que não seja característica de todo o território da Gândara, surge como mais um sinal das referidas mudanças do século XX, impondo-se também a sua abordagem devido à natureza deste trabalho e à localização onde realizei o estágio pedagógico: Febres, autodenominada terra de ourives.

As já referidas mudanças do século XX não são as únicas a ser abordadas neste capítulo, uma vez que, no decorrer do mesmo, houve uma outra atividade que evoluiu e, que apesar de ter tido sempre muita importância, apenas afirmou a sua “independência” no decorrer deste período: refiro-me à produção de gado leiteiro. A aposta nesta atividade teve influência direta na agricultura, que teve de se reinventar e que passou a dispensar, na maioria dos casos, o trabalho animal. Esta aposta na especialização da produção contribuiu para a criação de cooperativas agrícolas que vieram beneficiar os interesses do povo e que funcionaram de certa forma “contra” os monopólios que se iam criando na indústria leiteira, sendo este definitivamente mais um sinal de mudança na Gândara.

a) As vagas de emigração

A Gândara do século XX já é marcada no seu início por algumas diferenças que vão sendo vincadas com o passar das décadas. Depois de um crescimento quase contínuo ao longo de sensivelmente 10 séculos, chegou o ponto em que na procura de novas oportunidades — que o território não fornecia — o homem gandarês se virou para outros pontos do mundo, seguindo assim a tendência dos finais do século XIX com a saída dos países. Nesta vaga, verificou-se uma diferença relacionada com o género, visto que no início do século XX a emigração passou a ser uma realidade também para as mulheres, algo de que não há registo na vaga de 1870-1879. Porém, os homens continuavam a ser a fatia mais representativa nesta estatística. Os destinos eram variados, porém é inevitável fazer referência à predominância de um destino: o Brasil (CRAVIDÃO, 1992).

Este fluxo migratório sentiu um enfraquecimento a partir dos anos 20, tendo sido recuperado após a década de 50, destacando-se os anos 70 devido aos números elevados em relação a outras décadas, pela percentagem de mulheres

que emigravam (que eram cada vez mais) e pelo novo destino preferencial escolhido, em detrimento do Brasil: a Europa recém-saída da guerra, com França “à cabeça” (CRAVIDÃO, 1992).

No que toca às atividades económicas as mudanças também foram uma realidade, pois o surgir de novas oportunidades e atividades permitiram a muitos homens gandarês procurar melhorar a sua vida sem depender do traíçoeiro solo gandarês, servindo como exemplos o fenómeno dos ourives ambulantes na freguesia de Febres, e que se iniciou no princípio do século, ou o crescimento da especialização e exploração de gado leiteiro. Este segundo protagonizou uma grande evolução no século XX com a criação de ordenhas, a exploração industrial e a criação de cooperativas agrícolas que ajudaram os produtores a defenderem-se.

Este século é definitivamente marcado pela melhoria da qualidade de vida, nas atividades e no dia-a-dia do homem gandarês. As melhorias são notórias nas habitações — com um abandono progressivo da típica casa da região —, no recheio doméstico das mesmas — mostrando isso mesmo as estatísticas relacionadas com a aquisição de televisões ou frigoríficos —, na saúde — com destaque para o papel da caixa de providência ou das casas do Povo — e na alimentação — algo justificável com a aquisição de frigoríficos domésticos e com a difusão de pequeno comércio. (CRAVIDÃO, 1992)

Com a entrada na Comunidade Económica Europeia e a evolução a nível nacional, verificou-se a confirmação na tendência de melhorias sociais e um abandono do setor primário. À medida que nos vamos aproximando da atualidade, verificamos que o território da Gândara se foi afirmando e foi deixando de ser uma periferia do litoral português, como tinha sido ao longo dos tempos.

b) Ourivesaria ambulante

A referência a esta atividade comercial não está relacionada com a sua expansão no território da Gândara e também não se pretende equipará-la à importância e abrangência da agricultura e da criação de gado. No entanto, esta foi uma atividade que ganhou algum relevo em algumas localidades da Gândara como são exemplos Febres e Vilamar, acabando por funcionar como um exemplo que nos mostra a ambição do homem gandarês perante a oportunidade de melhorar a sua vida. Com o passar dos anos, esta expandiu-se por outras localidades gandarês, não obtendo no entanto uma dimensão como aquela que teve na freguesia de Febres¹³.

O começo da exploração do comércio ambulante está relacionado com a conjuntura comercial nacional dos séculos XVIII e XIX, com as crises que surgiram no decorrer dos mesmos — nomeadamente com as invasões francesas e/ou os conflitos civis, que levaram à criação do regulamento das contrastarias em fevereiro de 1886. Este foi estabelecido com o objetivo de regulamentar o fabrico de artefactos de ouro, tendo como principal meta melhorar a especialização do tratamento dos mesmos, que à data era bastante desvigoroso. Através desta medida, combateu-se de forma eficaz a

¹³ Informação recolhida junto do Professor Cidalino Madaleno, que constará da obra “*História da Freguesia de Febres (Febres- Corticeiro-Vilamar)*”, a editar.

concorrência desleal, provocada pelo adulterar de matéria-prima por parte de alguns comerciantes. Com isto, acabou por se verificar um crescimento do comércio do ouro, relacionado também com o alargar da clientela alvo — que até à data incluía apenas as classes privilegiadas —, surgindo assim a “ourivesaria popular” e concomitantemente os ourives ambulantes. Estes viajavam de bicicleta — e em alguns casos a pé — e levavam na sua famosa “mala verde” (feita a partir de folha da flandres) artigos de ouro como brincos, anéis, cordões, e relógios, que eram mais baratos e acessíveis para alguns bolsos. A sua “volta” durava por norma 70 dias mas existem registos de voltas que duraram cerca de 6 meses, acabando assim o ourives ambulante por chegar a sítios mais recônditos e marcar presença em vários mercados e feiras (CRAVIDÃO F. D., 1986).



Figura 12 – Estátua do ourives ambulante, Febres

A expansão desta atividade foi notória na freguesia de Febres e posteriormente freguesia de Vilamar, com muitos jovens a enveredarem pelo comércio do ouro como uma forma de enriquecimento ou, em alguns casos, como um modo de evitar a supracitada emigração característica da época — fator comprovado pela diferença nos registos migratórios da freguesia de Febres em relação às vizinhas. (CRAVIDÃO F. D., 1986) Este crescimento levou a um fenómeno doméstico curioso, com a existência de duas atividades distintas na mesma casa, com os maridos a trabalharem no comércio do ouro, enquanto as mulheres continuavam a trabalhar na agricultura¹⁴.

A facilidade de expansibilidade desta atividade foi evidente, à exceção dos grandes centros onde era mais complicado entrar, protagonizou uma expansão de tal forma alargada e de tal forma importante, que levou a que a freguesia de Febres seja hoje, autoproclamada como a “Terra do Ouro”, onde existem ainda hoje inúmeras oficinas de concertos de ourivesaria (hoje em menor número, devido à recessão económica que se abateu sobre o nosso país) e de onde são originários inúmeros proprietários de muitas ourivesarias espalhadas pelos mais variados pontos do país. Em alguns casos, outros proprietários que não tenham ligações familiares com a freguesia de Febres ou Vilamar, acabam mesmo assim por enviar artigos para concerto dos mais variados pontos do país, sendo esta mais uma prova de que esta atividade teve mesmo algum destaque e importância a nível local e nacional.

Para se ter uma ideia mais concreta da importância desta atividade para estas localidades, existem algumas habitações — hoje na maioria degradadas — que são prova da existência de riqueza nas freguesias, sendo ainda importante

¹⁴ Informação recolhida junto do Professor Cidalino Madaleno, que constará da obra “*História da Freguesia de Febres (Febres- Corticeiro-Vilamar)*”, a editar.

realçar a instalação de rede elétrica em 1934 em Escumalha¹⁵, paga pelos habitantes da aldeia, algo apenas alcançável para quem tivesse meios.

Esta é uma atividade que pode não caracterizar a Gândara, não deixando porém de ser muito importante, uma vez que representou uma forma de subsistência e expansão económica relevante, que não poderia deixar de ser referida.

c) O gado leiteiro e as cooperativas

A criação de gado leiteiro foi uma atividade de grande importância para o povo gandarês, não só a nível económico, mas também como um elemento chave na transformação dos solos do território, isto porque através da incorporação de matéria orgânica nos característicos solos podzólicos da Gândara, em conjunto com a já referida atividade agrícola, no mínimo atrasava o processo de podzolização (ALMEIDA A. C., 1992).

De uma forma geral, julgo que se pode atribuir a forte presença de gado bovino na Gândara a três fatores: o já referido fornecimento de matéria orgânica para os campos — que continuou mesmo depois do surgir dos fertilizantes -; o uso do gado para o trabalho na lavoura e a extração e comercialização de leite.

Esta criação de gado foi sem dúvida apoiada pelas características fisio-climáticas do território (CRAVIDÃO, 1992), pois o desenvolvimento desta atividade implica a existência de alimento, que teve o seu acesso facilitado pela própria natureza regular do respetivo território, cuja planura permite um acesso fácil aos prados de qualidade.

Com um crescimento mais acelerado no decorrer do século XX — salvo algumas exceções, como por exemplo o surgir de epidemias entre os animais —, a indústria leiteira passou a tornar-se num grande negócio. Este era dominado pelas indústrias Martins e Rebelo, Nuno e Rodrigues e Nestlé (CRAVIDÃO, 1992), situação que perante as dificuldades inerentes à influência dos mesmos — ou à construção de monopólios que aproveitam o trabalho do homem —, incitou ao associativismo que, consequentemente, levou à criação de várias cooperativas que vieram a desempenhar um papel de extrema importância na economia regional, funcionando de certa forma como autênticas “defesas” económicas para o homem gandarês.

Estas cooperativas agrícolas tiveram um verdadeiro incremento após 1975 (CRAVIDÃO, 1992), dividindo o território entre as áreas de influência das cooperativas de Bebedouro, Cantanhede, Ferreira-A-Nova, Figueira da Foz, Mira e Tocha. Este crescimento está associado ao desenvolvimento que se verificou depois de 1970, numa tripla ligação entre a introdução da maquinaria nas mais variadas áreas, a consequente “dispensa” do trabalho do gado no campo, que contribuía para um leite de maior qualidade, e o resultando numa aposta definitiva e exclusiva na produção de gado

¹⁵ Nome alterado em 1941 para Vilamar, depois de pedida uma mudança da toponímia por parte da população, segundo a informação recolhida junto do Professor Cidalino Madaleno, que constará da obra “*História da Freguesia de Febres (Febres- Corticeiro-Vilamar)*”, a editar .

leiteiro — recordo que o gado em muitas situações era utilizado numa dupla função: o trabalho na lavoura e a extração de leite.

Um dos fatores de maior relevo com o surgir das cooperativas foi o desenvolvimento e incremento das ordenhas, divididas em ordenhas coletivas e particulares (CRAVIDÃO, 1992). As primeiras eram utilizadas por pequenos agricultores, que não tinham possibilidade de adquirir material para fazer uma extração de qualidade e que não tinham quantidade de gado que o justificasse. O segundo caso, era relativo aos produtores que teriam mais gado, justificando assim a construção de instalações particulares, pelo número de animais e produto que movimentavam.

Com o evoluir dos tempos, e sendo residente na área de estudo, estou em condições de afirmar que as ordenhas caíram em desuso, pois tenho ainda na memória que na altura da minha infância — nos anos 90 —, as idas às ordenhas de várias pessoas com o gado, para fazer a extração de leite, era ainda muito frequente, sendo uma atividade que tinha ainda alguma expressão que hoje já não se verifica. Podemos então concluir que esta atividade deixou de ser uma componente que funcionava em muitos casos como um rendimento extra para muitas famílias.

Além deste fator, o uso do gado na lavoura já não se vê de todo, fruto da instalação definitiva do uso da maquinaria no processo agrícola. A evolução tecnológica do nosso tempo foi “acabando” com pequenos rendimentos familiares como este, fruto do reboliço que a vida de muitos se tornou, sem tempo para nada no meio de uma vida repleta de ausência de tempo e de muito stress na vida profissional e pessoal, deixando de haver espaço para este tipo de “atividade complementar” — que não o era em todos os casos.

Aplicação didática

Terminada a abordagem científica deste trabalho, resta-me dar seguimento ao mesmo com a aplicação didática, espaço onde procuro justificar as escolhas que determinaram a forma como as atividades se realizaram, procurando responder às questões que se impõem: porquê a Gândara? Qual a relação histórico-geográfica? Qual o seu enquadramento pedagógico?

A escolha do tema esteve diretamente ligada à sua aplicação didática e sobretudo à ambição de colocar os alunos em contato com a história e geografia locais. A possibilidade de dar a conhecer elementos, que eu próprio desconhecia sendo formado em história e geografia, residindo na região da Gândara e tendo estudado na escola onde estes alunos hoje estudam, é por si só revelador de uma lacuna na abordagem histórico-geográfica local no ensino.

Mesmo que não exista enquadramento pedagógico em relação aos currículos das duas turmas onde as atividades foram implementadas — o 8ºX e o 9ºY — podemos contextualizar esta aplicação em termos legislativos, isto porque podemos encontrar na Lei de Bases (no artigo 7º da Lei nº 46/86) um fundamento para a utilidade e talvez necessidade de uma aplicação deste género. Deste modo, na alínea h) é referido que se deve “*proporcionar aos alunos experiências que favoreçam a sua maturidade cívica e sócio afetiva, criando neles atitudes e hábitos positivos de relação e cooperação, quer no plano dos vínculos de família quer no da intervenção consciente e responsável na realidade circundante*” (LUCENA, 2000). Pode ser com base neste pequeno excerto da Lei de Bases, que se pode considerar então pertinente uma aplicação didática como esta, pois o objetivo principal da mesma foi o alimentar do conhecimento destes jovens em relação à história e geografia do seu território, à memória e dificuldade dos seus antepassados em termos físicos e humanos, procurando ainda incrementar os valores pessoais e o respeito pelo património, costumes e tradições da região gandraesa.

Outra das razões para a escolha do tema foi a relação intrínseca entre a história e a geografia locais, que facilitou assim o planeamento de atividades que surgem no âmbito do meu estágio bidisciplinar, algo que nem sempre é fácil de conseguir e que muitas vezes se torna impossível de aplicar devido às características específicas de cada tema.

A escolha das turmas-alvo esteve relacionada com questões logísticas, pois existiam três critérios a ter em conta para a escolha das mesmas: necessidade de ter contato permanente e semanal com as turmas onde se iria realizar as atividades; necessidade de ter a capacidade de realizar os trabalhos de grupo com qualidade, baseando os mesmos numa pesquisa bibliográfica que se traduzisse na criação de textos coesos e sóbrios; um máximo de alunos que permitisse a ida à visita de estudo num autocarro, de forma a conseguir transporte gratuito da parte da Câmara Municipal de Cantanhede, contribuindo assim para uma deslocação gratuita e facilitando a logística na preparação das atividades a realizar ao longo da mesma.

O primeiro passo para a realização desta aplicação didática foi suscitar o interesse dos alunos pelas temáticas abordadas, alimentando a sua curiosidade e orientando o trabalho que foi dividido em dois tempos: numa primeira fase com a realização de trabalhos de grupo como elemento de preparação para uma segunda fase, dedicada à realização de uma visita de estudo pelo território da Gândara.

a) Trabalhos de grupo

Antes de qualquer abordagem relativa ao planeamento e funcionamento dos trabalhos de grupo, é necessário explicar o porquê da escolha desta atividade como preparação para a visita de estudo. A necessidade de uma preparação está relacionada com as vantagens de uma contextualização prévia sobre o tema da visita, representando neste caso uma tentativa de motivar os alunos a saber mais sobre a região da Gândara, tendo na visita de estudo um complemento aos conhecimentos já adquiridos. Já a escolha pela realização de trabalhos de grupo, em detrimento do desenvolvimento de trabalhos individuais, esteve relacionada com a procura do aproveitar de saberes, experiências pessoais ou conhecimentos familiares por parte de diferentes alunos, tendo também a noção de que os trabalhos de grupo representam uma oportunidade para uma aprendizagem conjunta e para um desenvolvimento individual por parte dos alunos (PATO, 2010).

Na realização de trabalhos desta natureza, exige-se ao professor uma preparação prévia bem conseguida, tanto a nível científico como material (PATO, 2010). O primeiro ponto foi conseguido com o desenvolver dos seminários. Tendo tido a oportunidade de explorar grande parte da bibliografia específica sobre o tema. Senti-me bem preparado para dar suporte e orientação aos alunos ao longo do trabalho. Esta preparação científica influenciou também a preparação do material para a aula pois, conhecendo o assunto, consegui escolher os temas de forma coerente, sabendo exatamente o que era necessário saber e escrever acerca dos mesmos, fazendo assim quatro guiões específicos¹⁶, com os pontos-chave e com os objetivos bem claros, para orientar o trabalho com quatro temas distintos: a casa gandaresa, atividades e uso do solo, paisagem e ocupação do território. Com a escolha destes, consegui, do meu ponto de vista, abordar de forma equilibrada as características do território, a ocupação e as suas barreiras, as respostas a essas mesmas dificuldades e os elementos culturais que surgiram do modo de vida imposto ao homem por todos os elementos referidos, conseguindo assim equilíbrio entre a história e a geografia.

O passo seguinte centrou-se na formação dos grupos, tendo sido a constituição dos mesmos definida por mim, procurando corresponder a dois critérios: a existência de grupos com um máximo de cinco elementos, procurando evitar assim uma subdivisão dos mesmos, e a criação de grupos heterogêneos e mistos (PATO, 2010), granjeando trazer para os diferentes grupos experiências de vida, saberes, hábitos de trabalho e determinação e evitando também assim a criação de grupos desnivelados, que levassem à realização de alguns trabalhos muito bons e outros pouco conseguidos. Definidos os grupos, o passo seguinte foi a distribuição dos temas escolhidos, sendo a mesma concretizada através de sorteio, com o objetivo de evitar qualquer levantamento de problemas que poderiam surgir com uma escolha dos guiões por parte dos alunos. Desta forma, a sorte ditou o destino dos grupos que apenas seriam autorizados a mudar, caso todos os intervenientes estivessem de acordo (“100% de acordo ou nada”, foi a resposta dada à questão das permutas de temas). Numa fase intermédia entre os dois pontos supramencionados existiu um diálogo com os alunos, que visava aferir a motivação dos mesmos para a realização dos trabalhos e tinha como objetivo responsabilizá-los para o desenvolver de trabalhos coerentes. Cada turma teve os mesmos quatro temas distribuídos e o melhor trabalho de cada um, teria a possibilidade de ser publicado num jornal local — o jornal *Aurinegra* -, sendo que para o efeito, os trabalhos teriam que ter um bom nível, algo que exigia um compromisso por parte dos educandos, tendo sido o mesmo assumido pelos próprios. Este objetivo visava funcionar como mais um elemento motivacional para a realização de um bom trabalho, este que foi realizado em casa e acompanhado tanto na sala de aula — disponibilizando momentos para esclarecimento de dúvidas — como, fundamentalmente, via correio eletrónico, com os porta-vozes dos grupos.

¹⁶ Disponíveis em anexo VII.

Os trabalhos começaram a ser realizados ainda no decorrer do 2.º período, mais especificamente na última semana de aulas, e foram entregues no decorrer do mês de abril. Depois desta primeira fase de entregas, os trabalhos foram revistos por mim e enviados para trás com algumas orientações e sugestões, que se prendiam sobretudo com a formulação do texto e a ligação dos conteúdos. Os trabalhos finais foram de uma forma geral satisfatórios, tendo tido algumas surpresas com alguns elementos das turmas, tanto devido ao interesse pelo desenvolvimento dos temas, como pelo empenho em realizar um bom trabalho, procurando sempre saber mais. A visita de estudo foi um bom complemento à realização dos trabalhos, alimentando os textos com pormenores interessantes apreendidos no decorrer da mesma — algo mais notório no caso dos temas da casa gândaresa e da paisagem. A avaliação foi feita de forma qualitativa e foi incluída na avaliação final do ano nas produções escritas, em conjunto com os trabalhos realizados dentro e fora da sala de aula, no âmbito da disciplina de geografia.

b) Viagem de estudo

As razões que me levaram a escolher esta estratégia, em detrimento de outras, estão relacionadas com os mesmos fatores que me levaram a optar pela realização dos trabalhos de grupo sobre os temas: o facto de os alunos estarem inseridos na região da Gândara, tendo assim possibilidade de apreender as características da mesma, ou neste caso, completarem os conhecimentos previamente adquiridos, através do conhecer de exemplos “in loco” daquilo que foi estudado nos trabalhos realizados pelos próprios.

O realizar de uma visita de estudo oferece entre muitas outras vantagens, a oportunidade da criação de uma aprendizagem significativa, fundamentada em exemplos do quotidiano e conseguida através do contato direto com as fontes — neste caso com o território e os estudos do mesmo — tornando-se assim um processo educativo mais simples e acessível para os alunos. (ALMEIDA A. , 1998) Além destas motivações, a realização de uma saída pelo território da Gândara esteve relacionada com a proximidade dos destinos e com a motivação que os alunos demonstram, sempre que há uma saída da escola. Esta mesma saída do espaço escolar coloca os alunos em confronto com aquilo que lhes foi transmitido em sala de aula, tendo no entanto uma diferença: quando os elementos são transmitidos na sala, pede-se aos alunos que acreditem, que bebam daquele que é o nosso conhecimento ou o conhecimento do exposto na bibliografia, contrariamente ao que acontece quando os alunos estão na presença dos locais propriamente ditos, quando vêm, percebem e vivem, tendo assim uma experiência de aprendizagem significativa. (ABREU, 1972)¹⁷ O conjunto de pontos apresentados representa o porquê da escolha desta estratégia, que acabou por ser, do meu ponto de vista bem conseguida, sendo um sucesso também resultante da boa preparação da mesma.

¹⁷ Citação por parte da autora a uma referência de Maurice David.

Uma visita de estudo deve ser uma aula prática, tendo então de ser previamente preparada como se de uma aula normal se tratasse (ABREU, 1972), sendo talvez até necessário um pouco mais de preparação e atenção ao detalhe. O primeiro passo nesta mesma planificação foi a escolha dos destinos da visita de estudo, sendo esses a Lagoa de Mira, a barrinha da Praia de Mira, o museu etnográfico da Praia de Mira o museu do território da Gândara e os Moinhos da Areia, com a colaboração da Associação dos Amigos dos Moinhos e Ambiente da Região da Gândara (AAMARG), podendo o percurso ser visto na figura 13. A escolha destes locais, obviamente feita devido à utilidade dos mesmos, deveu-se também à sua proximidade em relação à escola, conseguindo assim uma viagem com uma pequena deslocação, mas parando em muitos pontos e conhecendo vários elementos, sem com isto “enfadar” os alunos.

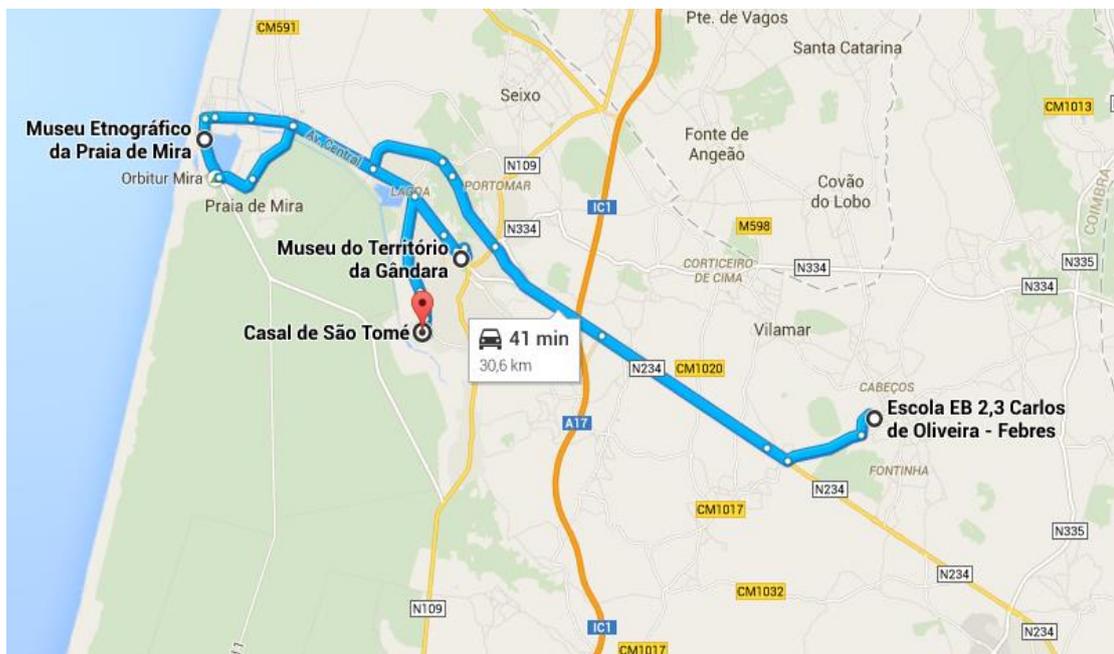


Figura 13 – Percurso da viagem de estudo com uma deslocação total de 30,6Km (Google Maps).

Escolhido o itinerário da viagem, foi necessário realizar os preparativos para a visita, começando então pela aprovação do meio escolar, nomeadamente do departamento das disciplinas em questão e da direção da escola, algo que foi facilmente conseguido. Porém, neste momento ainda só existiam algumas opções no que toca à data, isto porque esta só seria definida depois de eleger um dia em que se pudesse conciliar o transporte facultado pela Câmara Municipal de Cantanhede, com a disponibilidade dos referidos locais para nos receber e ainda com a disponibilidade das próprias turmas e docentes envolvidos. Depois da chegada da resposta da Câmara Municipal, e após a obtenção do autocarro camarário, ficou o dia 16 de abril marcado para a realização da visita, sendo a mesma confirmada em todos os locais de paragem (os museus e os moinhos). De realçar, que toda a visita foi conseguida de forma gratuita, algo que possivelmente contribuiu para que a adesão dos alunos se fixasse em 100%, com nenhuma recusa registada nas autorizações distribuídas pelos encarregados de educação.

Porém, as preparações para a realização desta visita não se ficaram por aqui, pois desde início, que senti a “obrigação” de planear uma saída interessante e motivadora, algo que foi conseguido com as “caças à informação”, realizadas

tanto na lagoa de Mira como na barrinha da Praia de Mira¹⁸. Nestes locais, os alunos participaram numa atividade idealizada por mim, que visava encontrar pistas escondidas junto dos referidos locais, isto depois de lhes ter sido fomentado um guião¹⁹ sobre os objetivos da atividade²⁰. Essas pistas apontavam para o processo de formação das lagoas, tendo os alunos de juntar os pontos, estudar e pensar em grupo na informação recolhida. Depois disto, tiveram que vir até mim para apresentar uma teoria de formação que depois de confirmada ou corrigida, foi concluída com o transmitir do nome dos processos de formação — dunar no caso da Lagoa de Mira e Lagunar no caso da Barrinha —, demonstrando assim que apesar das suas parecenças, as duas lagoas tinham processos de formação diferentes. Na lagoa de Mira a atividade foi realizada com todos os grupos, tendo sido esta a primeira paragem da viagem. Porém, na barrinha da Praia de Mira o grupo já foi dividido por turmas, tendo um grupo visitado o museu etnográfico da Praia de Mira com o professor João Fernandes, enquanto o outro realizava a “caça à informação”, trocando no final de cada uma destas atividades.

Depois de realizadas as atividades junto às lagoas e visitado o Museu Etnográfico, foi dada uma hora e quinze minutos aos alunos, para almoçarem no parque de merendas junto à barrinha e ao Museu, encerrando desta forma o que tinha sido planeado para a manhã. A partida para a realização das atividades delineadas para a parte da tarde deu-se às 13h50, registando-se a chegada ao museu do território da Gândara, em Mira, às 14h00 — a hora programada. Uma vez mais, o grupo total foi dividido pelas diferentes atividades, algo, neste caso, justificável pelas restrições do museu do território da Gândara a nível espacial, suportando um máximo de 20 pessoas por visita guiada. Desta forma, enquanto um grupo visitou o museu, o outro deslocou-se de autocarro até aos Moinhos da Areia, onde tiveram a possibilidade de ver um moinho de água em funcionamento, percebendo assim aquilo que estes representaram no passado, em grande parte da região da Gândara. Terminadas as atividades previstas e correndo tudo como delineado, a chegada à escola verificou-se perto das 17h00.

De realçar que o comportamento e empenho dos alunos no decorrer da visita foi muito bom. Questionados sobre o que acharam da viagem, os alunos consideraram que a mesma foi pertinente, produtiva e interessante

c) Balanço geral da aplicação didática

O estabelecer de uma relação entre a história e a paisagem foi uma das grandes lições a retirar desta aplicação. Porém, se hoje voltasse a realizar esta atividade não a faria totalmente do mesmo modo, nomeadamente em relação à realização dos trabalhos de grupo. A realização dos mesmos foi pensada numa fase já adiantada do ano letivo, isto porque inicialmente tinha pensado apenas na visita de estudo, que depois de refletir, considerei como uma aplicação “curta” e “demasiado comum”, passando a partir deste momento a procurar desenvolver um plano que enriquecesse a mesma. Visto isto, cheguei à conclusão de que a realização dos trabalhos de grupo seria uma estratégia interessante para a preparação da viagem, sendo também aliciante conseguir que os mesmos fossem publicados num jornal local.

¹⁸ A preparação desta atividade teve de ser feita no dia anterior quando me desloquei aos locais para “plantar” as caixas.

¹⁹ Disponível no anexo VIII.

²⁰ Foram aproveitados os grupos dos trabalhos sobre a Gândara, de forma a facilitar o começo da execução da tarefa.

No entanto, preparação tardia desta última estratégia colocou em risco a publicação dos trabalhos no referido jornal, isto porque o próprio passou por mudanças ao longo do ano, passando de bimensal para mensário, tendo conseqüentemente menos espaço a disponibilizar. Os mesmos foram publicados apenas no mês de setembro, devido a fazer mais sentido divulgar os textos já no decorrer do ano letivo, para que os mesmos tivessem algum “impacto” no meio escolar²¹. Condeno-me também pela demora no tratamento deste processo, algo que justifico pela quantidade de trabalho que tive no final do ano letivo, tanto com a aplicação, como com as atividades pedagógicas, com o trabalho de seminário de história ou com aulas observadas de história. Porém, julgo que os temas foram bem escolhidos para aquilo que era pretendido e tenho a convicção de que os materiais que criei também tinham a qualidade necessária para perceber o que era pretendido e para desenvolver o trabalho.

Em relação à visita de estudo, há pouca coisa que faria diferente, pois considero que a mesma foi bem planeada e bem executada, isto claro, com a preciosa contribuição do meu orientador de estágio João Fernandes e da minha colega Ana Bastos. A satisfação é grande por correr tudo como foi planeado desde o início, por ter conseguido realizar uma visita de estudo totalmente gratuita, por ter conseguido gerar aprendizagens sobre a história e geografia locais ou e por eu próprio ter tido a oportunidade de conhecer melhor a Gândara — pois a tal questão do aprender lendo ou aprender fazendo também se aplica a mim.

²¹ Disponível no anexo X.

Conclusão

Findo este trabalho é importante referir a importância do mesmo, sobretudo a nível pessoal, visto que a temática abordada trata essencialmente as minhas raízes e pelo que sei, a história das dificuldades dos meus antepassados. Além disso, a forma como este tema me desafiou a saber mais, a relacionar todos os fatores levando-me sempre mais longe, foi também uma satisfação. De resto, realço uma vez mais as dificuldades que tive, especificamente na vertente da geografia, que me obrigou a recorrer à ajuda de terceiros por não dominar o programa necessário para a criação e desenvolvimento da cartografia.

A relação entre a história e a geografia neste tema é, e foi tão óbvia, que ao contextualizar geograficamente se tornou necessário incluir aspetos da história, algo que de certa forma me facilitou o trabalho, possibilitando uma maior motivação para uma pessoa mais apaixonada pela história, que aprendeu no entanto, a gostar de explorar a geografia — pelo menos a gandarés. Porém, há que referir que este foi um trabalho de sintetização da informação, não tendo grandes componentes práticas, estando de todo ausente uma investigação histórica ou geográfica.

O território da Gândara foi maldoso para o homem, mesmo sem ter culpa ou intenção, porque a mesma está na formação do próprio território. No entanto, isto foi algo que foi mudando, devido à “boa vontade do homem”, que “alimentou” a terra, trabalhou, suou e fertilizou os solos da melhor forma que pôde. Para vergar os solos podzólicos da Gândara, o homem utilizou aquilo que tinha ao seu dispor, nomeadamente fertilizantes naturais (excrementos dogado, lodo das lagoas, dos muitos cursos de água e dos pauis existentes na Gândara e na região circundante), incrementando assim as suas probabilidades de obter melhores colheitas — ou menos más? Não podemos no entanto descurar a importância da atividade piscatória, nomeadamente da arte xávega, que alimentou tantos gandarés durante largos séculos, mesmo que apenas parcialmente durante o ano devido à impossibilidade de desafiar o mar em épocas mais intempestivas.

A ocupação do território evoluiu à medida que os solos e as técnicas agrícolas foram também mudando e a população foi crescendo ao ponto de poder ter sido considerada demais, isto quando na terceira fase de ocupação se tornou necessário ocupar os tão importantes baldios e áreas de logradouro comum. No decorrer dos séculos XVII, XVIII e XIX não pode ser ignorado o papel senhorial no território, isto porque este foi protagonista chave nos intervenientes da discórdia naquela que Margarida Neto classifica como uma terra em conflito.

Perante as dificuldades, e embora o homem gandarés não fosse de baixar os braços, com o virar do século XX veio um prémio ingrato pelo trabalho de séculos a “vergar” a terra: a falta de oportunidades que levou muitos a emigrar. Muitos o fizeram mas alguns ficaram e foram esses que deram, uma vez mais, resposta às dificuldades como foram exemplo os ourives ambulantes, numa primeira fase, e os produtores de gado leiteiro, numa segunda.

Resta-me referir que existiu um entrave ao desenvolvimento deste trabalho, relacionado com natureza do próprio que está incluído no relatório de estágio, impossibilitando-me assim de aprofundar determinados assuntos e proibindo-me certo modo, de enveredar por outros, sendo este, do meu ponto de vista, um tema muito mais interessante para explorar e desenvolver, no âmbito de uma tese de mestrado estritamente científica ou até de doutoramento. Temas como a “guerra de Febres” — enquadrada nas revoltas populares do final do século XIX —, como a ourivesaria ambulante através de uma abordagem mais aprofundada — virada para os seus reais intervenientes e não apenas para o impacto da atividade —, questões como a diferença na Gândara dentro de si própria — através da abordagem dos costumes distintos na moda, nos comportamentos ou até em atividades mais comuns apenas em determinados pontos do território como é o caso da vinha —, ou ainda tópicos de

interesse como as mudanças e instabilidade administrativas no século XIX, que levaram inclusivamente Mira a passar de concelho a uma simples freguesia de Cantanhede (MADALENO, 2013), são assuntos que mereciam uma abordagem transversal ao território da Gândara.²²

Como entrave ao desenvolver de um trabalho talvez mais detalhado esteve também a natureza do próprio mestrado, que nos coloca à prova durante um ano difícil, em que conciliamos o estágio com a realização dos seminários e, por fim, com a formulação do relatório de estágio. No entanto, depois de sermos colocados à prova desta forma e sobretudo quando o fazemos e resistimos, só temos de nos sentir satisfeitos por isso, ainda mais quando ao longo de um ano se foram colhendo experiências enriquecedoras, que serão certamente determinantes para nos virmos a tornar melhores docentes num futuro próximo.

²² Informação recolhida junto do Professor Cidalino Madaleno, que constará da obra “História da Freguesia de Febres (Febres- Corticeiro-Vilamar)”, a editar.

Bibliografia

- **ABREU**, Maria, “*As Visitas de Estudo no Ensino da História*”, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1972
- **ALMEIDA**, António de Campar, “*Dunas de Quiaios, Gândara e da Boa Viagem: uma abordagem ecológica da paisagem – tese de doutoramento*”, Coimbra, 1995
- **ALMEIDA**, A, “*Visitas de estudo: conceções e eficácia na aprendizagem*”, Lisboa, Livros Horizonte, 1998
- **BARBOSA**, Bernardo Pereira, “*Notícia Explicativa da Folha 16-C – Vagos*”, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, 1981
- **BARBOSA**, B.P., **SOARES**, A.F., **ROCHA**, R.B, **MANUPELLA**, G., **HENRIQUES** M,H, “*Notícia explicativa da folha 19-A Cantanhede*”, Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e inovação, Lisboa, 2008
- **BRAUDEL**, Fernand, “*O mediterrâneo – O Espaço e a História*”, Teorema, Lisboa, 1991
- **CAÇÃO**, Idalécio, “*Sobre a Gândara e a casa gandraesa*”, Jornal Independente de Cantanhede, Cantanhede, 1999
- **CRAVIDÃO**, Fernanda, “*A população e o povoamento da Gândara: génese e povoamento*”, Coimbra, 1988
- **CRAVIDÃO**, Fernanda Delgado, “*A difusão dos ourives em Portugal*”, Coimbra, 1986
- “*Freguesia de Febres – 200 anos de história*”, Comissão comemorativa dos 200 anos da Freguesia de Febres, 1991
- **DIAS**, Jorge; **GALHANO**, **FERNANDO** e **OLIVEIRA**, Ernesto Veiga, “*A Região e a Casa Gandraesa*”, 1959
- **DIAS**, Pedro, **PEREIRA**, V. da Silva, “*Cantanhede – A terra e as suas gentes*”, Câmara Municipal de Cantanhede, 1983
- **LOPES**, Helena, **LOPES**, Paulo Nuno, “*A SAFRA*”, Livros horizonte, 1995
- **LUCENA**, Margarida, “*HISTÓRIA LOCAL E ENSINO DA HISTÓRIA - I Parte - Potencialidades didáticas do património e da história local (pág. 9 a pág. 23)*”, Associação de Professores de História, Lisboa, 2000

- **MADALENO**, Manuel Cidalino, “*Construir a Memória da Região de Cantanhede, vol. I, Bases para uma História Política (1865-1975)*”, Município de Cantanhede/Confraria Nabos e Companhia, ed. Areias Vivas, 2013.
- **MADALENO**, Manuel Cidalino, “*Construir a Memória da Região de Cantanhede, vol. II, A Religião, a Política e as Superstições (1880-1990)*”, Município de Cantanhede/Confraria Nabos e Companhia, ed. Areias Vivas, 2014.
- **MADALENO**, Manuel Cidalino, “*Construir a Memória da Região de Cantanhede, vol. III, A Higiene e a Medicina (1880-1970)*”, Município de Cantanhede/Confraria Nabos e Companhia, ed. Areias Vivas, 2015.
- **MADALENO**, Manuel Cidalino, “*Construir a Memória da Região de Cantanhede, vol. IV, Os Costumes (1880-1980)*”, a editar
- **MADALENO**, Manuel Cidalino, “*Construir a Memória da Região de Cantanhede, vol. VII, O Desenvolvimento (1880-2000)*”, a editar.
- **MADALENO**, Manuel Cidalino, “*Construir a Memória da Região de Cantanhede, vol. VIII – A Economia (1880-2000)*”, a editar.
- **MADALENO**, Manuel Cidalino, “*História da Freguesia de Febres (Febres- Corticeiro-Vilamar)*”, a editar.
- **MARTINS**, Cátia Bragança, “*A Laguna de Aveiro (Centro de Portugal) no século XIX: Uma Abordagem através da Geomorfologia Histórica*”, Estudos do Quaternário, Braga, 2011
- **MOREIRA**, Vital, “*Paisagem povoada: a Gândara na obra de Carlos de Oliveira*”, Câmara Municipal de Cantanhede - Comissão de coordenação e desenvolvimento regional do centro, 2003
- **MUÑOZ**, Paloma, “*DIDACTA Enciclopédia temática ilustrada – Atlas de Botânica*”, Editores, 2000
- **NETO**, Margarida Sobral, “*O Universo da comunidade rural: Época Moderna*”, Palimage: CHSC, Coimbra, 2010
- **NETO**, Margarida Sobral, “*Terra e conflito: região de Coimbra, 1700-1834*”, Palimage: CHSC, Viseu, 1997
- **NETO**, Margarida Sobral, “*A população de Mira e a desamortização dos baldios na segunda metade do séc. XIX*”, Inst. De História Económica e Social da Fac. De Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1982

- **PATO**, M. H., “Trabalho de grupo no ensino básico”, Lisboa, Texto editores
- **REIGOTA**, João, “A gândara antiga: concelhos de Cantanhede, Mira e Vagos”, Cantanhede; Mira; Vagos: Centro de Estudos do Mar Luís de Albuquerque, 2000
- **REIGOTA**, João, “Uma caminhada na história”, Águeda: Artipol, 1992
- **REZENDE**, João Vieira, “Monografia da Gafanha”, Ílhavo: Câmara Municipal, imp.1999, 1944
- **RIBEIRO**, Ana Isabel, “Um conflito de poderes na Gândara da Bunhosa no início do século XVII” páginas 183-223, Revista Portuguesa da História, 1997-1998
- **SILVA**, António Martins da, “Desamortização e venda dos bens nacionais em Portugal na primeira metade do século XIX” - Tese de doutoramento em Letras (História Moderna e Contemporânea) apresentada à Fac. de Letras da Univ. de Coimbra, 1990
- “Museu do território da Gândara”, Câmara Municipal de Mira, Mira 2012

Referências online

- <http://www.cm-mira.pt/www/default.aspx> - acedido a 06/10/2014 às 16.00h
- http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_main - acedido a 06/10/2014 às 16.00h
- http://agricultura.isa.utl.pt/agribase_temp/solos/podzis.htm - acedido a 06/10/2014 às 16.00h
- <http://web.letras.up.pt/asaraujo/geofis/tl.html> - acedido a 06/10/2014 às 16.00h
- <http://www.polisriadeaveiro.pt/docs/383316N1862014257425276.pdf> - acedido a 24/12/2014 às 15.00h
- <http://www.esac.pt/cernas/TI-04.pdf> - acedido a 24/11/2014 às 15.00h
- <http://dgterritorio.pt/> - acedido a 24/01/2015 às 20.00h
- <http://www.prof2000.pt/users/secjeste/bconde/pg005100.htm> - acedido a 24/01/2015 às 21.00h

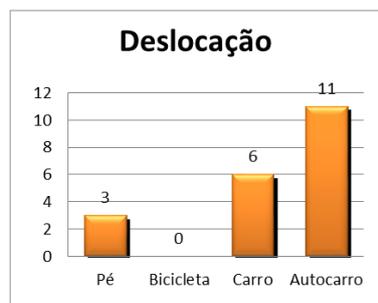
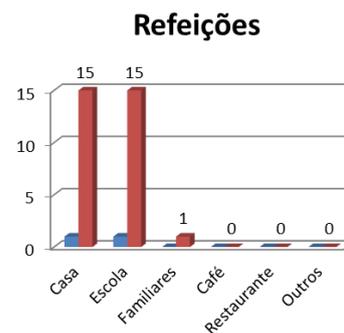
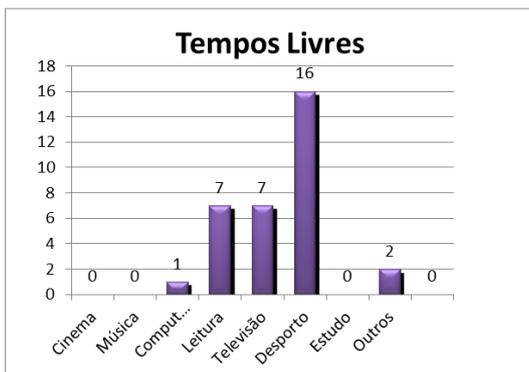
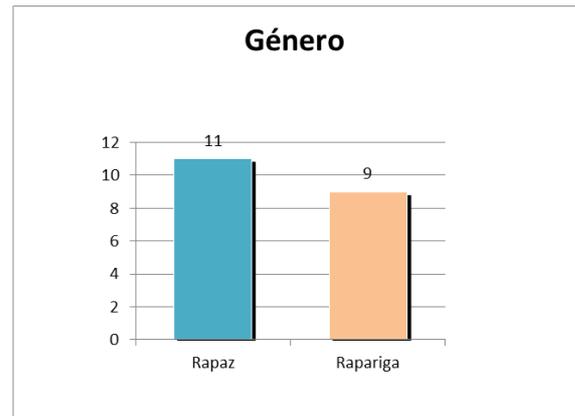
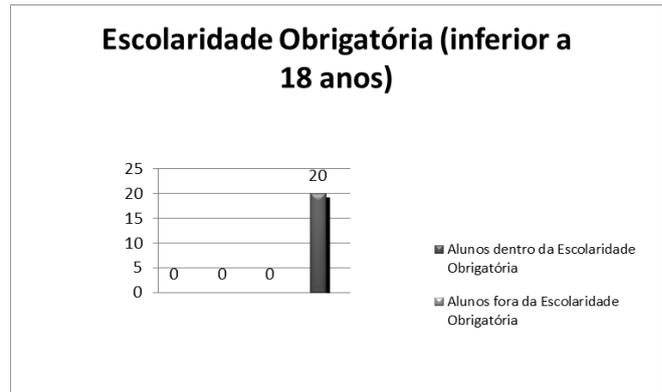
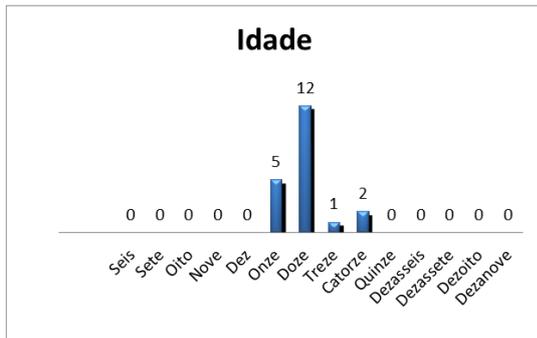
- http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=998211&page=-1 - acedido a 24/01/2015 às 20.00h
- www.jf-febres.org – acedido a 15/01/2015 às 15:00h
- www.vilamar.freguesias.pt – acedido a 15/01/2015 às 16:00h
- http://www.academia.edu/2041059/Arte_x%C3%A1vega – acedido a 18/06/2015 às 03:30h
- <http://www.forumfotografia.net/topic/52541-arte-xavega-praia-de-mira/> – acedido a 18/06/2015 às 03:30h
- www.apeq.pt/ojs/index.php/apeq/article/download/102/99 - acedido a 17/07/2015 às 15:30h
- http://macaricobeachhotel.com/turismo_palheiros.php - acedido a 30/08/2015 às 15:30h
- <http://www.filipecardosopereira.com/DNA.html> - acedido a 30/08/2015 às 15:30h
- <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223039474S6qZK3ke8Fi08EM6.pdf> (Luís Espinha da Silveira) - acedido a 30/08/2015 às 15:30h
- <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/5402/3/2008%20Atlas%20cap4%281%29.pdf> - acedido a 30/08/2015 às 15:30h

Anexos

Anexo I

Caracterização das turmas

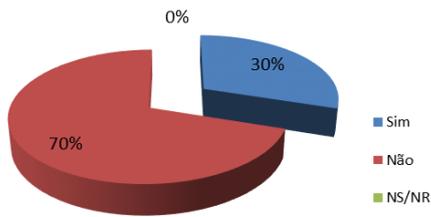
Caracterização de turma – 7ºX



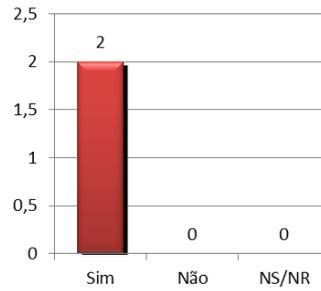
Distância de Casa à Escola



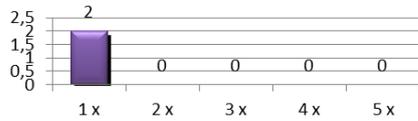
Frequentaram o Pré-escolar



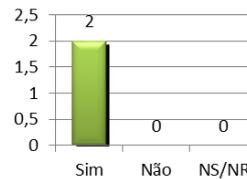
Retenções no 1.º Ciclo



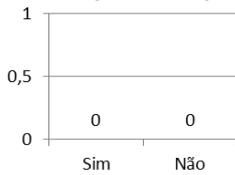
Número de Retenções no 1.º Ciclo



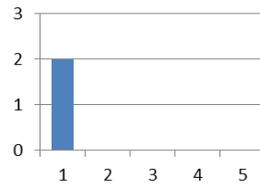
Retenções no 2.º Ciclo



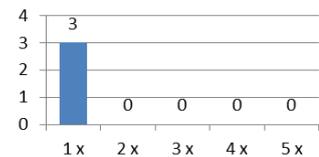
É repetente no ano (2.º Ciclo)



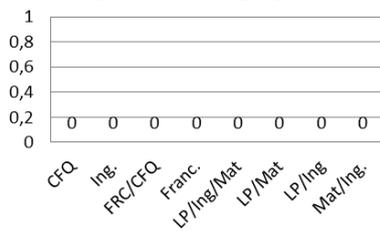
Número de Retenções no 2.º Ciclo



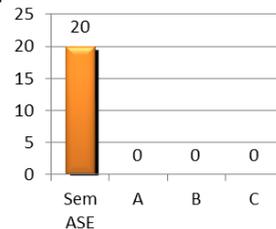
Número de Retenções no 3.º Ciclo



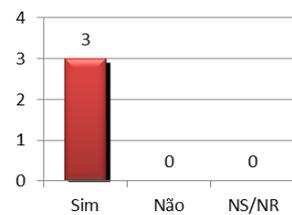
Apoio Pedagógico



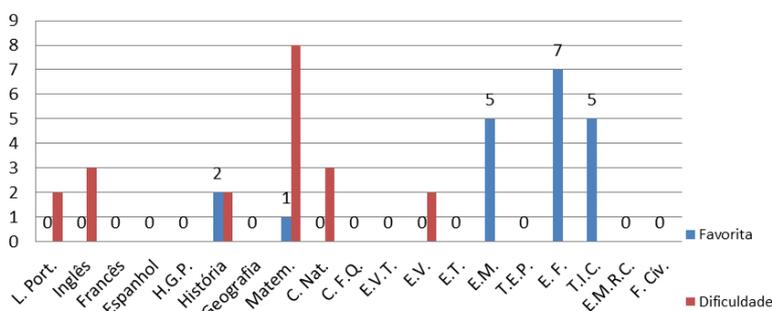
Apoio Social Económico



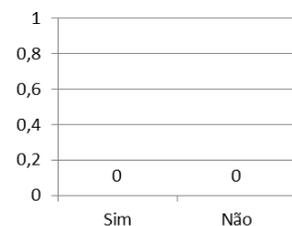
Retenções no 3.º Ciclo



Disciplinas



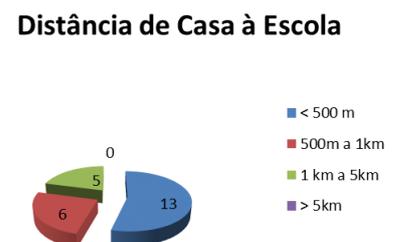
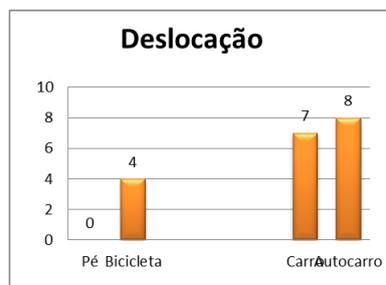
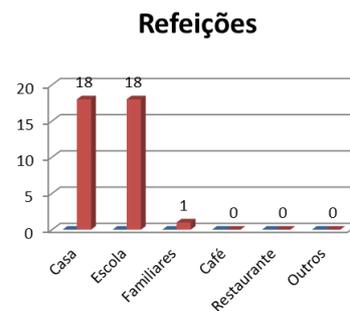
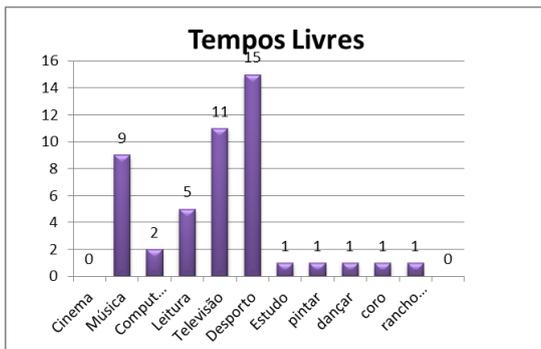
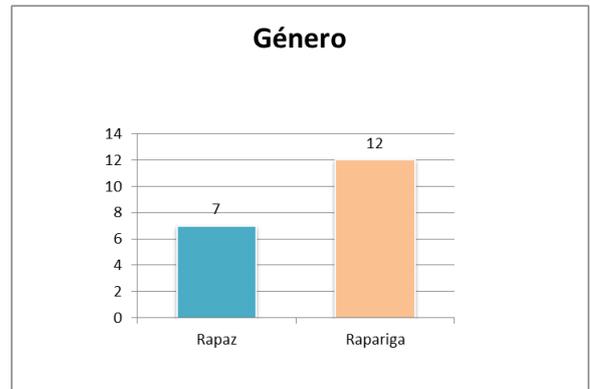
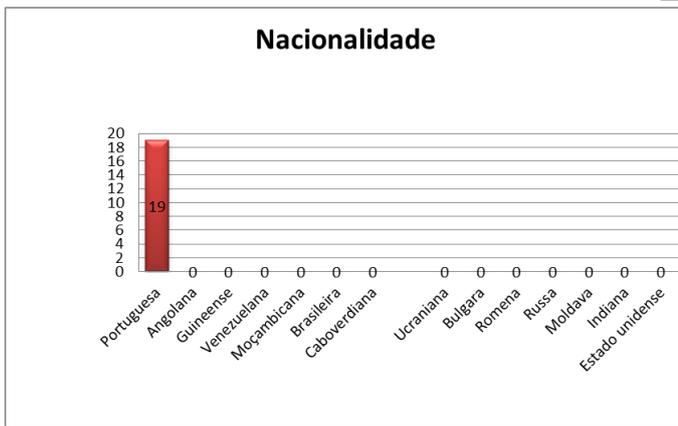
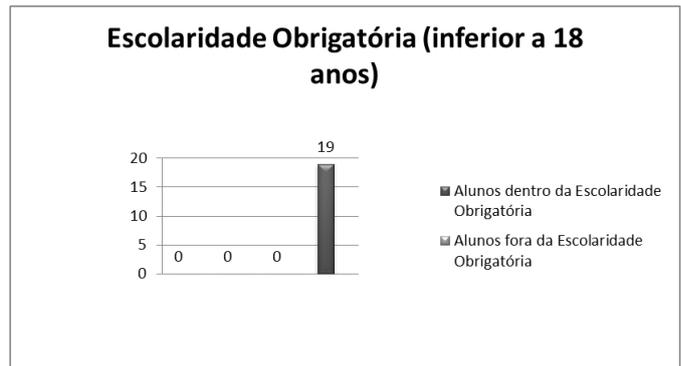
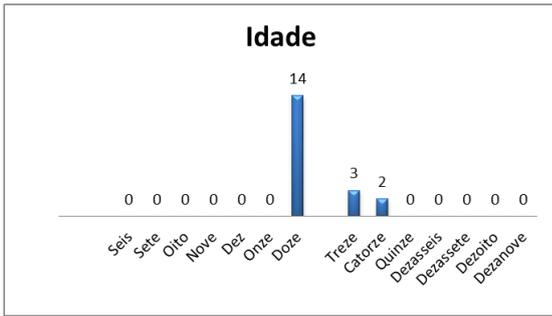
É repetente no ano (3.º Ciclo)



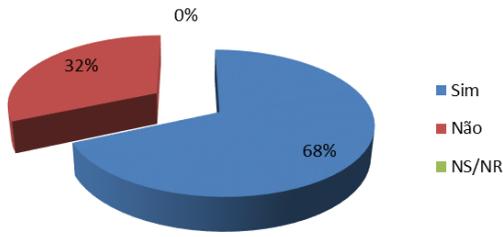
Situações de destaque

- A turma tem um número muito elevado de alunos
 - Predominam claramente os alunos do sexo feminino
 - Predominam claramente os alunos do sexo masculino
 - A turma tem um número elevado de alunos em situação de retenção (+ de 3)
 - A deficiência dos alunos com N.E.E. afecta gravemente o seu rendimento escolar
 - A turma é muito heterogénea:
 - muitos alunos têm falta de pré-requisitos em várias áreas
 - existem níveis e ritmos de aprendizagem claramente diferentes
 - As famílias de origem dos alunos apresentam maioritariamente um nível sociocultural baixo
 - As famílias de origem dos alunos apresentam maioritariamente um nível sociocultural médio
 - As famílias de origem dos alunos apresentam maioritariamente um nível sociocultural alto
 - A turma tem um elevado número de alunos carenciados (+ de 25 %)
 - Em resultado das observações feitas e da Avaliação de Diagnóstico inicial, conclui-se que a turma:
 - está globalmente preparada para trabalhar os conteúdos correspondentes ao(s) respectivo(s) ano(s)
 - precisa de um trabalho prévio de revisão/consolidação de alguns conteúdos do ano anterior
 - Existe uma diferença óbvia entre o ano em que estão matriculados e o nível de aprendizagens que possuem.
 - A turma apresenta dificuldades óbvias em Língua Portuguesa
 - A turma apresenta dificuldades óbvias em Matemática
 - A turma apresenta dificuldades óbvias na Língua Estrangeira
 - A turma apresenta, globalmente, problemas a nível dos valores e atitudes
 - A turma apresenta, globalmente, problemas a nível do comportamento
 - Os Encarregados de Educação aparentam ser interessados e colaborativos na vida escolar dos
 - Os Encarregados de Educação não aparentam ser interessados e colaborativos na vida escolar dos alunos
-

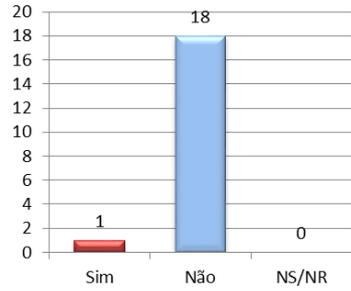
Caracterização de turma – 7ºY



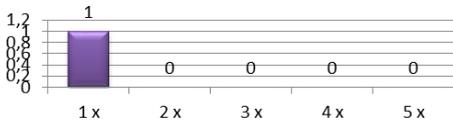
Frequentaram o Pré-escolar



Retenções no 1.º Ciclo



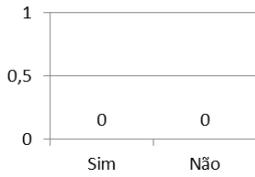
Número de Retenções no 3.º Ciclo



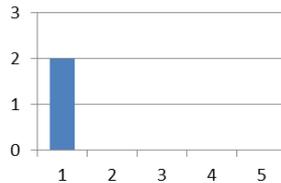
Retenções no 2.º Ciclo



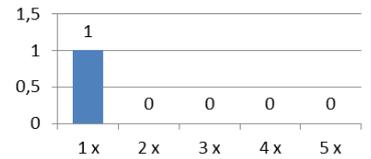
É repetente no ano (2.º Ciclo)



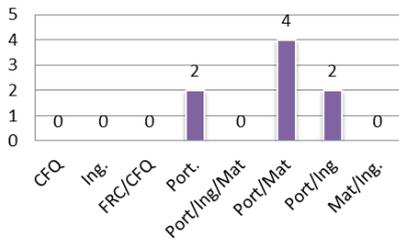
Número de Retenções no 2.º Ciclo



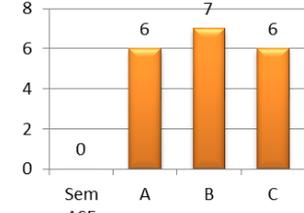
Número de Retenções no 3.º Ciclo



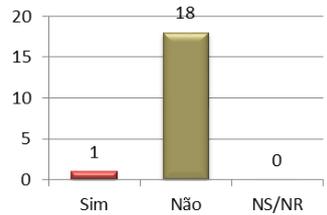
Apoio Pedagógico



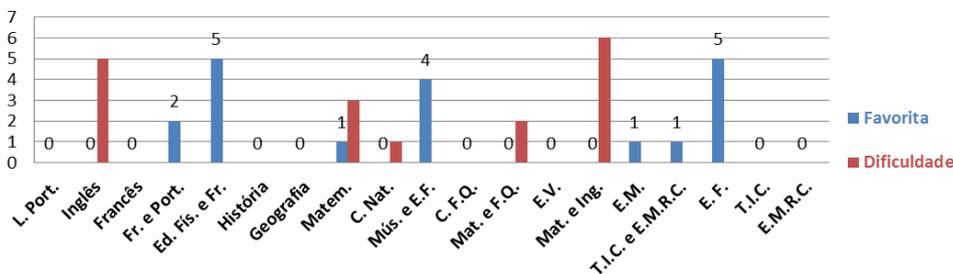
Apoio Social Económico



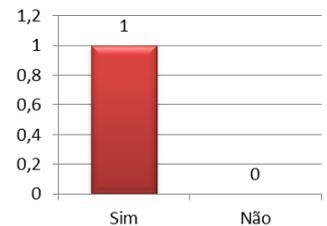
Retenções no 3.º Ciclo



Disciplinas



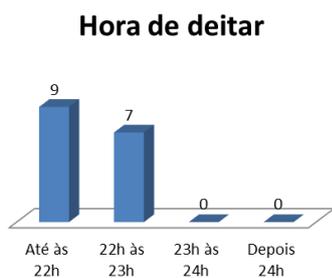
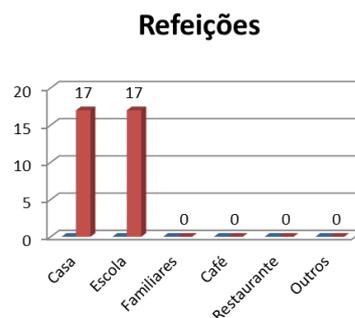
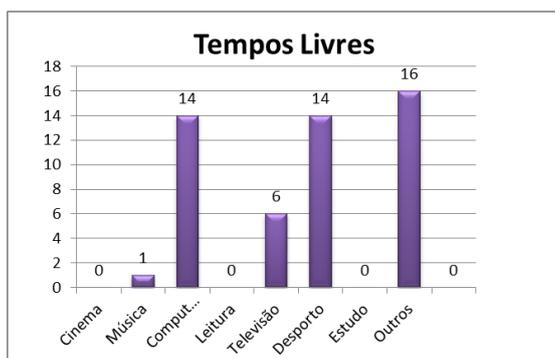
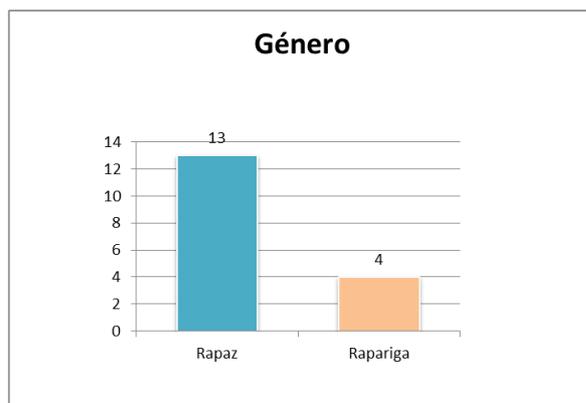
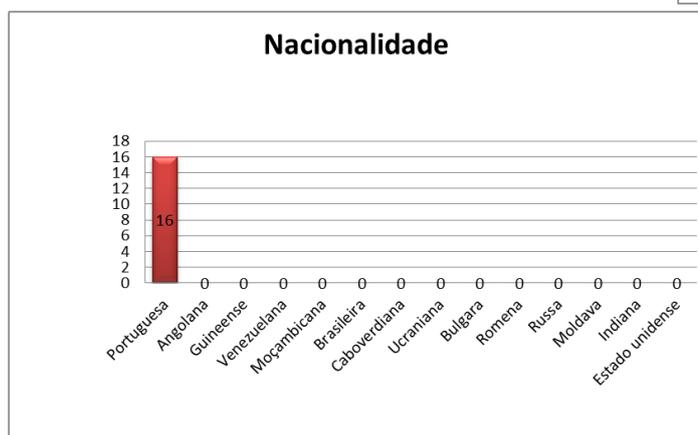
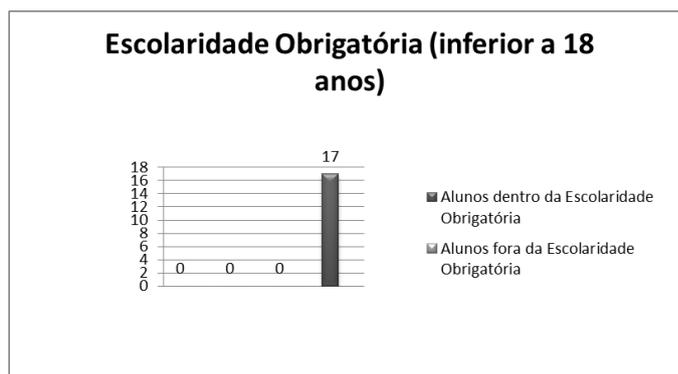
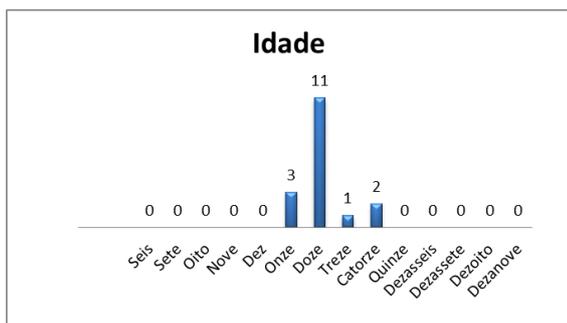
É repetente no ano (3.º Ciclo)



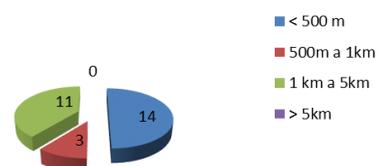
Situações de destaque

- A turma tem um número muito elevado de alunos
- Predominam claramente os alunos do sexo feminino
- Predominam claramente os alunos do sexo masculino
- A turma tem um número elevado de alunos em situação de retenção (+ de 3)
- A deficiência dos alunos com N.E.E. afecta gravemente o seu rendimento escolar
- A turma é muito heterogénea:
 - muitos alunos têm falta de pré-requisitos em várias áreas
 - existem níveis e ritmos de aprendizagem claramente diferentes
- As famílias de origem dos alunos apresentam maioritariamente um nível sociocultural baixo
- As famílias de origem dos alunos apresentam maioritariamente um nível sociocultural médio
- As famílias de origem dos alunos apresentam maioritariamente um nível sociocultural alto
- A turma tem um elevado número de alunos carenciados (+ de 25 %)
- Em resultado das observações feitas e da Avaliação de Diagnóstico inicial, conclui-se que a turma:
 - está globalmente preparada para trabalhar os conteúdos correspondentes ao(s) respectivo(s) ano(s)
 - precisa de um trabalho prévio de revisão/consolidação de alguns conteúdos do ano anterior
 - Existe uma diferença óbvia entre o ano em que estão matriculados e o nível de aprendizagens que possuem.
 - A turma apresenta dificuldades óbvias em Língua Portuguesa
 - A turma apresenta dificuldades óbvias em Matemática
 - A turma apresenta dificuldades óbvias na Língua Estrangeira
- A turma apresenta, globalmente, problemas a nível dos valores e atitudes
- A turma apresenta, globalmente, problemas a nível do comportamento
- Os Encarregados de Educação aparentam ser interessados e colaborativos na vida escolar dos alunos
- Os Encarregados de Educação não aparentam ser interessados e colaborativos na vida escolar dos alunos

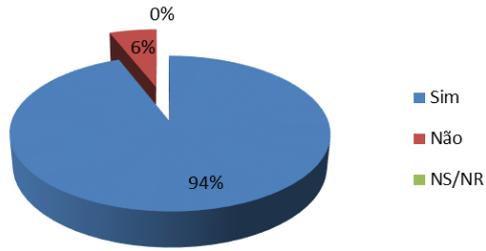
Caracterização de turma – 7ºZ



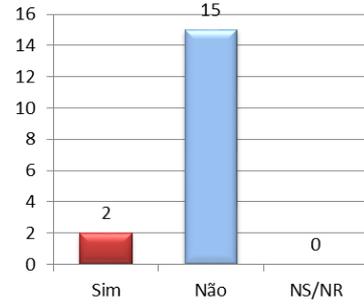
Distância de Casa à Escola



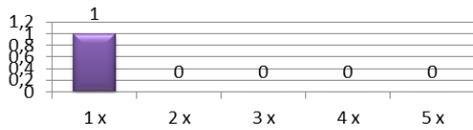
Frequentaram o Pré-escolar



Retenções no 1.º Ciclo



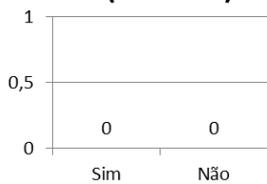
Número de Retenções no 1.º Ciclo



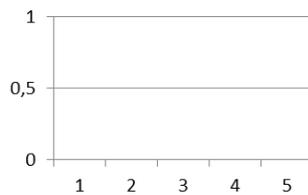
Retenções no 2.º Ciclo



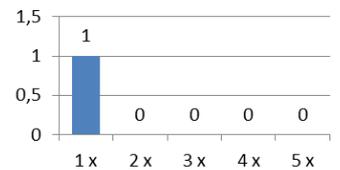
É repetente no ano (2.º Ciclo)



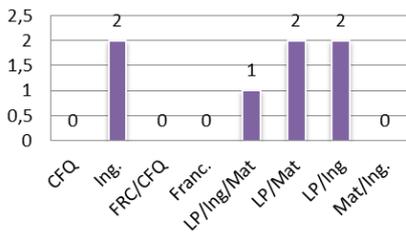
Número de Retenções no 2.º Ciclo



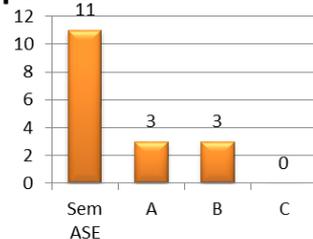
Número de Retenções no 3.º Ciclo



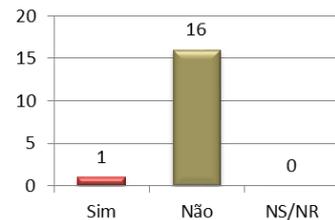
Apoio Pedagógico



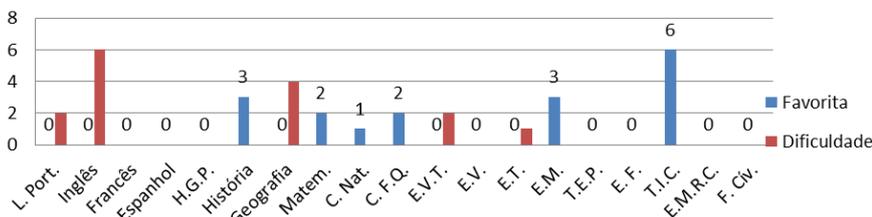
Apoio Social Económico



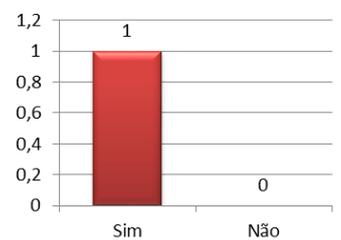
Retenções no 3.º Ciclo



Disciplinas



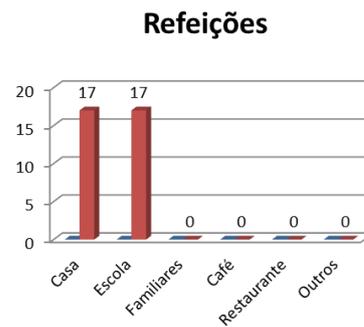
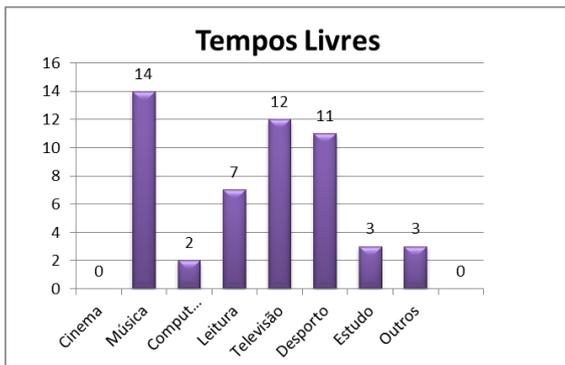
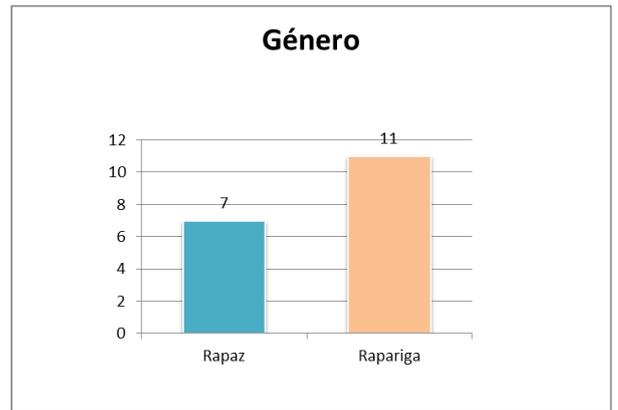
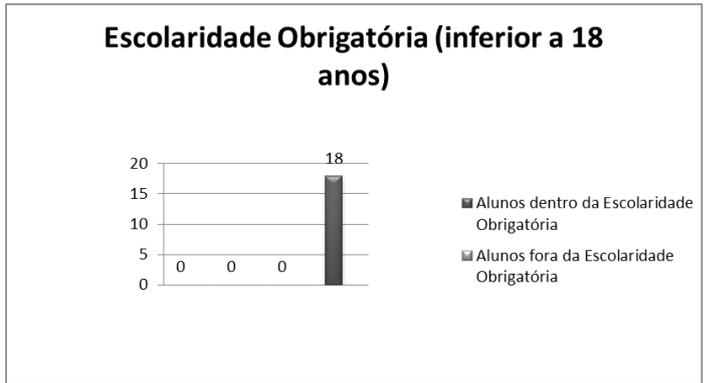
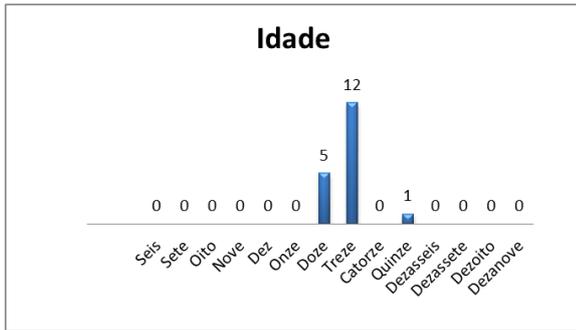
É repetente no ano (3.º Ciclo)



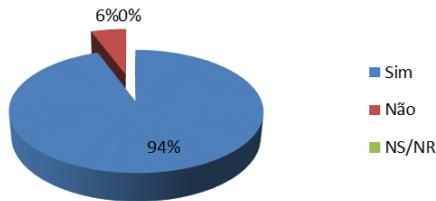
Situações de destaque

- A turma tem um número muito elevado de alunos
- Predominam claramente os alunos do sexo feminino
- Predominam claramente os alunos do sexo masculino
- A turma tem um número elevado de alunos em situação de retenção (+ de 3)
- A deficiência dos alunos com N.E.E. afecta gravemente o seu rendimento escolar
- A turma é muito heterogénea:
 - muitos alunos têm falta de pré-requisitos em várias áreas
 - existem níveis e ritmos de aprendizagem claramente diferentes
- As famílias de origem dos alunos apresentam maioritariamente um nível sociocultural baixo
- As famílias de origem dos alunos apresentam maioritariamente um nível sociocultural médio
- As famílias de origem dos alunos apresentam maioritariamente um nível sociocultural alto
- A turma tem um elevado número de alunos carenciados (+ de 25 %)
- Em resultado das observações feitas e da Avaliação de Diagnóstico inicial, conclui-se que a turma:
 - está globalmente preparada para trabalhar os conteúdos correspondentes ao(s) respectivo(s) ano(s)
 - precisa de um trabalho prévio de revisão/consolidação de alguns conteúdos do ano anterior
 - Existe uma diferença óbvia entre o ano em que estão matriculados e o nível de aprendizagens que possuem.
 - A turma apresenta dificuldades óbvias em Língua Portuguesa
 - A turma apresenta dificuldades óbvias em Matemática
 - A turma apresenta dificuldades óbvias na Língua Estrangeira
- A turma apresenta, globalmente, problemas a nível dos valores e atitudes
- A turma apresenta, globalmente, problemas a nível do comportamento
- Os Encarregados de Educação aparentam ser interessados e colaborativos na vida escolar dos alunos
- Os Encarregados de Educação não aparentam ser interessados e colaborativos na vida escolar dos alunos

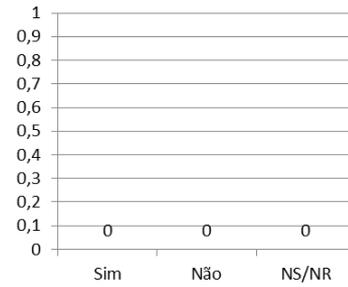
Caracterização de turma – 8ºX



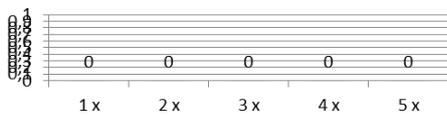
Frequentaram o Pré-escolar



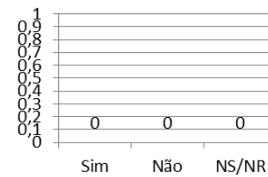
Retenções no 1.º Ciclo



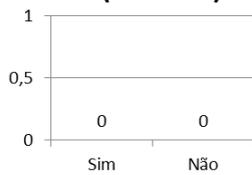
Número de Retenções no 1.º Ciclo



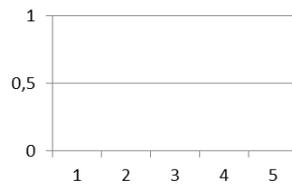
Retenções no 2.º Ciclo



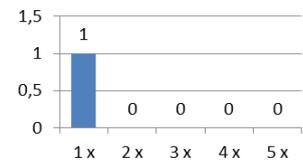
É repetente no ano (2.º Ciclo)



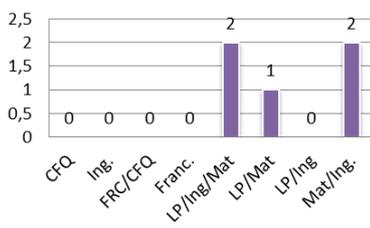
Número de Retenções no 2.º Ciclo



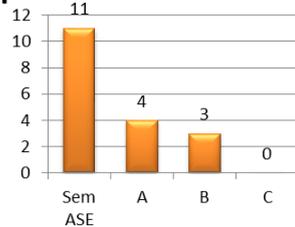
Número de Retenções no 3.º Ciclo



Apoio Pedagógico



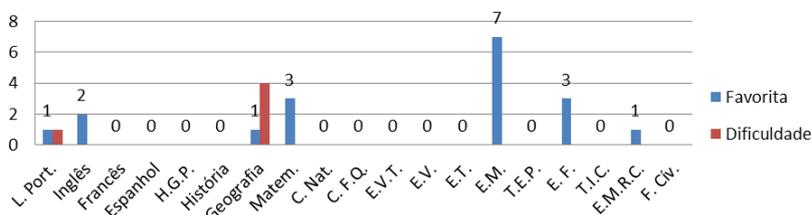
Apoio Social Económico



Retenções no 3.º Ciclo



Disciplinas



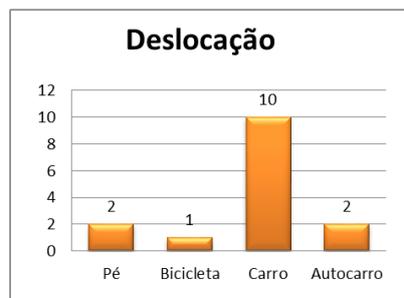
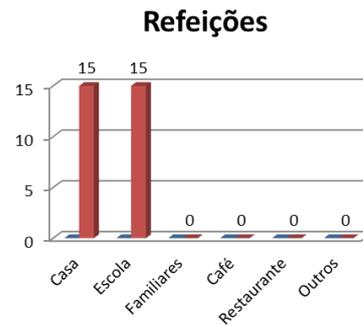
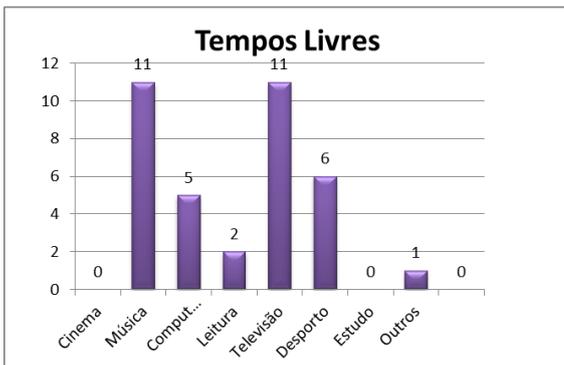
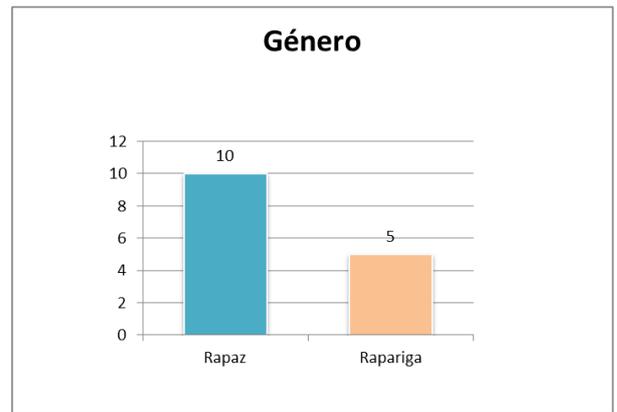
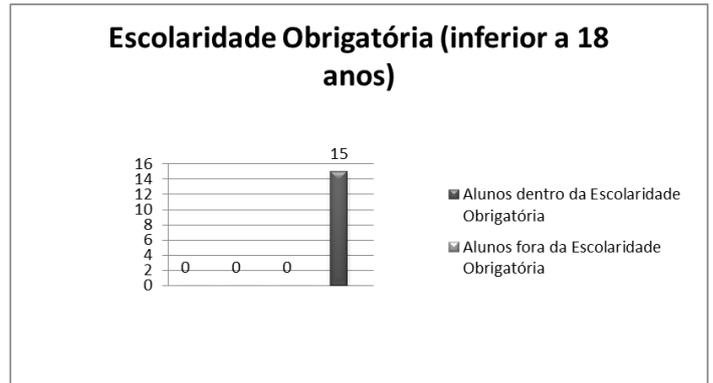
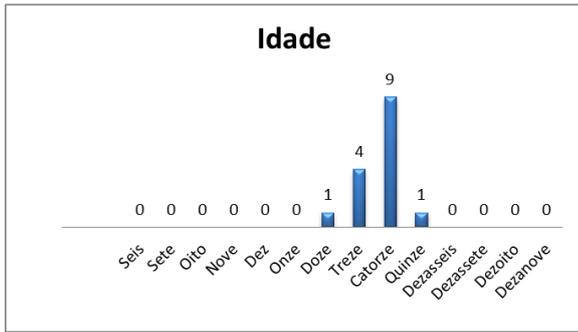
É repetente no ano (3.º Ciclo)



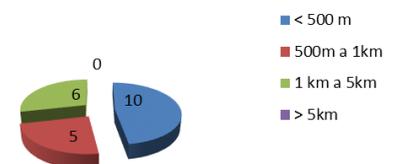
Situações de destaque

- A turma tem um número muito elevado de alunos
- Predominam claramente os alunos do sexo feminino
- Predominam claramente os alunos do sexo masculino
- A turma tem um número elevado de alunos em situação de retenção (+ de 3)
- A deficiência dos alunos com N.E.E. afecta gravemente o seu rendimento escolar
- A turma é muito heterogénea:
 - muitos alunos têm falta de pré-requisitos em várias áreas
 - existem níveis e ritmos de aprendizagem claramente diferentes
- As famílias de origem dos alunos apresentam maioritariamente um nível sociocultural baixo
- As famílias de origem dos alunos apresentam maioritariamente um nível sociocultural médio
- As famílias de origem dos alunos apresentam maioritariamente um nível sociocultural alto
- A turma tem um elevado número de alunos carenciados (+ de 25 %)
- Em resultado das observações feitas e da Avaliação de Diagnóstico inicial, conclui-se que a turma:
 - está globalmente preparada para trabalhar os conteúdos correspondentes ao(s) respectivo(s) ano(s)
 - precisa de um trabalho prévio de revisão/consolidação de alguns conteúdos do ano anterior
 - Existe uma diferença óbvia entre o ano em que estão matriculados e o nível de aprendizagens que possuem.
 - A turma apresenta dificuldades óbvias em Língua Portuguesa
 - A turma apresenta dificuldades óbvias em Matemática
 - A turma apresenta dificuldades óbvias na Língua Estrangeira
- A turma apresenta, globalmente, problemas a nível dos valores e atitudes
- A turma apresenta, globalmente, problemas a nível do comportamento
- Os Encarregados de Educação aparentam ser interessados e colaborativos na vida escolar dos alunos
- Os Encarregados de Educação não aparentam ser interessados e colaborativos na vida escolar dos alunos

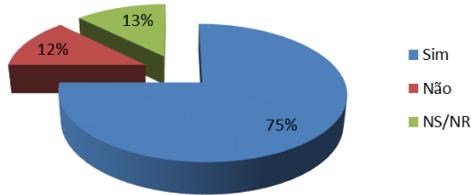
Caracterização de turma – 9ºY



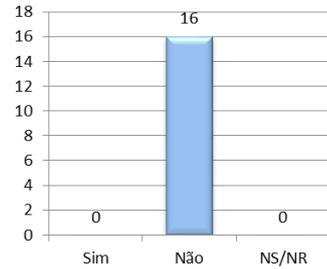
Distância de Casa à Escola



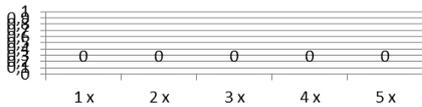
Frequentaram o Pré-escolar



Retenções no 1.º Ciclo



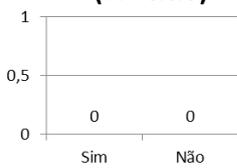
Número de Retenções no 1.º Ciclo



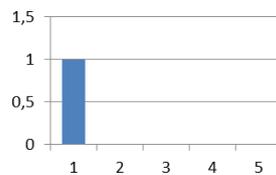
Retenções no 2.º Ciclo



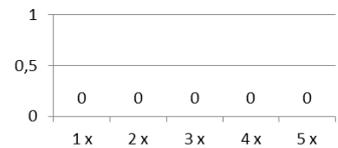
É repetente no ano (2.º Ciclo)



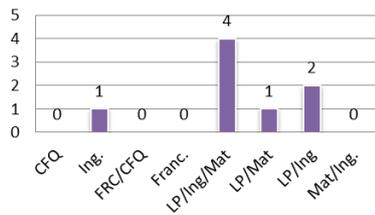
Número de Retenções no 2.º Ciclo



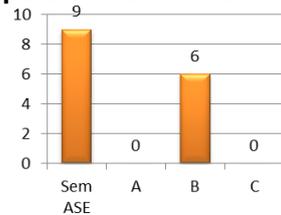
Número de Retenções no 3.º Ciclo



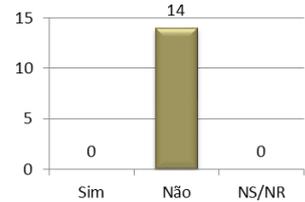
Apoio Pedagógico



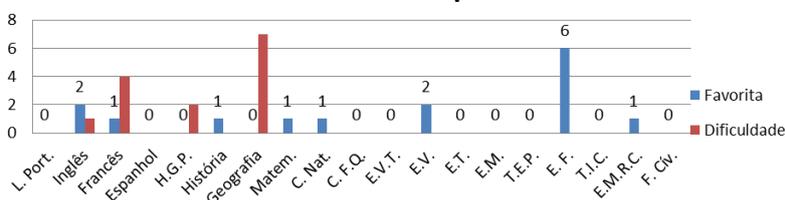
Apoio Social Económico



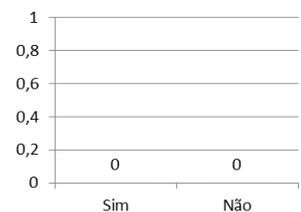
Retenções no 3.º Ciclo



Disciplinas



É repetente no ano (3.º Ciclo)



Situações de destaque

- A turma tem um número muito elevado de alunos
- Predominam claramente os alunos do sexo feminino
- Predominam claramente os alunos do sexo masculino
- A turma tem um número elevado de alunos em situação de retenção (+ de 3)
- A deficiência dos alunos com N.E.E. afecta gravemente o seu rendimento escolar
- A turma é muito heterogénea:
 - muitos alunos têm falta de pré-requisitos em várias áreas
 - existem níveis e ritmos de aprendizagem claramente diferentes
- As famílias de origem dos alunos apresentam maioritariamente um nível sociocultural baixo
- As famílias de origem dos alunos apresentam maioritariamente um nível sociocultural médio
- As famílias de origem dos alunos apresentam maioritariamente um nível sociocultural alto
- A turma tem um elevado número de alunos carenciados (+ de 25 %)
- Em resultado das observações feitas e da Avaliação de Diagnóstico inicial, conclui-se que a turma:
 - está globalmente preparada para trabalhar os conteúdos correspondentes ao(s) respectivo(s) ano(s)
 - precisa de um trabalho prévio de revisão/consolidação de alguns conteúdos do ano anterior
 - Existe uma diferença óbvia entre o ano em que estão matriculados e o nível de aprendizagens que possuem.
 - A turma apresenta dificuldades óbvias em Língua Portuguesa
 - A turma apresenta dificuldades óbvias em Matemática
 - A turma apresenta dificuldades óbvias na Língua Estrangeira
- A turma apresenta, globalmente, problemas a nível dos valores e atitudes
- A turma apresenta, globalmente, problemas a nível do comportamento
- Os Encarregados de Educação aparentam ser interessados e colaborativos na vida escolar dos alunos
- Os Encarregados de Educação não aparentam ser interessados e colaborativos na vida escolar dos alunos

Anexo II

Observação de aulas no início do ano letivo

Observação	3	Data	26/Setembro/2014	Turma	7 ^º z	Disciplina	História
						Professor	Sónia Silvestre
Decorrer da Aula \ Atividades \ Recursos				Estratégias			
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Começo da aula com o sumário da aula anterior, abrir da lição fazendo recurso à plataforma online. ▪ Exploração do livro – depois do CD de apoio ao professor ter falhado – para explorar a atividade “recordar...” ▪ Exploração da contagem do tempo em história através do diálogo com os alunos, atividade “precipitada” pelo aproximar do final da aula. 				<ul style="list-style-type: none"> ▪ Leitura silenciosa dos alunos e diálogo vertical ▪ Diálogo vertical 			
História Ciência				Disciplina/Indisciplina			
<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação da história como ciência e da Arqueologia – também como ciência – como uma “muleta” e ajuda da história. 				<ul style="list-style-type: none"> • Intervenção inoportuna de um aluno, recorrendo à expressão “oh cum caneco”, este foi desde logo alvo da disciplina da professora. 			
Balanço da Aula e observações							
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Turma notoriamente “mais envelhecida”. ▪ Pedido dos critérios de avaliação assinados pelos pais, desta forma protege-se perante possíveis problemas com os mesmos. ▪ Marcação de testes – 7 Novembro / 27 Fevereiro / 22 Maio ▪ Aula saiu do “plano”, o desvio em relação ao mesmo foi maior devido à curiosidade dos alunos para outros pormenores – que não devem ser ignorados -, como foi o caso da exploração mais prolongada do exemplo da carta de Pedro Vaz de Caminha. 							

Observação	1	Data	03/Outubro/2014	Turma	9ºy	Disciplina	Geografia
						Professor	João Fernandes
Decorrer da Aula \ Atividades \ Recursos				Estratégias			
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Professor iniciou a aula com a chamada dos alunos, isto depois de nos apresentar à turma ▪ Continuação do tema 1 do programa sobre as cidades - revisão ▪ Exploração do CD de apoio ao professor para o desenvolver do tema ▪ Exploração de plantas urbanas através de um powerpoint com imagens e fotografias aéreas 				<ul style="list-style-type: none"> ▪ ▪ Exposição e diálogo horizontal ▪ Diálogo horizontal e vertical ▪ Diálogo horizontal 			
Geografia Ciência				Disciplina/Indisciplina			
				<ul style="list-style-type: none"> • Depois de algum barulho entre alunos, mesmo que pequeno, o professor não intervém, apenas passando ao lado dos alunos continuando a dar a aula, sendo o suficiente para terminar com a conversa • Para interromper uma – das várias – conversas paralelas existentes o professor questiona um aluno, sobre a matéria abordada na aula. 			
				Balanço da Aula e observações			
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Turma está a acabar a matéria relativa ao 8º ano que ficou por dar no ano letivo anterior. ▪ Participação ordenada da turma no diálogo horizontal, sem barulho ou desvios. ▪ Turma um pouco mais agitada com muitas conversas paralelas, isto em relação às turmas de 7º ano por exemplo (de história neste caso) - este é um fator que se acentua com o aproximar do final da aula – “saturaçã”? ▪ Alunos apenas tiram apontamentos quando é pedido pelo professor, caso contrario não o fazem ▪ Com o aproximar do final da aula o diálogo paralelo acentua-se. ▪ Alunos não começam a arrumar as coisas a menos que o professor termine a aula, isto mesmo que se ouça o toque de saída. 							

Anexo III

Planificação de aula - Geografia

Escola: Escola Básica 2,3 Carlos de Oliveira			
Ano: 8º	Turma: X	Data: 29 de Abril de 2015	Tempos: 2 (45')
Professor: Jorge F.R. Tomé			

Unidade: Mobilidade da população	
Conteúdo programático: Cidades, principais áreas de fixação humana	
Sumário Previsto: <ul style="list-style-type: none"> ▪ As cidades, o seu surgimento\crescimento e os seus critérios. ▪ As áreas metropolitanas e as megalópolis. ▪ As grandes cidades e os seus problemas. 	Questão Chave Quais são os constituintes da cidade?

Objetivos Específicos	Conceitos
<ul style="list-style-type: none"> ○ Refere critérios utilizados na definição de cidade. ○ Refere fatores responsáveis pelo surgimento das cidades. ○ Explica os principais fatores de crescimento das cidades em países com diferentes graus de desenvolvimento. ○ Explica o processo de formação de uma área metropolitana e de uma megalópolis, localizando as principais megalópolis, a nível mundial. ○ Discute as consequências do forte crescimento urbano em países com diferentes graus de desenvolvimento. ○ Menciona possíveis soluções para os problemas das cidades. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Cidade ○ Megalópolis ○ Área metropolitana ○ Taxa de urbanização ○ Êxodo rural ○ Êxodo urbano ○ Movimento pendular
Estratégias	Recursos
<ul style="list-style-type: none"> ○ Exploração do documento 1 e análise do mapa e dos gráficos da página 67 do manual do aluno, seguida pela abordagem dos vários fatores a ter em conta sobre as principais áreas de fixação humana, recorrendo ao diálogo vertical e horizontal com os alunos. ○ Abordagem dos conteúdos das páginas 68 e 69 através da divisão da turma em 3 filas, com o objetivo de formular um esquema no quadro negro em conjunto com a turma, sobre os principais fatores de surgimento\crescimento das cidades. ○ Leitura do texto da página 71 de forma a destacar os principais critérios para definir uma cidade e utilização do artigo 13 do “regime de criação e extinção das autarquias locais e designação e determinação da categoria de povoações” do diário da república, de forma a determinar o que é necessário em Portugal para um aglomerado urbano ser considerado cidade. ○ Exploração das imagens da página 70 – projetando as mesmas em PowerPoint –, abordando através do diálogo vertical e horizontal com os alunos a questão das áreas metropolitanas e das megalópolis. ○ Realização dos exercícios da página 72 e entrega da correção dos mesmos para os próprios alunos corrigirem à medida que vão terminando. ○ Recurso ao mapa desdobrável das páginas 73 e 74, acompanhado pela utilização do PowerPoint de forma a discutir com os alunos, através do diálogo vertical e horizontal, quais são os grandes problemas das cidades. 	<p style="text-align: center;"> Quadro Negro Manual Computador Projetor Mapa Ficha de avaliação de conhecimentos Manual da disciplina Caderno de Atividades </p>
Avaliação	Bibliografia\Referências Online
<ul style="list-style-type: none"> ○ Avaliação diagnóstica oral ○ Avaliação Continua ○ Avaliação Formativa ○ Participação oral ○ Espírito crítico 	<ul style="list-style-type: none"> ○ RODRIGUES, Arinda, “<i>Caderno de apoio ao professor-Geografia 8º ano</i>”, Texto editores, Lisboa, 2014 ○ GOMES, Ana, BOTO, Anabela Santos, LOPES, António, PINHO, Hélio, “Fazer Geografia 3.0 – Atividades económicas - Geografia 8º ano”, Porto Editora ○ RODRIGUES, Arinda, “Mapa-Mundo – Geografia 8º ano”, Texto editora, 2014 ○ http://www.oasrn.org/upload/apoio/legislacao/pdf/ordenamento1182.pdf - acedido a 26/04/2015 ○ http://www.tsf.pt/storage/ng2644414.pdf - acedido a 26/04/2015 ○ https://www.cia.gov/library/publications/resources/the-world-factbook/ - acedido a 26/04/2015 ○ http://www.oasrn.org/upload/apoio/legislacao/pdf/ordenamento1182.pdf - acedido a 26/04/2015

Escola: Escola Básica 2,3 Carlos de Oliveira			
Ano: 9º	Turma: Y	Data: 21 de Novembro de 2014	Tempos: 2 (45')
Professor: Jorge F.R. Tomé			

Unidade: Atividades Económicas	
Conteúdo programático: A Indústria	
Sumário Previsto: <ul style="list-style-type: none"> ▪ As fases do desenvolvimento industrial ▪ As áreas mais industrializadas a nível mundial ▪ A deslocalização industrial ▪ Questão de aula 	Questão Chave De que forma evoluiu a indústria mundial?

Objetivos Específicos	Conceitos
<ul style="list-style-type: none"> ○ Conhece as diferentes fases do desenvolvimento industrial. ○ Identifica os fatores de localização industrial ao longo do tempo. ○ Explica as consequências económicas, sociais e ambientais da atividade industrial. ○ Equaciona soluções para os problemas da atividade industrial. ○ Localiza as áreas mais industrializadas a nível mundial e os NPI. ○ Menciona os principais fatores de localização da indústria nos NPI. ○ Explica o processo de deslocalização industrial em alguns países. ○ Relaciona a globalização com o fenómeno de segmentação da produção. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Indústria ○ Industrialização ○ Desindustrialização ○ Revolução Industrial ○ Deslocalização Industrial ○ Indústria de consumo ○ Indústria de equipamentos ○ Fonte de energia ○ Globalização ○ NPI – Novos Países Industrializados ○ Economia Emergente ○ Economia Ancorada
Estratégias	Recursos
<ul style="list-style-type: none"> ○ Exploração de um PowerPoint para analisar as fases de desenvolvimento industrial. ○ Uso de um mapa para a localização das áreas mais industrializadas a nível mundial e dos NPI. ○ Visualização de uma reportagem da Euronews sobre a deslocalização industrial e a indústria de ponta e diálogo vertical e horizontal com a turma. ○ Exploração de um PowerPoint para analisar as consequências e soluções da atividade industrial. ○ Realização de uma Questão de Aula para avaliação. ○ Escrita do sumário. ○ 	<p style="text-align: center;"> Quadro Negro Manual Computador Projetor Mapa Ficha de avaliação de conhecimentos Manual da disciplina Caderno de Atividades </p>
Avaliação	Bibliografia\Referências Online
<ul style="list-style-type: none"> ○ Avaliação diagnóstica oral ○ Avaliação Continua ○ Avaliação Formativa ○ Participação oral ○ Espírito crítico 	<ul style="list-style-type: none"> ○ http://www.publico.pt/economia/noticia/deslocalizacoes-e-emprego-em-portugal-1618380 - acedido a 19/11/2014 ○ https://www.youtube.com/watch?v=Kd3f-RdAFhY - acedido a 20/11/2014 ○ RODRIGUES, Arinda, “<i>Caderno de apoio ao professor-Geografia 8º ano</i>”, Texto editores, Lisboa, 2014 ○ GOMES, Ana, BOTO, Anabela Santos, LOPES, António, PINHO, Hélio, “<i>Fazer Geografia 3.0 – Atividades económicas - Geografia 8º ano</i>”, Porto Editora ○ http://www.industriaeambiente.pt/ - acedido a 20/11/2014 ○ http://www.unep.org/dtie/ - acedido a 20/11/2014

Anexo IV

Planificação de aula - História

PLANO DE AULA

<p>Escola EB 2,3 Carlos de Oliveira</p>  <p>AGRUPAMENTO DE ESCOLAS LIMA - DE - FÁRIA CARRANHA</p>	<p>Tema: Tema 4 – O contexto europeu de século XII a XIV</p>	<p>Aula nº</p>	<p>Sumário</p> <ul style="list-style-type: none"> As crises do século XIV: fome, peste e guerra. A crise económica e social e os conflitos sociais. A crise económica, social e política em Portugal, a revolução de 1383 e a afirmação da identidade nacional. Autoavaliação.
<p>Professor: Jorge F. R. Tomé</p>	<p>Conteúdo: 4.2 – As crises do século XIV</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Crise económica e conflitos sociais. ○ Revoltas nos campos e nas cidades. ○ A crise do século XIV em Portugal. ○ A revolução de 1383 e a formação da identidade nacional. 	<p>Turma 7ºC</p>	
<p>Data: 04\ junho \ 2015</p>			

Indicadores de Aprendizagem	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Avaliação
<p><i>Identificar a Guerra dos Cem Anos como o principal conflito europeu do século XIV, apontar o aumento demográfico, a escassez de áreas cultiváveis, as mudanças climáticas e a destruição causada pelas guerras como causas das fomes que grassaram no século XIV, relacionar a expansão das doenças epidémicas com a fome, com a falta de condições de higiene e com o clima de guerra, sublinhar a importância da peste negra e o seu processo de difusão neste contexto e contextualizar o aparecimento de movimentos milenaristas.</i></p> <p><i>Explicar as consequências demográficas e económicas da conjuntura de fome, peste e guerra, relacionar a diminuição da mão-de-obra e o abandono dos campos com a quebra de produção e com a subida dos salários, indicar as medidas tomadas pelos senhores e pelo poder régio perante a diminuição das receitas e relacionar das mesmas com os movimentos populares rurais e os conflitos urbano.</i></p>	<p>O aumento da população, relacionado com a escassez de alimentos instigada pelas crises agrícolas, que foram provocadas por condições climáticas desfavoráveis; A população subnutrida e a falta de higiene como elemento facilitador para a propagação da Peste Negra a partir de 1348, oriunda do Oriente, dizimando mais de um terço da população e as Guerras na Europa, os efeitos devastadores para as populações e a desvalorização da moeda.</p> <p>A crise económica e social impulsionada pela fome, peste e guerra, que provocou uma quebra demográfica e que levou a uma falta de mão-de-obra e a um consequente aumento de salários.</p> <p>A quebra de produção e a inflação como impulsionadores do aumento de impostos e do estabelecimento de leis que proibiam o abandono nos campos por parte do povo, que levaram o mesmo a revoltas rurais e urbanas.</p>	<p>Leitura silenciosa dos textos da página 181 do manual do aluno e construção de um esquema triangular no quadro negro, apoiado no diálogo vertical e horizontal com os alunos.</p> <p>Divisão da turma em 3 e atribuição de 3 objetos de estudo: o povo, os senhores e os doentes de peste, seguida da leitura silenciosa dos textos da página 183 e de uma esquematização dos conteúdos no quadro negro, com o suporte dos diferentes grupos selecionados para o efeito.</p>	<p>PowerPoint</p> <p>Projektor</p> <p>Manual</p> <p>Imagem</p> <p>Quadro Negro</p>	<p>Observação direta</p> <p>Avaliação Continua</p> <p>Avaliação Formativa</p> <p>Participação oral e espírito crítico</p>

PLANO DE AULA

Indicadores de Aprendizagem	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Avaliação
<p><i>Caracterizar os problemas sentidos em Portugal durante o reinado de D. Fernando, relacionando-os com a situação europeia e identificar o problema da sucessão ao trono no contexto das relações entre as coroas portuguesa e castelhana.</i></p> <p><i>Descrever os momentos decisivos da afirmação da independência do Reino e relacionar a chegada ao poder de uma nova dinastia com as alterações operadas no seio da sociedade portuguesa, sobretudo ao nível da renovação da nobreza e da afirmação de certos estratos da burguesia.</i></p>	<p>A instabilidade em Portugal causada, à semelhança do resto da Europa, pela fome, peste e guerra e as controversas medidas régias que originaram revoltas populares. As guerras com Castela entre 1369 e 1383 e a crise política provocada pelos termos do tratado de Salvaterra de Magos</p> <p>A morte de D. Fernando I em 1383 e a desconfiança da maioria do povo na regência de D. Leonor Teles, que levou a tumultos em cidades e vilas e a uma conspiração que vitimou o conselheiro da mesma, o conde castelhano D. João Fernandes Andeiro, A aclamação do Mestre de Avis como “Regedor e Defensor do Reino” e a divisão da população e dos apoios a favor do Mestre de Avis ou de D. Beatriz.</p> <p>Os conflitos entre Portugal e Castela, o falhado cerco a Lisboa por parte dos castelhanos e a aclamação de D. João I como rei nas cortes de Coimbra. A incursão castelhana em 1385 e a vitória portuguesa em Aljubarrota com o apoio dos Ingleses.</p> <p>As recompensas de D. João I aos seus apoiantes – baixa nobreza e burguesia - e o surgir de uma “nova nobreza”.</p>	<p>Visualização de excertos do vídeo “As crónicas de Fernão Lopes” da plataforma online “Ensina RTP” e exploração dos mesmos, através do diálogo vertical e horizontal com os alunos.</p> <p>Continuação da exploração de excertos do vídeo “As crónicas de Fernão Lopes” recorrendo ao diálogo vertical e horizontal.</p>	<p>PowerPoint</p> <p>Projetor</p> <p>Manual</p> <p>Imagem</p> <p>Quadro Negro</p>	<p>Observação direta</p> <p>Avaliação Continua</p> <p>Avaliação Formativa</p> <p>Participação oral e espírito crítico</p>
Bibliografia		Referências Online		
<ul style="list-style-type: none"> • OLIVEIRA, Ana Rodrigues; CANTANHEDE, Francisco; CATARINO, Isabel; GAGO, Marília; TORRÃO, Paula; <i>“O fio da História – História 7º ano”</i>, Texto Editora, 2014 • Dicionário básico da Língua Portuguesa, Porto Editora, 1996 		<ul style="list-style-type: none"> • http://20.leya.com/platform/DesignModular/recursos/recursos_leya_recursos_- Acedido a 30/04/2015 às 22.00h • http://ensina.rtp.pt/artigo/d-joao-i/ - Acedido a 03/06/2015 às 22:00h • http://ensina.rtp.pt/artigo/as-chronicas-de-fernao-lobes/ Acedido a 03/06/2015 às 22:00h 		

PLANO DE AULA

<p>Escola EB 2,3 Carlos de Oliveira</p> 	<p>Tema: Tema 1 – Das sociedades recolectoras às primeiras civilizações</p>	<p>Aula nº</p>	<p>Sumário</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ A religião e a arte egípcia. ▪ Os tipos de arte no antigo Egipto: arquitetura, pintura e escultura. ▪ A relação entre os tipos de arte e identificação de alguns deles. ▪ Ficha de trabalho
	<p>Professor: Jorge F. R. Tomé</p>	<p>Conteúdo: 1.2 – Contributo das civilizações urbanas</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ A arte egípcia 	
<p>Data: ____ \ Novembro \ 2014</p>			

Indicadores de Aprendizagem	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Avaliação
Referir a afirmação de religiões politeístas, salientando a relação dos deuses com as forças da Natureza.	O politeísmo, o culto aos Deuses e o poder do faraó na sociedade egípcia.	Introdução de questões chave e diálogo vertical e horizontal com os alunos.		Observação direta
Reconhecer na arte a expressão da religiosidade do antigo Egipto – e dos grandes rios.	O politeísmo e o culto aos deuses e ao faraó através da arte. A mumificação como arte.	Continuação da exploração das questões introdutórias através do diálogo vertical e horizontal, começando a estabelecer ligação com a estratégia seguinte.	PowerPoint Projektor Manual Imagem Quadro Negro	Avaliação Continua Avaliação Formativa
Identificar os diferentes tipos de arte presentes na antiga sociedade egípcia.	A arquitetura, a pintura e a escultura como formas de arte presentes no antigo Egipto.	Exploração de um esquema gradualmente projetado no PowerPoint à medida que o diálogo com os alunos se vai desenvolvendo.		Participação oral e espírito crítico
Caracterizar sucintamente as expressões artísticas no antigo Egipto.	As construções arquitetónicas, a pintura e a escultura – os tipos de arte e qual o seu objetivo.	Continuação da exploração do esquema referenciado na estratégia anterior, explorando os objetivos dos tipos de arte.		

PLANO DE AULA

Indicadores de Aprendizagem	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Avaliação
<p>Relacionar os diferentes tipos de arte e a religiosidade egípcia.</p> <p>Reconhecer a importância da arte egípcia</p>	<p>Os templos, palácios e túmulos (arquitetura); a relação do tamanho da representação com a importância do representado e a lei da frontalidade (pintura e escultura)</p> <p>A glorificação aos deuses e ao faraó. A janela para o passado e o conhecimento transmitido através da arte egípcia.</p>	<p>Exploração de imagens relacionadas com os tipos de arte que foram abordados ao longo da aula, através do diálogo vertical e horizontal.</p> <p>Ficha de trabalho.</p>	<p>PowerPoint</p> <p>Projektor</p> <p>Manual</p> <p>Imagem</p> <p>Quadro Negro</p>	<p>Observação direta</p> <p>Avaliação Contínua</p> <p>Avaliação Formativa</p> <p>Participação oral e espírito crítico</p>
Bibliografia		Referências Online		
<ul style="list-style-type: none"> ● OLIVEIRA, Ana Rodrigues; CANTANHEDE, Francisco; CATARINO, Isabel; GAGO, Marília; TORRÃO, Paula; <i>“O fio da História – História 7º ano”</i>, Texto Editora, 2014 ● TYLDESLEY, Joyce, <i>“Antigo Egipto”</i>, Círculo de Leitores, 2007 ● <i>“Grandes Civilizações – vol.2 Egipto e civilizações pré-clássicas”</i>, Porto Editora, 2002 		<ul style="list-style-type: none"> ▪ http://antigoegito.org/rio-nilo-uma-dadiva/ - acedido a 10/10/2014 às 22:30h ▪ http://antigoegito.org/deushapi/ - acedido a 10/10/2014 às 22:40h ▪ http://antigoegito.org/calendario-egipcio/ - acedido a 10/10/2014 às 23:40h 		

Anexo V

Fichas de trabalho em ambiente de sala de aula

Nome _____ Nº _____ Turma _____

Grupo I

1. **Refere** a principal função da arte egípcia.

2. **Considera** as seguintes afirmações.

1. A religião praticada no antigo Egito era monoteísta.
2. Como no antigo Egito estava em vigor uma democracia, o Faraó era alguém como os outros.
3. As pirâmides de Gizé são 3 e foram construídas pelos faraós Miquerinos, Quéops e Quéfren.
4. A lei da frontalidade consistia em representar as pessoas completamente de frente.
5. As esculturas egípcias eram feitas em pedra ou madeira.
6. O culto aos deuses era feitos através de jantares e festas temáticas sobre arte.
7. As pirâmides de Gizé têm todas o mesmo tamanho.
8. A arquitetura não tinha qualquer relação com a pintura e escultura.
9. Os templos eram construídos para glorificar os deuses.
10. Na pintura eram pintados aspetos da vida quotidiana e cenas religiosas.

a. **Identifica** quais as afirmações falsas.

b. **Corrige** as afirmações falsas.

3. **Completa** o quadro utilizando a informação seguinte.

palácio – lei da frontalidade – estátua – templo de luxor – busto de nefertiti – julgamento dos mortos – esfinge – representação do quotidiano e religioso – pirâmide de Gizé – ideia de movimento através da posição das pernas -

Arquitetura	Pintura	Escultura

Grupo II

1) Observa as figuras seguintes.

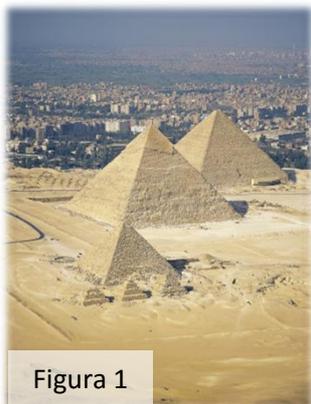


Figura 1

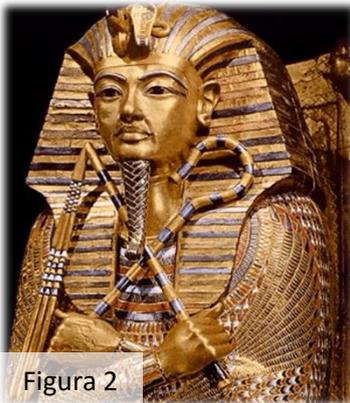


Figura 2



Figura 3

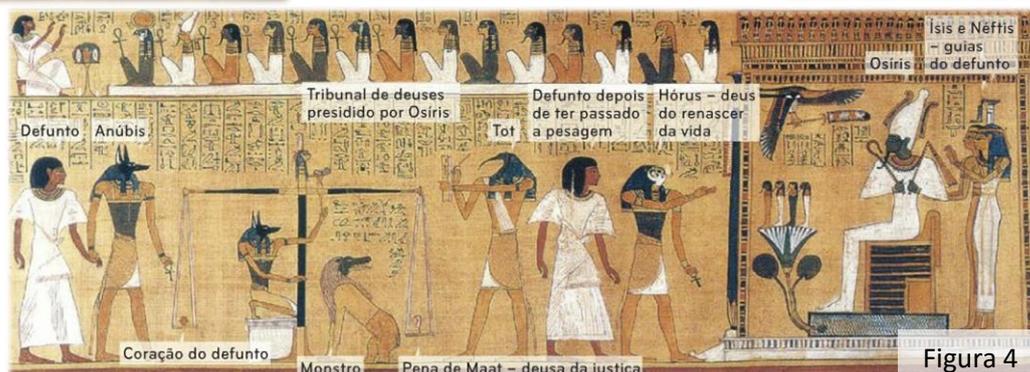


Figura 4

a. Identifica as imagens 1, 2, 3 e 4.

1 - _____ 2 - _____
 3 - _____ 4 - _____

b. Refere em que tipos de arte se inserem as figuras 1, 2, 3 e 4.

1 - _____ 2 - _____
 3 - _____ 4 - _____

Trabalho – Sociedade Medieval

Pretende-se que neste trabalho individual elabores um texto onde sejam exploradas as invasões bárbaras. Esse texto será importante para não ficares em atraso em relação a outras turmas, isto porque dia 1 de Maio é feriado e não terás aula.

Para a realização do trabalho não deverás restringir a tua pesquisa aos dados do manual, devendo procurar outras fontes de informação. Terás de referir todas as fontes que utilizaste na tua pesquisa, da mesma forma que mereces que façam referência ao teu nome se algum dia utilizarem o trabalho que realizaste.

No texto deverás ter em conta os conteúdos das páginas 114, à página 123 do manual onde encontrarás informação sobre a **sociedade medieval**, a **pirâmide social** e a **estratificação da sociedade**, as **relações feudo-vassálicas**, o **papel da igreja no ocidente europeu** e a **arte** (abordando o **estilo românico**).

Esta reflexão de três páginas deverá ser entregue na aula de história do dia 8 de Maio com tamanho de letra 12, tipo de letra Arial e espaçamento de 1,5mm. Todos os trabalhos que tenham referências bibliográficas incompletas e\ou duvidosas serão penalizados.



Anexo VI

Fichas de avaliação e questões de aula

Nome _____ nº _____ Turma _____ Classificação _____



Responde às seguintes questões de forma clara e o mais completa possível.

1. Considera o seguinte texto para responder às questões.

Como é reconhecido, no âmbito do tema Globalização Económica, o tópico das deslocalizações tem assumido uma importância central na agenda política de diversos países da União Europeia assim como nos EUA. Em particular porque que as deslocalizações apresentam consequências em matéria de emprego e, desde o início desta crise financeira internacional, que a preocupação – quer nos países europeus quer nos EUA – tem sido a de assegurar a atratividade do investimento e, simultaneamente, evitar a destruição de emprego no seu território.

Sendo movimentos geográficos de empresas que deslocam produção ou serviços para o estrangeiro, em função de fatores de atração como a qualificação e a remuneração dos recursos humanos, a qualidade dos fornecedores locais, ou as acessibilidades.

De acordo com o INE, entre 2009 e 2011, 15,3% das empresas em Portugal com mais de 100 trabalhadores deslocalizaram atividades para o estrangeiro. Relativamente ao período 2012-2015, 11,9% das empresas têm planos para realizarem 'sourcing' internacional, subindo a percentagem para os 56,4% se forem consideradas apenas as empresas que efetivamente deslocalizaram atividades entre 2009 e 2012.

Público (2014), "Deslocalizações e emprego em Portugal", 1 de Maio, página consultada a 19/11/14

1.1. Refere o fenómeno abordado no texto.

1.2. Explica em que consiste.

1.3. Indica, considerando o texto, qual a tendência da Indústria em Portugal.

1.4. Elabora um breve comentário onde consideres os principais fatores de localização da Indústria e as tendências atuais da mesma.

Nome _____ nº _____ Turma _____ Classificação _____

Responde às seguintes questões de forma clara e o mais completa possível.



1. **Considera o seguinte texto para responder às questões.**

Como é reconhecido, no âmbito do tema Globalização Económica, o tópico das deslocalizações tem assumido uma importância central na agenda política de diversos países da União Europeia assim como nos EUA. Em particular porque que as deslocalizações apresentam consequências em matéria de emprego e, desde o início desta crise financeira internacional, que a preocupação – quer nos países europeus quer nos EUA – tem sido a de assegurar a atratividade do investimento e, simultaneamente, evitar a destruição de emprego no seu território.

Sendo movimentos geográficos de empresas que deslocam produção ou serviços para o estrangeiro, em função de fatores de atração como a qualificação e a remuneração dos recursos humanos, a qualidade dos fornecedores locais, ou as acessibilidades.

De acordo com o INE, entre 2009 e 2011, 15,3% das empresas em Portugal com mais de 100 trabalhadores deslocalizaram atividades para o estrangeiro. Relativamente ao período 2012-2015, 11,9% das empresas têm planos para realizarem 'sourcing' internacional, subindo a percentagem para os 56,4% se forem consideradas apenas as empresas que efetivamente deslocalizaram atividades entre 2009 e 2012.

Público (2014), "Deslocalizações e emprego em Portugal", 1 de Maio, página consultada a 19/11/14

1.1. Refere o fenómeno abordado no texto.

Referir a deslocalização industrial.

Cotação: 3

Atribuídos 3 pontos pela referência ao termo pedido

1.2. Explica em que consiste.

Movimentos geográficos de empresas que deslocam produção ou serviços para o estrangeiro – dos países desenvolvidos para os novos países industrializados -, em função de fatores de atração como a qualificação e a remuneração dos recursos humanos, a qualidade dos fornecedores locais, ou as acessibilidades

Cotação: 6

Atribuídos 3 pontos pela referência ao movimento geográfico das empresas.

Atribuídos 2 pontos aos fatores atrativos.

Atribuídos 1 ponto pela referência aos PD e aos NPI

1.3. Indica, considerando o texto, qual a tendência da Indústria em Portugal.

A tendência das empresas em Portugal é de deslocalizar as suas atividades. De acordo com o INE de 2009 a 2011 15,3% das empresas com mais de 100 trabalhadores fizeram-no e muitas outras têm as mesmas intenções.

Cotação: 6

Atribuídos 3 pontos pelo uso de dados do texto a considerar.

Atribuídos 3 pontos pela referência à deslocalização.

1.4. Elabora um breve comentário onde consideres os principais fatores de localização da Indústria e as tendências atuais da mesma.

A tendência atual da indústria é de deslocalização, este fenómeno é suportado pela procura de países onde existe mão-de-obra numerosa com salários baixos, onde as leis laborais são menos exigentes com horários de trabalho mais alargados e com poucas normas de higiene e segurança. Além disto existem ainda incentivos fiscais e financeiros ao investimento estrangeiro e políticas de proteção ambiental mínimas.

Face á perda de empregos nos países que vêm as suas empresas partir para os NPI, começa-se a desenvolver nos PD uma indústria de ponta, com uma aposta clara nas novas tecnologias e na biotecnologia.

Cotação: 15

Atribuídos 4 pontos à referência da tendência atual.

Atribuído 1 ponto a cada fator de localização da deslocalização – em 7 possíveis.

Atribuídos 4 pontos à referência da criação da indústria de ponta em PD.

Grupo I

Grupo relativo às civilizações dos grandes rios e o antigo Egipto – 25 pontos

1. **Identifica** as 4 civilizações dos grandes rios na figura 1.

Civilização Egípcia, Civilização Mesopotâmica, Civilização do Vale do Indo e Civilização do Rio Amarelo.

→ Concedido 1 ponto a cada item num total de **4 pontos**.

2. **Refere** qual o fenómeno explícito na figura 2.

O fenómeno explícito na figura 2 são as cheias do Rio Nilo.

→ Concedidos **2 pontos** pela resposta correta.

3. **Completa** os espaços em branco.

Junto ao **Nilo** prosperou uma **agricultura** dedicada, principalmente, ao cultivo de cereais (trigo e cevada), **vinha, legumes e fruta**. Existia ainda o cultivo do **linho** que era utilizado para o fabrico de vestuário, **cordas, velas para barcos** e para enfaixar os mortos. O **papiro** que era abundante nas margens do Nilo, era utilizado para preparar uma espécie de papel ou na construção de pequenos barcos. A **pecuária** também representou o seu papel na economia egípcia com a criação de bois, **ovelhas e cabras**. Estes eram utilizados na alimentação e nos trabalhos agrícolas.

A pouco e pouco as comunidades agrícolas começaram a produzir mais do que consumiam, dando origem a **excedentes agrícolas** que podiam ser trocados por outros produtos. Com mais alimentação a população foi crescendo e o comércio também, surgindo cada vez mais especialização nas mais variadas áreas. Assim os egípcios começaram a dedicar-se também à **olaria cestaria, construção naval, metalúrgica, produção de armas, ourivesaria**, entre outros.

Devido à navegabilidade do rio Nilo a **construção naval** foi-se desenvolvendo, podendo então fazer uso do rio não apenas para a pesca e/ou caça, mas também como via de **transporte e comunicação** entre as várias regiões do Egipto.

→ Concedido um ponto por item num total de **22 pontos**.

4. **Completa** o quadro utilizando a informação seguinte.

- A. Criação de cálculo e primeiras formas de escrita devido à necessidade de registos.
- B. Fixação das primeiras comunidades agro-pastoris e aumento de produção.
- C. Desenvolvimento das técnicas de extração e transformação de metais.
- D. Progressivas diferenças sociais na população baseada na riqueza e\ou prestígio.
- E. Surgir das primeiras atividades artesanais, devido ao aumento de produção.
- F. Fabrico de materiais mais eficazes e duradouros.
- G. Aparecimento das primeiras cidades que eram centros económicos, políticos e religiosos.

Economia de excedentes	Revolução metalúrgica	Revolução urbana
B	C	A
E	F	D
		G

→ Concedido um ponto por item num total de **7 pontos**.

Grupo II (28 pontos)

Grupo relativo à sociedade e religião egípcia – 40 pontos

1. “A sociedade egípcia era dividida/**estratificada**”. Justifica esta afirmação ⁽¹⁴⁾

A sociedade egípcia era dividida/estratificada porque era constituída por diversos estratos sociais, com funções e privilégios diferentes, hierarquizada pois os diversos estratos estavam subordinados uns aos outros de acordo com a sua importância.

→ **Total de 14 pontos**

- Constituída por diversos estratos sociais, com funções e privilégios diferentes – **8 pontos**
- Hierarquizada pois os diversos estratos estavam subordinados uns aos outros de acordo com a sua importância – **6 pontos**
- (questão inexistente no teste adaptado 2)

2. “Os egípcios **julgavam os mortos**”.

a. Porquê? ⁽⁶⁾

Porque acreditavam na vida para além da morte e que a alma devia ser pura para obter a eternidade.

→ **Total de 6 pontos.**

- Porque acreditavam na vida para além da morte – **3 pontos.**
- Alma devia ser pura para obter a eternidade – **3 pontos.**

→ **Total de 10 pontos** no caso específico do teste adaptado 2, com 5 pontos em cada questão.

- b. Explica como se fazia o **Julgamento dos Mortos**. Quais as etapas porque o morto passava até chegar a Osíris? ⁽⁶⁾

O Julgamento era presidido por Osíris e o tribunal era constituído pelos 42 deuses (1). O deus Anúbis pesa o coração do morto enquanto Tot anota o resultado da pesagem (2). Se o coração pesasse mais do que uma pena de avestruz (que simbolizava a pena de Maat), significava que o defunto tinha sido mau em vida (3). Seria então devorado, se fosse bom, viveria para sempre no mundo dos mortos (4).

→ Total de **6 pontos**.

- Atribuídos **1,5 pontos** pela referência do primeiro processo **(1)**.
- Atribuídos **1,5 pontos** pela referência do segundo processo **(2)**.
- Atribuídos **2 pontos** pela referência do segundo processo **(3)**.
- Atribuídos **1 ponto** pela referência do segundo processo **(4)**.

→ Total de **10 pontos** no caso específico do **teste adaptado 2**, com 1 ponto a ser acrescentado em cada um dos 4 itens.

3. “Os egípcios foram dos primeiros povos a criar um **sistema de escrita**”

- a. O que era a escrita **hieroglífica**? ⁽⁶⁾

Um sistema de escrita criado pelos egípcios que era considerada sagrada (pois teria sido um presente dado por Tot).

→ Total de **6 pontos**.

- Atribuídos **4 pontos** pela referência a ser um sistema de escrita criado pelos egípcios.
- Atribuídos **2 pontos** pela referência a ser uma escrita sagrada.

→ Total de **11 pontos** no caso específico do **teste adaptado 2**, sendo acrescentados 2 pontos em cada questão – (7 – 4).

- b. Quem dominava este **sistema de escrita**? ⁽⁶⁾

Quem dominava este sistema de escrita eram os escribas, os sacerdotes e alguns nobres.

→ Escriba **(2)** sacerdotes **(2)** e alguns nobres **(2)** (num total de **6 pontos**)

→ Total de **9 pontos** no caso específico do **teste adaptado 2**, sendo atribuídos 3 pontos por cada item.

Grupo III

| Grupo relativo à arte egípcia – 27 pontos |

4. Refere a principal função da arte egípcia.

Glorificação dos deuses e do faraó.

→ Concedidos 2,5 pontos por cada item a referir num total de de **5 pontos**.

5. Considera as seguintes afirmações.

- | | |
|--|---|
| 1. Como no antigo Egito estava em vigor uma democracia, o Faraó era alguém como os outros. | F |
| 2. As pirâmides de Gizé são 3 e foram construídas pelos faraós Miquerinos, Quéops e Quéfren. | V |
| 3. Na pintura eram pintados aspetos da vida quotidiana e cenas religiosas. | V |
| 4. O culto aos deuses era feitos através de jantares e festas temáticas sobre arte. | F |
| 5. Os templos eram construídos para glorificar os deuses. | V |
| 6. A religião praticada no antigo Egito era politeísta. | V |
| 7. A arquitetura não tinha qualquer relação com a pintura e escultura. | F |
| 8. As esculturas egípcias eram feitas em pedra ou madeira. | V |
| 9. As pirâmides de Gizé têm todas o mesmo tamanho. | F |
| 10. A lei da frontalidade consistia em representar as pessoas completamente de frente. | F |

a. Identifica quais as afirmações falsas, preenchendo os espaços em branco.

1; 4; 7; 9; 10

→ Concedido 1 ponto por cada item num total de **10 pontos**.

→ Concedidos 2 pontos por cada item num total de **20 pontos** - no caso específico do teste adaptado 2.

b. Corrige as afirmações falsas.

1 – Não era uma democracia, o Faraó estava acima de todos, no topo da pirâmide.

4 – O culto aos Deuses era feito através da construção de templos decorados com pinturas e esculturas.

6 -

7 – A arquitetura, a pintura e a escultura têm em comum o objetivo de glorificar os Deuses.

9 – As pirâmides de Gizé têm um tamanho diferente, a pirâmide de Quéops é maior por exemplo.

10 – Na lei da frontalidade a cabeça, os pés e as pernas eram vistos de perfil.

→ Concedidos 2 ponto por cada item num total de **12 pontos**.

→ Questão inexistente no teste adaptado 2.

Nome _____ nº _____ Turma _____ Classificação _____



Responde às seguintes questões de forma clara e o mais completa possível.

Grupo I (35 pontos)

1. Identifica as 4 civilizações dos grandes rios na figura 1. (4)

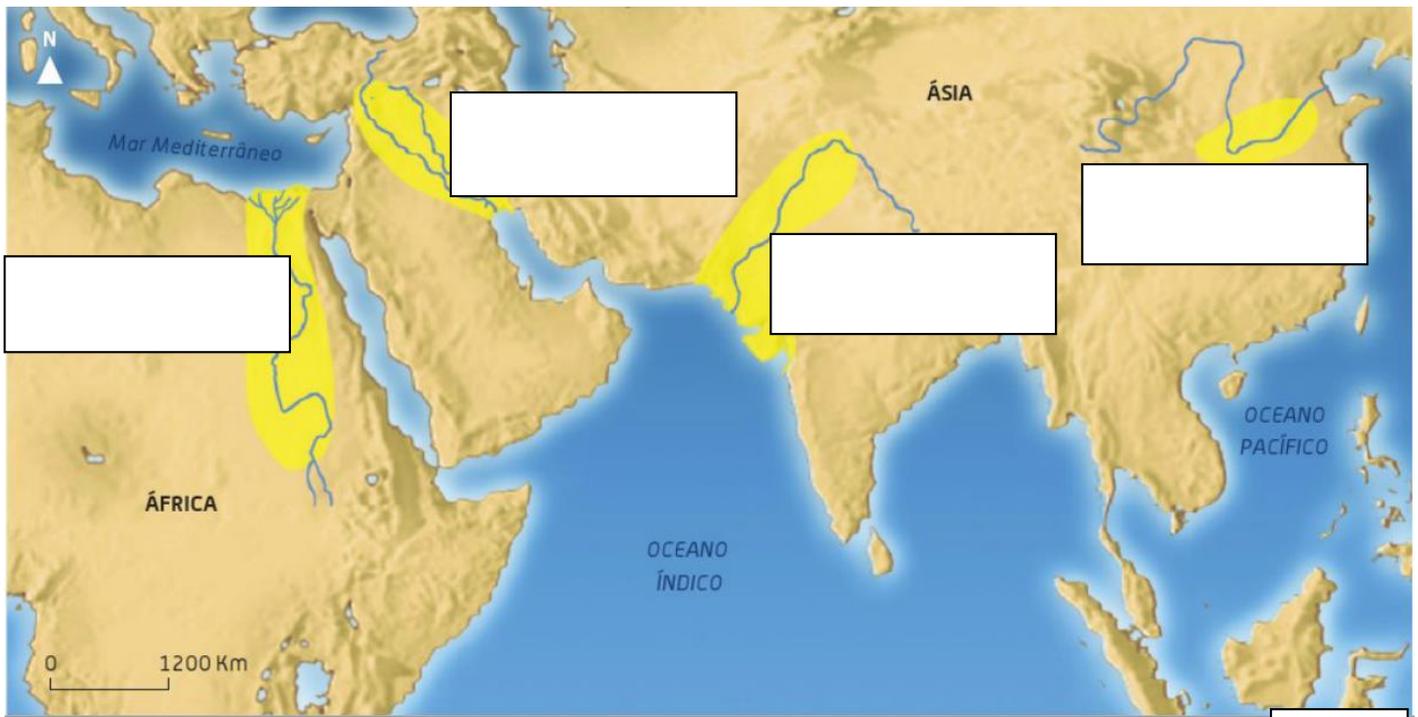


Figura 1

2. Refere qual o fenómeno explícito na figura 2. (2)

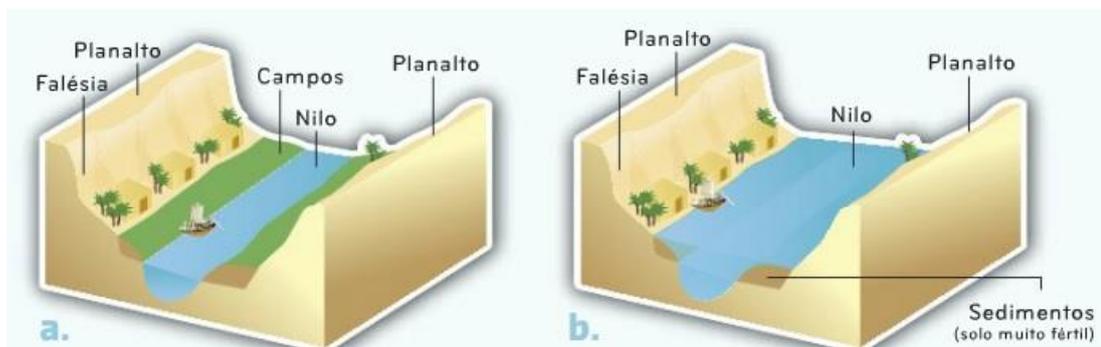


Figura 2

Grupo II (40 pontos)

1. “A sociedade egípcia era dividida/**estratificada**”. Justifica esta afirmação (16)

2. “Os egípcios **julgavam os mortos**”.



- a. Porquê? (6)

- b. Explica como se fazia o **Julgamento dos Mortos**. Quais as etapas porque o morto passava até chegar a Osíris? (6)

3. “Os egípcios foram dos primeiros povos a criar um **sistema de escrita**”

a. O que era a escrita **hieroglífica**? (6)

b. Quem dominava este **sistema de escrita**? (6)

Grupo III (25 pontos)

1. **Refere** a principal função da arte egípcia. (5)

2. **Considera** as seguintes afirmações. (10)

1. Como no antigo Egito estava em vigor uma democracia, o Faraó era alguém como os outros. ____
2. As pirâmides de Gizé são 3 e foram construídas pelos faraós Miquerinos, Quéops e Quéfren. ____
3. Na pintura eram pintados aspetos da vida quotidiana e cenas religiosas. ____
4. O culto aos deuses era feitos através de jantares e festas temáticas sobre arte. ____
5. Os templos eram construídos para glorificar os deuses. ____
6. A religião praticada no antigo Egito era monoteísta. ____
7. A arquitetura não tinha qualquer relação com a pintura e escultura. ____
8. As esculturas egípcias eram feitas em pedra ou madeira. ____
9. As pirâmides de Gizé têm todas o mesmo tamanho. ____
10. A lei da frontalidade consistia em representar as pessoas completamente de frente. ____

a. **Identifica** quais as afirmações falsas, preenchendo os espaços em branco.

b. **Corrige** as afirmações falsas. (10)

Anexo VII

Guiões de trabalhos de grupo – Aplicação didática

O território da Gândara - Paisagem

Pretende-se que neste trabalho, realizado em grupo, colabores na elaboração de um texto onde sejam apresentadas as características físicas do território da Gândara. O objetivo deste trabalho passa por conheceres melhor a história e geografia do território onde habitas, tendo ainda a possibilidade de ver o texto produzido pelo teu grupo publicado no jornal da escola - Iceberg - e num jornal local – o Aurinegra. Esse texto será importante na preparação de uma viagem de estudo durante a qual poderás estudar “in loco” alguns aspectos característicos território da Gândara.

Para a realização do trabalho não deverás restringir a tua pesquisa aos dados que forem facultados pelo professor, pois residindo no território tens a fantástica possibilidade de recorrer a imagens ou informações das pessoas locais, enriquecendo assim o teu trabalho. Deverás referir todas as fontes que utilizaste na tua pesquisa, da mesma forma que vais merecer que refiram a tua quando se basearem no trabalho que realizaste.

O teu trabalho começará com a **localização** e **delimitação** da área de estudo. Depois de apontares os limites do território de Gândara, poderás explicar o porquê da aplicação desse **topónimo**. Posteriormente terás de centrar a tua pesquisa nas principais **lagoas deste território**, nos seus **recursos hídricos**, na **evolução da linha de costa** e nas **características do solo** e da **paisagem**.

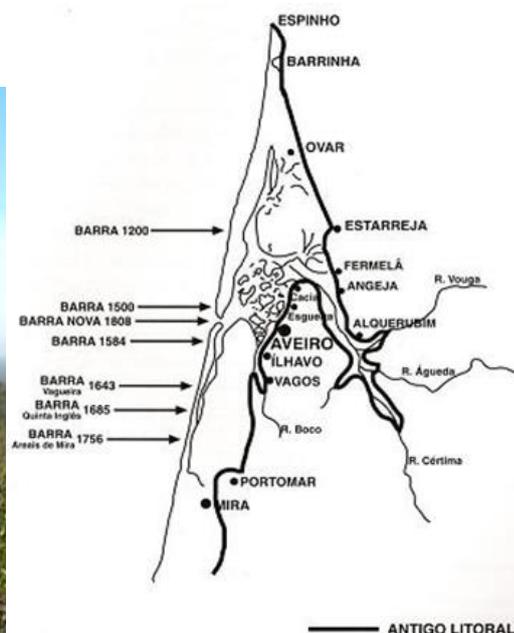


Figura 5 – Vista de um ponto elevado da Serra da Boa Viagem para a planície da Gândara

O território da Gândara - Ocupação

Pretende-se com este trabalho, realizado em grupo, colabores na elaboração de um texto onde seja apresentada a ocupação do território da Gândara. O objetivo deste trabalho passa por conheceres melhor a história e geografia do território onde habitas, tendo ainda a possibilidade de ver o texto produzido pelo teu grupo publicado no jornal da escola - Iceberg - e num jornal local – o Aurinegra. Esse texto será importante na preparação de uma viagem de estudo durante a qual poderás estudar “in loco” alguns aspetos característicos território da Gândara.

Para a realização do trabalho não deverás restringir a tua pesquisa aos dados que forem facultados pelo professor, pois residindo no território tens a fantástica possibilidade de recorrer a imagens ou informações das pessoas locais, enriquecendo assim o teu trabalho. Deverás referir todas as fontes que utilizaste na tua pesquisa, da mesma forma que vais merecer que refiram a tua quando se basearem no trabalho que realizaste.

O teu trabalho começará com a **localização** e **delimitação** da área de estudo. Depois de apontares os limites do território de Gândara, deverás falar das fases de **ocupação** do mesmo e **onde** e **quando** começaram. Posteriormente poderás analisar as mudanças mais atuais e\ou mencionar aspetos curiosos relacionados com o território.

O território da Gândara – Uso do solo e atividades

Pretende-se com este trabalho, realizado em grupo, colabores na elaboração de um texto onde sejam apresentadas conclusões sobre uso do solo e atividades do território da Gândara. O objetivo deste trabalho passa por conheceres melhor a história e geografia do território onde habitas, tendo ainda a possibilidade de ver o texto produzido pelo teu grupo publicado no jornal da escola - Iceberg - e num jornal local – o Aurinegra. Esse texto será importante na preparação de uma viagem de estudo durante a qual poderás estudar “in loco” alguns aspetos característicos território da Gândara.

Para a realização do trabalho não deverás restringir a tua pesquisa aos dados que forem facultados pelo professor, pois residindo no território tens a fantástica possibilidade de recorrer a imagens ou informações das pessoas locais, enriquecendo assim o teu trabalho. Deverás referir todas as fontes que utilizaste na tua pesquisa, da mesma forma que vais merecer que refiram a tua quando se basearem no trabalho que realizaste.

O teu trabalho começará com a **localização** e **delimitação** da área de estudo. Depois de apontares os limites do território de Gândara, convém começar por referir quais as **atividades predominantes na Gândara** ao longo dos tempos – e relaciona-las **com as características dos solos e do clima** da área de estudo.



O território da Gândara – a casa gandraesa

Pretende-se com este trabalho, realizado em grupo, colabores na elaboração de um texto onde sejam apresentadas as características e as origens da casa gandraesa. O objetivo deste trabalho passa por conheceres melhor a história e geografia do território onde habitas, tendo ainda a possibilidade de ver o texto produzido pelo teu grupo publicado no jornal da escola - Iceberg - e num jornal local – o Aurinegra. Esse texto será importante na preparação de uma viagem de estudo durante a qual poderás estudar “in loco” alguns aspetos característicos território da Gândara.

Para a realização do trabalho não deverás restringir a tua pesquisa aos dados que forem facultados pelo professor, pois residindo no território tens a fantástica possibilidade de recorrer a imagens ou informações das pessoas locais, enriquecendo assim o teu trabalho. Deverás referir todas as fontes que utilizaste na tua pesquisa, da mesma forma que vais merecer que refiram a tua quando se basearem no trabalho que realizaste.

O teu trabalho começará com a **localização** e **delimitação** da área de estudo. Depois de apontares os limites do território de Gândara, poderás fazer uma **descrição da casa gandraesa**, partindo daí para as suas **influências**, para a sua **história** e para as suas **características** – **relacionadas com o dia-a-dia do homem gandarês e com a sua forma de construção.**



Figura 1 – Casa gandraesa em Cadima (esquerda) e aproveitamento de uma fachada de casa gandraesa em Vilamar

Anexo VIII

Guiões da atividade da visita de estudo – Aplicação didática

- 09:00h – Saída da escola EB 2,3 Carlos de Oliveira
- 09:15h – Chegada à Lagoa de Mira
- 10:20h – Chegada à praia de Mira
 - Visita ao Museu Etnográfico da Praia de Mira
 - Abordagem à formação da Barrinha da Praia de Mira
- 12:30h – Almoço num parque de merendas nas proximidades
- 14:00h – Divisão do grupo em dois e visita ao Museu do território da Gândara e aos moinhos de areia do Casal de São Tomé
- 17:00h – Chegada prevista à escola EB 2,3 Carlos de Oliveira

Lagoa de Mira

- Fraco declive e dificuldade no escoamento das águas

O fraco declive geral das áreas de lagoas para o mar, que está na ordem dos 0,77%, algo que realmente não permite o escoamento de águas. (ALMEIDA, 1992).

- “Citação de campar com os sistemas dunares”

“Qualquer sistema de dunas é favorável à construção de depressões fechadas no seu interior”, no entanto, como podemos verificar na geomorfologia da Gândara, existem dunas parabólicas que são especialmente favoráveis à criação de depressões fechadas... (ALMEIDA, 1992)”

- “Constituição dos horizontes do solo”

Solos apresentam uma camada mais ou menos impermeável perto da superfície em áreas baixas e têm também uma manta freática perto da superfície. (ALMEIDA, 1992).

- Papel da guarda-florestal

O escoamento das águas foi um problema durante muito tempo em algumas épocas mais intempestivas de Inverno e hoje em dia ainda o são, se bem que menos. Para combater este problema a guarda-florestal foi de grande utilidade, pois são inúmeras as referências ao trabalho destes no escoamento de águas, no abrir de valas nestas épocas no passado, em que muitas pequenas povoações chegavam a ficar isoladas do resto do mundo durante Invernos rigorosos. (CRAVIDÃO, 1992)

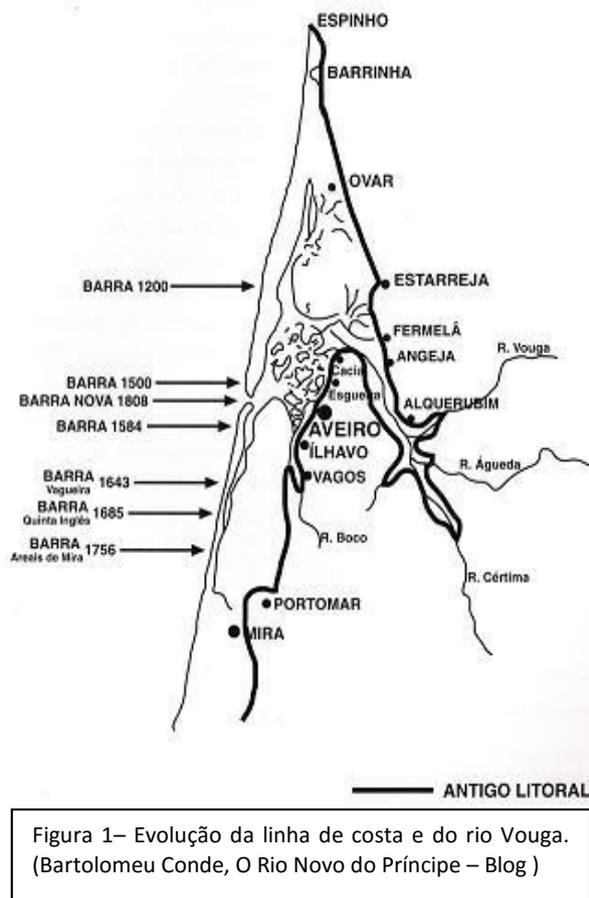
- Exemplos de lagoas existentes

Um dos ex-libris da Gândara são sem dúvida as (muitas) lagoas existentes, onde se destacam a lagoa de Mira, a lagoa das Braças, a lagoa da Vela, a lagoa da Salgueira, entre outras.

Conclusão? Formação dunar

Barrinha de Mira

- Antigo litoral



- Referência ao haff-delta de Aveiro

“A Ria de Aveiro é uma formação recente, originada pela deposição de aluviões numa extensa baía que no Século X se desenvolvia entre Espinho e o Cabo Mondego e na qual se abria um largo estuário onde desaguavam os rios Vouga, Águeda e Cértima separadamente. A planície aluvionar onde se insere encontra-se ainda em evolução morfológica drenando um conjunto de linhas de água que abarcam uma área superior àquela que é drenada pelo próprio Rio Vouga em Angeja. A zona aluvionar estende-se desde Mira, a Sul, até Ovar, a Norte, e penetra pelo vale do Vouga até Angeja. A ria ocupa, em pleno enchimento, um espelho de água com cerca de 47 km², reduzindo-se a 43 km² durante a baixa-mar. (Plano de Gestão das Bacias Hidrográficas dos rios Vouga, Mondego e Lis Integrados na Região Hidrográfica 4)

“A ria pode ser dividida em três zonas principais: o Canal de S. Jacinto - Ovar com cerca de 25 km de comprimento e que se inicia, no extremo Norte, num canal muito pouco profundo que dá origem a uma rede complexa de pequenos canais e bacias, uma zona central que inclui a foz dos rios Antuã e Vouga, e a zona Sul que inclui os canais de Ílhavo e Mira, respetivamente com sete e 14 km de comprimento e 200 e 300 m de largura máxima.” (Plano de Gestão das Bacias Hidrográficas dos rios Vouga, Mondego e Lis Integrados na Região Hidrográfica 4)

- Fecho natural da barra de Aveiro

“A ria continua sujeita a um intenso processo de assoreamento que tem vindo a ser controlado artificialmente com dragagens que permitam manter a operacionalidade do porto.” (Plano de Gestão das Bacias Hidrográficas dos rios Vouga, Mondego e Lis Integrados na Região Hidrográfica 4)

- Abertura artificial da barra de Aveiro

“Durante o Século XIX a barra foi estabilizada artificialmente, embora só já no Século XX o problema tenha sido resolvido de forma mais consistente, nomeadamente nos anos 80 do Século XX, com o prolongamento dos molhes do porto, o que aumentou os problemas de erosão costeira no troço de costa a Sul de Aveiro.” (Plano de Gestão das Bacias Hidrográficas dos rios Vouga, Mondego e Lis Integrados na Região Hidrográfica 4)

- Dinâmicas de um haff-delta

Delta → Foz de um rio que desagua no oceano através de vários canais. Forma-se devido à incapacidade das correntes marítimas em deslocar os sedimentos transportados pelos rios, contactando assim o rio com o mar através de vários canais entre pequenas ilhas de sedimentos. Exemplo disso é o Haff-Delta de Aveiro.

Conclusão? Formação Lagunar

Sabes qual o processo de formação da Barrinha da Praia de Mira? Sabes se existe outra lagoa semelhante no território da Gândara?

A atividade que vais realizar visa responder a estas questões e vais ser capaz disso mesmo depois de encontrares algumas pistas relacionadas com o tema. Na margem da barrinha encontram-se cinco excertos de informação que terás que encontrar. Cada caixa branca tem além da informação que tens de guardar – retirando um papel e voltando a esconder o recipiente no mesmo local -, um brinde para o primeiro grupo que a descobrir. O que é pretendido é juntar a informação disponível e no final conseguir explicar como se formou a Barrinha da Praia de Mira e outras lagoas semelhantes (isto se verificares que existem).

Para conseguires chegar à informação as pistas são as seguintes:

- 1B – Algures de frente ao parque de campismo, rigorosamente no meio da natureza.
 - 2B – Debaixo de uma consequência do mau tempo encontrarás mais um elemento para explicar a formação da Barrinha.
 - 3B – Depois de passares uma das “pontes” que te ligam a esta “pequena ilha”, encontrarás a caixa 3B.
 - 4B – Se conseguires referir no Museu Etnográfico qual foi o processo de formação da Lagoa de Mira terás acesso à informação.
 - 5B – De frente às gaivotas e numa nova casa a caixa 5B esconde-se do temporal dos últimos dias.
-

Sabes qual o processo de formação da Barrinha da Praia de Mira? Sabes se existe outra lagoa semelhante no território da Gândara?

A atividade que vais realizar visa responder a estas questões e vais ser capaz disso mesmo depois de encontrares algumas pistas relacionadas com o tema. Na margem da barrinha encontram-se cinco excertos de informação que terás que encontrar. Cada caixa branca tem além da informação que tens de guardar – retirando um papel e voltando a esconder o recipiente no mesmo local -, um brinde para o primeiro grupo que a descobrir. O que é pretendido é juntar a informação disponível e no final conseguir explicar como se formou a Barrinha da Praia de Mira e outras lagoas semelhantes (isto se verificares que existem).

Para conseguires chegar à informação as pistas são as seguintes:

- 1B – Algures de frente ao parque de campismo, rigorosamente no meio da natureza.
- 2B – Debaixo de uma consequência do mau tempo encontrarás mais um elemento para explicar a formação da Barrinha.
- 3B – Depois de passares uma das “pontes” que te ligam a esta “pequena ilha”, encontrarás a caixa 3B.
- 4B – Se conseguires referir no Museu Etnográfico qual foi o processo de formação da Lagoa de Mira terás acesso à informação.
- 5B – De frente às gaivotas e numa nova casa a caixa 5B esconde-se do temporal dos últimos dias.

Ano Letivo 2014 / 2015	Projecto de Visita de Estudo
Objetivos do Projeto Educativo B.5.1 (Eixo orientador b)	
1. Turmas envolvidas: 8ºB e 9ºB	
2. Número de participantes:	
2.1. Alunos 35;	
2.2. Professores 3	
3. Objectivos Programáticos:	
3.1. Consolidar alguns dos conteúdos programáticos da disciplina de Geografia.	
3.2. Conhecer a história e património cultural da Gândara.	
3.3. Explorar a formação do território da Gândara, as suas características.	
3.4. Explorar as formas do litoral.	
3.5. Conhecer o património natural da Gândara.	
4. Local / Locais a visitar:	
Paisagem do litoral / dunar / lagoas	
Museu Etnográfico da Praia de Mira	
Museu do território da Gândara – Mira	
Moinhos de areia - Mira	
5. Data: 16 / 04 / 2015	
6. Horários e locais a visitar:	
9:00h - Saída da escola	
9:15h – chegada à Lagoa de Mira	
10:15h – Chegada à Barrinha da Praia de Mira	
11:00h Chegada ao Museu Etnográfico da Praia de Mira	
12:30/13:30 - Pausa para almoço no parque de merendas da Praia de Mira	
14:00h/17:00h - Museu do território da Gândara – Mira	
14:00h/17:00h - Moinhos de areia - Mira	
7. Transporte a utilizar: AUTOCARRO CEDIDO PELA C. M. CANTANHEDE	
8. Entidades contatadas:	
8.1 Museu Etnográfico da Praia de Mira; 8.2 Museu do território da Gândara – Mira	
9. Material de Estudo / de Apoio ou a recolher:	
10. Necessidade de credenciais da escola: Sim Não <input type="checkbox"/> 10.1. Quantidade 0;	
10.2. Entidades:	

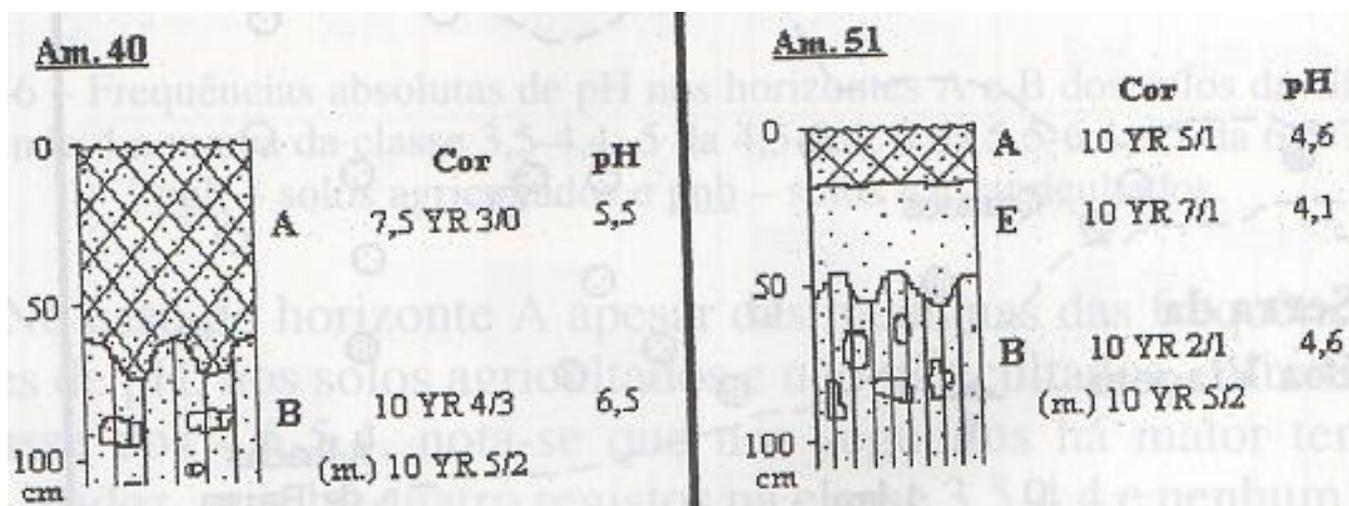
Escola EB 2,3 Carlos de Oliveira, Febres, 10 de abril de 2015

O(A)s professores(as) responsáveis	Disciplinas
Jorge Tomé (Professor estagiário)	Geografia / História
Ana Bastos (Professora estagiária)	Geografia / História
João Fernandes	Geografia

Anexo IX

Figura 48 da página 154 da obra “Dunas de Quiaios, Gândara e da Boa Viagem: uma abordagem ecológica da paisagem”

Solos-tipo da Gândara, quando Agricultados (Am. 40) ou não-Agricultados (Am. 51) (Por António Campar de Almeida)



Anexo X

Publicação de trabalho de grupo no Jornal Aurinegra

Edição de Setembro\2015

O AURINEGRA NAS ESCOLAS, AS ESCOLAS NO AURINEGRA

Trabalhos sobre a Gândara da autoria de estudantes

Dando cumprimento à sua ligação à sociedade, em termos gerais, e em particular à interação com as escolas (que há muitos anos mantém) o AuriNegra aceitou a uma proposta de cooperação que nos foi apresentada por Jorge Filipe Tomé, docente estagiário da Escola EB 2,3 Carlos Oliveira, de Febres (pertencente ao Agrupamento de Escolas Lima de Faria). Assim, o referido docente solicitou-nos a publicação de alguns textos da autoria dos seus alunos da disciplina de Geografia no ano lectivo findo, com a seguinte temática geral: "Gândara –

Determinantes naturais e ocupação do território".

Esta actividade serviu também como aplicação didáctica do relatório de estágio de Jorge Tomé, no âmbito do Curso de Mestrado em Ensino de História e de Geografia no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, que apresentou à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Hoje publicamos o primeiro desses trabalhos.



O território da Gândara - Uso do solo e actividades

O Centro Litoral de Portugal inclui a sub-região da Gândara, no sentido Sul/Norte, começando aproximadamente na Serra da Boa Viagem até aos arredores de Vagos, estando o concelho de Mira incorporado na totalidade. Figueira da Foz, Cantanhede, Montemor e Vagos têm importantes influências desta área.

A agricultura era uma das mais importantes actividades desta região. A ceifa, a debulha e a seca dos cereais e das palhas eram trabalhos demorados. Os instrumentos mais utilizados na prática desta actividade eram a foice, que era usada para cortar os cereais, o arado, que servia para lavar a terra, a enxada, para cavar, e o foicinho, para alisar. Os solos eram ácidos, bastante pobres em húmus. Muitos agricultores usavam o estrume dos seus animais para fertilizar os campos de cultivo. Para o fazer, utilizavam a estrumeira onde se ia depositando

mató, junco e excrementos. Além disso, utilizavam também os barcos rudimentares (os matolas) para a recolha do molicho que se baseava em apanhar engenhosamente as algas nas lagoas e no mar para depois serem usadas como fertilizantes. Este processo assemelhava-se à compostagem dos nossos dias.

O gado bovino era uma forte ajuda para o dia-a-dia do camponês. As vacas ao serem expostas ao trabalho duro que os seus donos as sujeitavam, puxar carroças e a lavar a terra, tinham como consequência uma fraca produção de leite. Os produtores de leite ao perceberem que este problema se mantinha arrançaram uma solução. A criação de ordenhas foi a solução. Surgiram na década de 60, várias cooperativas de leite na área gandraesa que mostraram a importância deste sector produtivo neste território. A partir dos anos 70 houve um aumento significativo

e uma grande melhoria nas condições de produção. Aqui, as vacas não eram sujeitas a nenhum tipo de trabalho, podendo dar, assim, leite de qualidade.

Entretanto, foram plantados pinhais que ajudaram imenso na fixação das dunas. Foi um trabalho árduo e incrivelmente difícil. As dunas de todo o litoral gandraés são o resultado recente de uma extraordinária obra do povo de Mira e dos serviços florestais de então que, durante a primeira metade do século XX, através de sementeiras e plantações, transformaram terrenos incultos de areias em florestas produtivas. O objectivo inicial foi a protecção dos campos agrícolas, de povoações e das lagoas que as areias, transportadas pelos ventos marítimos, iam soterrando. Tem como principais personagens o Regente Florestal Manuel Alberto Rei, os Serviços Florestais e o laborioso e incansável povo de Mira

que, transformaram as dunas numa das maiores manchas verdes costeiras de Portugal.

A pesca, denominada por pesca de arrasto, era uma forte actividade na zona de Mira devido a esta se encontrar numa zona costeira. Tocava-se um búzio para avisar todos os pescadores que estava na altura de ir para o mar. O barco era grande constituído por quatro remos com dez pessoas em cada um, todos a trabalhar para o mesmo objectivo. Afastavam-se cerca de três milhas com redes à volta do barco para apanhar o peixe. Ao afastarem-se iam largando a rede que ia formando um semicírculo, criando um saco que arrastava os peixes para terra. No regresso à costa, os homens que lá se encontravam, à beira mar, puxavam as redes com a força dos braços e com a ajuda dos bois, para recolherem todo o peixe pescado. Depois de separado, era vendido publicamente na praia ou

era levado para as lotas. Hoje em dia, este tipo de pesca já não é muito frequente mas há quem ainda o pratique. Actualmente, os barcos são mais pequenos, muito mais eficientes e com motor, transportando cerca de três a seis pescadores.

A ourivesaria era o ofício mais predominante na freguesia de Febres. Conhecida pelos ourives ambulantes, que utilizavam as suas bicicletas para transportar o ouro numa "caixa forte" na parte de trás da sua bicicleta, passou a ser conhecida como a "Terra do Ouro".

Para concluir, o Homem teve uma grande importância na modelação da Gândara. Fez grandes feitos que marcaram toda a gente que assistiu à grande evolução do território gandraés. Fizeram o "milagre" de transformar uma zona dunar num solo fértil.

Trabalho realizado pelos alunos
Ana Pinho, David Vitoriano,
Luana Afonso, Tânia Ferreira

Publicação de um dos trabalhos de grupo no Jornal Aurinegra, pág. 8 da edição 308.

